

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO



1290003150



FE
TCC/UNICAMP Ar15p

MARIANA PUCCA ARAUJO

**PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE LEITORES:
HISTÓRIAS DE MEDIAÇÃO MAL SUCEDIDAS**

3456789

CAMPINAS

2006

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MARIANA PUCCA ARAUJO

**PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE LEITORES:
HISTÓRIAS DE MEDIAÇÃO MAL SUCEDIDAS**

Monografia apresentada à Faculdade de
Educação da UNICAMP, para obtenção
do título de Licenciado Pleno em
Pedagogia, sob a orientação do Prof. Dr.
Sérgio Antônio da Silva Leite

CAMPINAS

2006

© by Mariana Pucca Araújo, 2006.

UNIDADE:	FE
Nº CHAMADA:	1100000
V:	EX:
TOMBO:	3150
PROC.:	145107
C:	D: X
PREÇO:	
DATA:	27/03/07
Nº CPD:	134

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Araújo, Mariana Pucca.
Ar15p Processo de construção de leitores : histórias de mediação mal sucedidas /
Mariana Pucca Araújo. -- Campinas, SP : [s.n.], 2006.

Orientadores : Sérgio Antônio da Silva Leite.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Afetividade. 2. Leitura. 3. Mediação pedagógica. I. Leite, Sérgio Antônio
da Silva. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação.
III. Título.

06-736-BFE

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Sérgio Antônio da Silva Leite

Prof. Dr. Ezequiel Theodoro a Silva

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Sérgio Leite, meu professor inesquecível, pelo qual tive o prazer de ser orientada, não somente na elaboração do TCC, mas durante toda minha graduação. Agradeço de coração pela amizade sincera e pelos ensinamentos jamais esquecidos. Sentirei saudades dos tempos de aulas e secretaria do Proesf.

Ao Prof. Ezequiel Theodoro da Silva, pela simpatia e disponibilidade com que aceitou ler o presente trabalho. Agradeço carinhosamente sua imensa colaboração.

Aos sujeitos participantes, que compartilharam comigo suas histórias de vida, nem sempre alegres, mas com exemplos que levarei para toda a vida.

Ao meu pai, Antônio, por ser modelo e exemplo de ser humano a ser seguido. Meu principal mediador, aquele que me ensinou a interpretar, resignificar um texto. Quando era criança, não aceitava suas críticas construtivas, mas, hoje, percebo o quanto foram importantes e eis aqui o resultado. Junto comigo, você faz parte deste trabalho.

À minha mãe, Angélica, pelo apoio e por sempre proporcionar condições para que eu alcançasse uma boa formação. Devo a você todo o meu sucesso e minha gratidão. Obrigada por ser um anjo em minha vida, me acompanhando em todos os momentos, inclusive nos almoços em época de estágios.

Ao meu namorado Eduardo, pelo amor, paciência e carinho dispensados. Obrigada pelos finais de semana de incentivo, pelas viagens adiadas, mas que valeram a pena. Você me deu força nos momentos em que eu mais precisava, sempre acreditando no meu potencial e na minha profissão.

Aos primos Guilherme, Juliana, Roberto e Caroline, pela torcida e pelos votos de sucesso. Finalmente, terminei!

Ao tio José Carlos, à tia Jandira e à tia Sônia, pelo exemplo de sucesso e dedicação à Educação.

Ao Carlos e à Ine pela torcida e carinho dispensados.

Às amigas Giselle, Joyce, Juliana, Cristiane, Denise, Samanta, Andréa, Carla, Mônica, Máira, Julia, Marina, Paloma, Clarissa, Natália e Leticia. Vocês fizeram esses 4 anos de convivência serem muito mais especiais. Obrigada por tudo.

À Prof. Ângela Soligo e à Profa. Elisabete Pereira. Tive o imenso prazer de conviver diariamente com estas pessoas maravilhosas. São exemplos a serem seguidos.

Aos funcionários da FE, Márcia, Teresa, Vera, Marta, Luciane, Taísa, Mike, Malu, Roberta, Luciana, Seu Osmar e D. Ana. Muito obrigada pela amizade.

RESUMO

O presente trabalho descreve uma pesquisa relacionada a histórias de mediação, que envolvam o sujeito e a leitura, buscando identificar de que forma tais experiências puderam influenciar de maneira negativa na constituição do sujeito enquanto leitor.

Buscou-se identificar, analisando a fala dos quatro sujeitos entrevistados, a função que os agentes mediadores - família, escola, amigos - desempenham no estabelecimento de uma relação negativa entre os sujeitos e a leitura. Em outras palavras, deu-se ênfase nos aspectos afetivos, presentes na narrativa das histórias de vida dos sujeitos, em que eles expressam, em falas repletas de sentimentos, sua aversão à leitura e de que forma este sentimento foi constituído. O referencial teórico é o da abordagem histórico - cultural do desenvolvimento humano, mais especificamente, as contribuições de Wallon e Vygotsky. Considera-se o sujeito enquanto ser ativo e complexo, constituído por dimensões cognitivas, motoras e afetivas - associadas entre si -, sendo que estas marcam as relações que o sujeito estabelece com os objetos culturais e com o mundo.

Assume-se que, nas situações de mediação, está presente, além das dimensões cognitivas e motoras, a dimensão afetiva e que a qualidade da interação que se estabelece entre o sujeito e o objeto (leitura) é determinada pela natureza das relações que este vivenciou com os agentes mediadores da cultura. Optou-se pela metodologia qualitativa, pois, através dela, o fenômeno pode ser melhor caracterizado e entendido no contexto social em que está inserido.

Através de entrevistas realizadas com jovens sujeitos, que já finalizaram ou estão por finalizar o Ensino Fundamental, buscou-se entender o processo de (des)construção dos sujeitos enquanto leitores, observando os dados coletados e tentando discutí-los a partir da base teórica adotada.

“Os verdadeiros analfabetos são os que aprenderam a ler e não lêem.”

Mário Quintana

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	5
2.1 TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL	5
2.2 LEITURA	7
3. MÉTODO	9
3.1 SELEÇÃO DOS SUJEITOS	11
3.2 CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS	14
3.3 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS	17
4. ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS – OS SUJEITOS E SUAS HISTÓRIAS DE MEDIACÕES AVERSIVAS	20
4.1 MARIA: UMA HISTÓRIA DE LEITURA MARCADA PELA OBRIGATORIEDADE E RACISMO	21
4.1.1 RELACIONAMENTO COM A LEITURA, AMBIENTES E HISTÓRIA DE MEDIÇÃO MAL SUCEDIDA	21
4.1.2 FAMÍLIA	24
4.1.3 ESCOLA	27
4.2 DANIEL: A DIFICULDADE NA LEITURA E A TIMIDEZ PREJUDICARAM SUA FORMAÇÃO ENQUANTO LEITOR	30
4.2.1 RELACIONAMENTO COM A LEITURA, AMBIENTES E HISTÓRIA DE MEDIÇÃO MAL SUCEDIDA	30
4.2.2 FAMÍLIA	31
4.2.3 ESCOLA	33
4.3 CARLA: UMA VIDA DE MUITA GARRA ASSOCIADA À FALTA DE INCENTIVO À LEITURA	36
4.3.1 RELACIONAMENTO COM A LEITURA, AMBIENTES E HISTÓRIA DE MEDIÇÃO MAL SUCEDIDA	36
4.3.2 FAMÍLIA	38

4.3.3 ESCOLA	41
4.3.4 CURSO PRÉ-VESTIBULAR	45
4.3.5 CURSO DE TEOLOGIA	46
4.4 FLÁVIA: AS AGRESSÕES FORAM A BASE DE TODA SUA AVERSÃO À LEITURA	48
4.4.1 RELACIONAMENTO COM A LEITURA, AMBIENTES E HISTÓRIA DE MEDIÇÃO MAL SUCEDIDA	48
4.4.2 FAMÍLIA	49
4.4.3 ESCOLA	49
5. DISCUSSÃO	52
5.1 CONCLUSÃO	65
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	67
ANEXOS	69
ANEXO 1	70
ANEXO 2	71
ANEXO 3	72
ANEXO 4	80
ANEXO 5	84
ANEXO 6	89

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho descreve um estudo que analisa histórias de mediação que envolvem o sujeito e a leitura, buscando identificar de que forma tais vivências marcaram aversivamente a constituição do sujeito enquanto leitor.

A partir de histórias de vida de quatro sujeitos entrevistados, que se assumiram como indivíduos com aversão à leitura, buscou-se identificar o papel que os agentes mediadores, como a família, a escola e os amigos, desempenharam durante o processo de formação do leitor na construção de uma relação negativa entre o sujeito e a leitura.

Toma-se como base o princípio de que o homem é um ser fundamentalmente social e que, através da interação com o outro, ele constrói sua identidade e sua função no contexto social em que está inserido, além de possibilitar o contato com os objetos culturais.

Dessa forma, o conceito de *mediação* torna-se imprescindível para o presente estudo, já que a qualidade das interações entre sujeito e objeto (leitura), mediadas pelos agentes mediadores, determinará a natureza da relação estabelecida com os objetos culturais e conhecimentos apresentados. Em outras palavras, o sucesso da relação entre sujeito e leitura irá depender da mediação experienciada pelo sujeito, ou seja, se o indivíduo vivenciar uma história de maneira prazerosa com o mundo da leitura, é muito mais provável que se torne um bom leitor; mas, caso o indivíduo for introduzido à leitura de maneira obrigatória, impositiva ou que não desperte seu interesse para com os livros, há uma grande possibilidade de estabelecer-se uma relação aversiva entre sujeito e leitura.

O processo de *internalização*, por sua vez, pressupõe uma série de transformações relacionadas ao âmbito social e individual, pois, de acordo com VYGOTSKY (1994), "*todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro, no*

nível social e, depois, no nível individual: primeiro entre pessoas (interpsicológica) e, depois, no interior da criança (intrapsicológica)” (p. 75).

Neste sentido, entende-se a leitura como um objeto cultural que assume, na sociedade atual, um papel de extrema importância, pois através dela o sujeito pode libertar-se do senso comum e desenvolver habilidades que promovam a capacidade crítica, reflexiva e interpretativa do mundo.

Tendo como referencial teórico a abordagem histórico cultural, presente nos estudos de WALLON e VYGOTSKY, a pesquisa assume a idéia de que o sujeito é constituído por dimensões associadas entre si, que determinam o processo de desenvolvimento humano, sendo as mesmas cognitivas, afetivas e motoras, que o caracterizam enquanto indivíduo complexo e ativo.

Segundo LEITE (2006, p. 16-17), devido à concepção dualista do homem (razão versus emoção), a dimensão afetiva, embora nunca tenha sido negada, não tem recebido a devida atenção nos processos de constituição humana. Durante séculos, o pensamento dominante considerou a razão como a dimensão mais importante, caracterizando a emoção como responsável pelas reações inadequadas do ser humano em vários momentos históricos.

O autor cita que se pode reconhecer que, até o século XX, a idéia de que a razão deve controlar e dominar a emoção predominou, sendo que instituições educacionais como a família e a escola, teriam a função de proporcionar a aplicação dessa máxima no processo de desenvolvimento do ser humano. Entretanto, devido ao surgimento de novas concepções teóricas baseadas em aspectos culturais, históricos e sociais, o papel da dimensão afetiva passou a ser revisto, assim como o dualismo razão/emoção. *“A partir da ampliação dos conhecimentos sobre a emoção e seus complexos processos de constituição, o conceito de homem centrado apenas na dimensão racional, típico da visão cartesiana, vem sendo revisto, em direção a uma concepção monista de constituição do ser humano, em que afetividade e cognição passam a ser interpretadas como dimensões indissociáveis do mesmo processo, não sendo mais aceitável analisá-las isoladamente”* (LEITE, 2006, p. 17).

Posto isto, no presente estudo, as histórias de vida dos sujeitos, em que narram sua mediação mal sucedida com a leitura, são notadamente marcadas por conteúdos afetivos

- como demonstram suas falas repletas de sentimentos -, refletindo sua aversão à leitura e a forma com que este sentimento foi constituído.

Utilizando-se da metodologia qualitativa, de entrevistas recorrentes, o fenômeno pôde ser melhor caracterizado e entendido no contexto social em que está inserido. Através de entrevistas gravadas, realizadas com jovens sujeitos que já finalizaram ou estão por finalizar o Ensino Fundamental e que se reconhecem como pessoas com aversão à leitura, buscou-se investigar e entender o processo de (des) construção dos sujeitos enquanto leitores, observando os dados coletados, recortando a história de vida de quatro sujeitos e tentando discuti-los a partir da base teórica adotada.

É importante ressaltar o perfil do sujeito analisado nesta pesquisa: um indivíduo que apresenta uma forte relação aversiva com a leitura, pois não a realiza de maneira autônoma, ou seja, não mantém o hábito da leitura por prazer ou interesse próprio. Os sujeitos analisados encaram a leitura como uma atividade de caráter obrigatório que, quando realizada, é porque o indivíduo foi forçado por algum outro indivíduo ou situação. Muitas vezes, nem pela obrigatoriedade ou estipulação de uma regra externa, ele consegue ler, devido à intensidade de seu sentimento aversivo. Além disso, todos os quatro sujeitos apresentam histórias de mediação mal sucedidas, sendo que foram introduzidos ao universo da leitura, mediados por outros indivíduos, de maneira forçada, através de punições morais e físicas, o que acarretou na atual situação.

Dessa forma, a pesquisa está organizada em cinco capítulos, sendo que na presente introdução são apresentados os objetivos e a justificativa deste estudo, dando ênfase na importância da dimensão afetiva para a análise do fenômeno que se pretende estudar.

No capítulo seguinte – Fundamentações Teóricas – apresenta-se, inicialmente, a abordagem histórico-cultural, referencial teórico em que toda a pesquisa está embasada, e posteriormente, as concepções de leitura que serão desenvolvidas, relacionando afetividade e o processo de formação do sujeito enquanto leitor.

No terceiro capítulo, descreve-se a metodologia utilizada (história de vida e entrevistas), além de explicitar a seleção e caracterização dos sujeitos que serão analisados e o processo de coleta dos dados desenvolvido.

No capítulo Análise dos Dados e Resultados – Os sujeitos e suas histórias de mediações aversivas - reúnem-se os recortes das falas mais relevantes das histórias de

vida dos sujeitos, em que se situam as experiências negativas relacionadas à leitura e onde expressam seus sentimentos que contribuirão para a compreensão do fenômeno.

O quinto e último capítulo – Discussão – será o momento em que dados e teoria serão relacionados, em que uma tentará dar suporte a outra, articulando ambos os eixos de maneira que fique claro o processo de (des)construção do sujeito enquanto leitor e as experiências mais significativas no estabelecimento de uma relação aversiva entre sujeito e leitura, demonstrando a importância da afetividade na interação com o outro e na mediação entre um indivíduo e um objeto do conhecimento.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL

O ser humano é essencialmente social, já que é através da mediação do outro, do signo e das interações sociais que se constitui como sujeito, interagindo dialeticamente com a cultura. Dessa forma, o homem depende da interação com o outro, que envolve um processo de trocas cognitivas e afetivas, para constituir-se no meio social e cultural.

O conceito de *mediação*, um dos principais conceitos da teoria sócio-histórica, foi desenvolvido por Vygotsky (1994) e seus colaboradores, afirmando que o sujeito constitui-se através e na interação com o meio em que vive, com os objetos culturais, não sendo esta uma interação direta, mas mediada pelo outro, pelos instrumentos e pela linguagem (signo).

É através da interação com o outro que o homem internaliza a cultura e se constitui. O processo que propicia a reconstrução interna (intrapsicológica) de um processo externo (interpsicológico) é denominado de *internalização*. Dessa forma, o desenvolvimento humano ocorre em um movimento de fora para dentro.

Neste ínterim, pode-se concluir que o outro, além das relações sociais estabelecidas, possui um papel fundamental na constituição do sujeito enquanto ser humano, o que também inclui a constituição do sujeito enquanto leitor, por ser a leitura um objeto cultural.

Para WALLON (1968), toda interação, por pressupor uma relação entre pessoas, é permeada por conteúdos afetivos e essa mesma interação permitirá que o indivíduo, através da convivência com o outro, possa construir o seu universo simbólico pessoal, que o definirá enquanto sujeito único, imbuído de representações próprias.

Para este autor, as dimensões cognitivas e afetivas caminham juntas no processo de construção do conhecimento pelo sujeito, o que resultará na formação de sua subjetividade. Segundo WALLON (1968), a emoção, entendida como um ato orgânico que envolve a expressão corporal, é o principal e primeiro contato estabelecido entre a criança e o mundo físico e social, já que é através do choro (emoção) que ela expressa suas necessidades primordiais, como calor, frio, sede e fome, que são atendidas por serem interpretadas por sua mãe ou um adulto. Dessa forma, a emoção impulsiona as primeiras interações da criança com o outro. A afetividade – conceito mais amplo, já que incorpora as emoções e os

sentimentos com raízes psicológicas e por serem estes estados subjetivos mais duradouros e menos biológicos do que as emoções, mas constituída a partir delas – assume o papel tanto de comunicação como de sobrevivência (GROTA, 2000).

Assim, transformando-se em movimentos intencionais, através da interação com o outro, da interpretação deste e, conseqüentemente, da satisfação de suas vontades, os movimentos da criança passam a apresentar um significado, possibilitando a transição da emoção para o desenvolvimento da afetividade, que *“além de envolver um componente orgânico, corporal, motor e plástico, que é a emoção, apresenta também um componente cognitivo, representacional, que são os sentimentos e a paixão”* (DÉR, 2004, p.61 apud LEITE).

Neste sentido, WALLON defende a idéia de que o ser humano é composto por três grandes, importantes e indissociáveis dimensões: cognitiva, motora e afetiva, sendo que todas encontram-se entrelaçadas e ativas durante toda a história de vida do sujeito. *“No estrito entrelaçamento entre afetividade e cognição, as conquistas do plano afetivo são absorvidas pelo plano cognitivo, e vice-versa”* (LEITE, 2006, p.21).

Dessa forma, entende-se que emoção e inteligência estão presentes, em mútuo e contínuo movimento na constituição do indivíduo; em certos momentos, a presença de um pode predominar sobre o outro, mas nunca há a presença de apenas uma dessas linhas de desenvolvimento.

VYGOTSKY (1993) afirma que separar afeto e cognição *“enquanto objetos de estudo, é uma das principais deficiências da psicologia tradicional, uma vez que esta representa o processo de pensamento como um fluxo autônomo de ‘pensamentos que pensam a si próprios’, dissociados da plenitude da vida, das necessidades e dos interesses pessoais, das inclinações e dos impulsos daquele que pensa”* (p.6).

De acordo com WALLON e VYGOTSKY, através das interações sociais e a qualidade afetiva em que estas ocorrem, será constituído o processo de desenvolvimento do sujeito e a relação deste com os objetos culturais, no caso do presente estudo, com a leitura. Nas palavras de GROTA (2000), *“pode-se afirmar que um sujeito se constitui, define seu modo de ser-no-mundo, a partir da internalização das relações sociais que vivencia e da qualidade afetiva que perpassa tais relações. São os fenômenos afetivos que marcam a*

qualidade das interações sociais e transferem à internalização dos objetos culturais um sentido afetivo” (p. 25).

Neste contexto, a partir dos pressupostos teóricos de VYGOTSKY e WALLON, pode-se afirmar que ambos apresentam idéias em comum, já que assumem que as manifestações orgânicas vão evoluindo à medida que o sujeito desenvolve-se na cultura; assumem o caráter social da afetividade e assumem que afeto e cognição estão intrinsecamente ligados e são estritamente necessários para o desenvolvimento humano (LEITE, 2006, p. 24).

2.2 LEITURA

Em nossa sociedade atual, a escrita e a leitura tornaram-se objetos culturais fundamentais para que qualquer sujeito possa atuar de maneira consciente e efetiva sobre a realidade histórico-social em que está inserido. Para isso, o indivíduo deve desenvolver habilidades para dominar socialmente o uso da escrita e da leitura, a fim de se libertar do senso comum e dar um salto qualitativo, tornando-se um ser reflexivo e crítico da realidade.

Dessa forma, o ato de escrever envolve a leitura de um contexto, uma concepção da realidade e uma visão de mundo, superando-se a idéia tradicional de que ler e escrever são atos de codificação ou decodificação. Segundo GROTA (2000), “*a escrita é uma atividade de interpretação e produção da realidade e o texto escrito configura-se como uma apropriação do real (produto), ao mesmo tempo em que é uma leitura (produção e superação) da realidade*” (p. 25).

Neste sentido, ter acesso a um texto, ou melhor, realizar sua leitura permite desvencilhar do senso comum, além de proporcionar a interpretação da realidade histórico-social dos mais diversos modos.

A concepção de leitura aqui defendida é aquela que se baseia na leitura como produção de sentidos, possibilitando que o sujeito-leitor amplie seus horizontes e sua compreensão de mundo, que tenha acesso aos bens culturais, que resignifique seu modo de ver e pensar a sociedade atual, além de poder conhecer, atuar e intervir na mesma.

Assim, defende-se a idéia de que não basta saber apenas ler um texto, ou seja, decifrar o código escrito. Torna-se necessário interpretá-lo, resignificá-lo e contextualizá-lo

no cenário em que está inserido. É devido à falta de uma prática social de leitura que encontramos uma grande crise desse objeto cultural em nossa sociedade. Como aponta SILVA (1997), “(...) a criança já nasce com um potencial físico e psíquico para ler o mundo e quaisquer símbolos que expressam a cultura; a transformação dessa criança em ‘leitor’ depende do conjunto de estímulos sócio-ambientais ao qual ela responde e com o qual ela se identificar no transcorrer da sua vida” (p. 98).

Dessa maneira, por ser a leitura um objeto cultural, a interação com o outro e a qualidade dessa experiência influenciarão no sucesso ou fracasso da constituição de um sujeito enquanto leitor, o que nos leva a afirmar que o desprazer pela leitura também é produzido socialmente.

Exposta a importância social da leitura e o papel fundamental da mediação na constituição de um sujeito-leitor, formula-se as seguintes questões norteadoras do presente estudo: *Quais experiências puderam influenciar de maneira negativa a constituição do sujeito enquanto leitor? Qual a função que os agentes mediadores – família, escola, amigos – desempenham no estabelecimento de uma relação aversiva entre os sujeitos e a leitura? De que forma o sentimento de aversão foi constituído? Como ocorre o processo de des (construção) dos sujeitos-leitores?*

Baseada nas fundamentações teóricas apresentadas acima, a presente pesquisa, relacionada a histórias de mediação que envolvam o sujeito e a leitura, busca identificar e analisar de que forma tais interações influenciaram de maneira negativa no processo de construção de leitores.

Partindo do fundamento de que o indivíduo constitui-se enquanto ser social através da interação com o outro e que a qualidade da interação que se estabelece entre sujeito e o objeto (leitura) é determinada pela natureza das relações que o sujeito vivenciou com os agentes mediadores da cultura, deu-se ênfase nos aspectos afetivos, presentes nas narrativas das histórias de vida dos sujeitos, em que eles expressam, em falas repletas de sentimentos, sua aversão à leitura e de que forma este sentimento foi constituído.

3. MÉTODO

De acordo com LÜDKE e ANDRÉ (1986), a “*natureza dos problemas é que determina o método, isto é, a escolha do método se faz em função do tipo de problema estudado*” (p. 15). Neste contexto, adotou-se a metodologia qualitativa para que, através dela, o fenômeno pudesse ser melhor caracterizado e entendido no contexto social em que está inserido, buscando analisar as histórias de mediação de sujeitos que possuem uma relação negativa com a leitura.

Ainda segundo LÜDKE e ANDRÉ (1986), “*o estudo qualitativo (...) é o que:*

- *se desenvolve numa situação natural,*

O fenômeno da constituição do sujeito enquanto leitor aversivo foi analisado, durante o presente estudo, através de recortes das narrativas de histórias de vida dos sujeitos, em que relatam a realidade vivenciada em seu cotidiano e as experiências reais de interações mal sucedidas relacionadas à leitura.

Assim, o pesquisador utiliza-se de dados para a construção do seu trabalho, buscando retratar a realidade de maneira ampla e completa.

- *é rico em dados descritivos,*

Buscou-se, durante as entrevistas realizadas com os sujeitos, detalhar ao máximo as situações vividas por eles, que compõem suas histórias de aversão à leitura, sendo estas inseridas em suas histórias de vida e devidamente contextualizadas.

Dessa forma, os dados coletados possuem uma gama de detalhes que ilustram como ocorreu o fenômeno da mediação sujeito-leitura e o que aconteceu para que fosse estabelecida uma relação negativa.

- *tem um plano aberto e flexível, e*

Adotou-se, como princípio, uma maior preocupação com o processo do que com o produto, pois, no decorrer do estudo, novos caminhos foram traçados de acordo com os dados recolhidos, ou seja, busca-se adaptar e entender todas as facetas do processo de construção do sujeito enquanto leitor.

Além disso, na coleta de dados pretendem-se que os sujeitos, muito mais do que simplesmente relatassem suas histórias de vida e experiências de leitura presentes nela, pudessem significar, ou melhor, dar sentido a suas próprias vivências, de modo que a dimensão afetiva afluísse em cada dado relatado e deixasse clara a interpretação dos sujeitos acerca dos fatos.

Por apresentar um plano aberto e flexível, o presente estudo qualitativo não dispõe de hipóteses pré-determinadas, mas sim de um referencial teórico norteador, tanto no processo de coleta de dados como na análise dos mesmos. Dessa forma, o fenômeno é entendido e relacionado tanto com a teoria adotada – que entende que a constituição do ser humano, enquanto indivíduo complexo, se dá através da interação com o outro e envolve a afetividade, o conhecimento, o ato motor e a pessoa – como com os fatos reais relatados pelo sujeito.

- *focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada*". (p. 18)

Além de coletar narrativas das experiências reais de formação do sujeito enquanto leitor, buscou-se descrever essa realidade detalhadamente e contextualizá-la na história de vida do sujeito, tentando captar influências, momentos e sentimentos que fizeram parte do cenário real no qual os fatos ocorreram.

Dentro da pesquisa qualitativa, utilizou-se o método biográfico ou história de vida para investigar a construção do leitor. A história de vida compõe o amplo quadro da história oral, já que capta, através do relato oral, as informações que dizem respeito às experiências do sujeito durante sua vida. Segundo Queiroz (1988), história de vida é "*o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstruir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu*" (p.20).

Na história de vida, quem dirige o depoimento, quem decide o que deve ser narrado e como deve ser essa narrativa é o sujeito. É ele quem irá conduzir a entrevista, com fatos que julgar relevantes, detendo o controle da narração. As interferências do pesquisador são mínimas, já que o que interessa é a experiência do informante.

Na seqüência, serão apresentados o procedimento de seleção dos sujeitos participantes, a caracterização básica de cada um deles e a descrição do processo de coleta de dados.

3.1 SELEÇÃO DOS SUJEITOS

Como primeiro critério para a seleção dos sujeitos participantes do estudo, adotou-se o da escolaridade, dando preferência a alunos que já tivessem cursado o Ensino Médio e que freqüentassem cursos pré-vestibulares, por já terem passado por um longo percurso de formação enquanto leitores. Este critério foi adotado acreditando que esses sujeitos apresentariam um nível de compreensão mais apurado da realidade, sendo que poderiam refletir melhor sobre sua história de vida e seu processo de construção enquanto sujeito-leitor, por já terem vivenciado experiências de leitura durante as principais etapas da vida escolar.

Um segundo critério adotado foi a quantidade de sujeitos. Justamente por ser um estudo qualitativo e não quantitativo, buscou-se uma quantidade mínima de indivíduos para que houvesse uma maior profundidade na análise de suas narrativas, de forma que suas histórias de vida pudessem ser detalhadas ao extremo, analisadas com rigor e confrontadas, buscando semelhanças e diferenças acerca das experiências de formação de todos os sujeitos. Nesse contexto, foi estipulada a quantidade de quatro sujeitos participantes do estudo.

Estabelecidos os critérios iniciais, cabe ressaltar o perfil do sujeito desejado para o estudo. Buscaram-se jovens indivíduos que tenham uma grande aversão à leitura e que não a pratiquem por prazer ou interesse próprios, ou seja, não podem ser caracterizados como leitores autônomos. São adolescentes que raramente lêem qualquer tipo de material escrito e que se sentem realmente desconfortáveis quando solicitados a realizarem tal atividade.

O sujeito desta pesquisa apenas lê quando é obrigado pela escola ou por seus familiares, sendo que, em alguns casos, nem a obrigatoriedade os faz praticar a leitura. Para eles, a leitura é demasiadamente entediante, mas entendem que é necessária em todos os aspectos da vida social e, por isso, gostariam muito de serem exímios leitores; porém, devido a mediações mal sucedidas ocorridas ao longo de suas trajetórias de vida, um

relacionamento negativo instaurou-se entre sujeitos e leitura, marcando fortemente suas constituições enquanto leitores.

Inicialmente, houve uma visita a uma escola particular de Campinas-SP, conhecida por seu curso pré-vestibular ter grande sucesso de aprovações em universidades públicas. Após a autorização do diretor da escola, visitaram-se duas salas de aula no período da tarde, com aproximadamente 130 alunos cada, sendo que a pesquisadora entrava na classe, expunha, em resumo, o perfil do sujeito desejado, os princípios e a base teórica da pesquisa, entregando para cada aluno uma carta de apresentação¹ para que, aqueles que se caracterizassem como indivíduos com grande aversão à leitura, se prontificassem a participar da pesquisa, preenchendo a folha com nome, telefone e e-mail para que fosse feito um contato inicial para uma pré-seleção dos sujeitos.

Após o contato via telefone com quatro pessoas interessadas, concluiu-se que nenhuma delas se encaixavam no perfil desejado, mesmo elas tendo preenchido o formulário de interesse em participar da pesquisa, onde assumiram que possuíam uma relação aversiva com a leitura. Esse ocorrido foi identificado pela pesquisadora como uma certa timidez ao revelar que não gostavam de ler, já que, socialmente, este é um fato altamente condenável, principalmente quando proveniente de alunos pertencentes à classe média e alta da população, conforme eram estes indivíduos.

Posteriormente, houve uma visita a duas escolas particulares, ambas situadas no centro de Campinas-SP, especializadas apenas com cursos pré-vestibulares, e que têm como clientela principal alunos pertencentes à classe média e baixa da população da cidade, oferecendo uma grande quantidade de bolsas de estudos.

A quantidade de interessados encontrados em ambas as escolas foi muito maior do que na primeira tentativa. Dessa forma, através de conversas por telefone, identificaram-se quais os indivíduos que poderiam ser sujeitos para a pesquisa, ou seja, pessoas que saibam se expressar oralmente, que tenham tido uma mediação mal sucedida com a leitura e que tivessem capacidade para narrar as lembranças do passado e reinterpretar os acontecimentos, relacionando-os com suas formações enquanto leitores. *“Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias*

¹ Esta carta, entregue para todos os alunos, funcionou também como uma ficha cadastral, onde os interessados preenchiam seus dados para que o contato pudesse ser estabelecido; encontra-se no Anexo 1 do presente estudo.

de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho (...) Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmo de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor” (Bosi, 1987, p. 17, apud GROTA, p. 44).

Finalmente, após conversa com todos os interessados, dois sujeitos foram selecionados para participar da pesquisa, através de entrevistas individuais e presenciais, sendo cada sujeito proveniente de uma escola preparatória para o vestibular que foi visitada: Maria e Carla².

Os outros dois sujeitos participantes do estudo foram selecionados de forma diferenciada. Devido à dificuldade em encontrar indivíduos que, além de se assumirem como pessoas que não gostam de ler, estivessem dispostos - levando em consideração a vontade e o tempo disponível dos indivíduos - , o terceiro sujeito foi indicado pelo sujeito Maria, sugerindo que seu irmão Daniel, que no período em que a pesquisa foi realizada cursava a 8ª série do Ensino Fundamental, e apresentava os pré-requisitos necessários para um bom sujeito.

O quarto sujeito foi selecionado durante um estágio obrigatório realizado pela pesquisadora em uma instituição de Educação Não-Formal, onde encontrou-se com Flávia, também cursando a 8ª série, disposta a participar e com o perfil adequado.

Vale ressaltar que optou-se por trabalhar com sujeitos que tivessem vivenciado uma grande parte da vida escolar. São indivíduos que não praticam a leitura por prazer ou lazer e que sua relação com a leitura está intrinsecamente ligada à obrigatoriedade imposta pela escola ou por pressão de pais e familiares.

Foram coletadas quatro narrativas dos quatro sujeitos selecionados (Maria, Daniel, Carla e Flávia). Os sujeitos Maria e Daniel são negros e Carla e Flávia são mulatas.

² Os nomes dos sujeitos participantes do estudo são todos fictícios, de maneira a preservar a identidade dos envolvidos.

3.2 CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS

Maria

Maria, de 20 anos de idade, nasceu na cidade de Salvador – BA. Sua mãe veio para Campinas – SP com seus dois irmãos menores, no ano de 1997, sendo que ela ficou na Bahia com sua avó materna até o final do ano de 1999, quando também resolveu vir para Campinas.

Atualmente, é aluna de um curso pré-vestibular situado no centro da cidade, com bolsa de estudos integral concedida pelo MEC (Ministério da Educação e Cultura), mas que, segundo o sujeito, não recebe o vale transporte destinado para tal desde o início das aulas.

Recém-casada, seu marido é formado em História e Geografia pela Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), além de ser coordenador geral e ministrar aulas de Cidadania em uma universidade particular em Campinas e ser coordenador de uma delegacia de ensino.

Vinda de família muito humilde, ex-moradora de favela, sonha em cursar Pedagogia em uma universidade pública e é sempre muito engajada em discussões sobre racismo e preconceito, temas estes que estão constantemente presentes em seu histórico de vida e que se relacionam com sua aversão à leitura. Já estudou em escola particular (até a 3ª série na Bahia) e em escola pública (4ª e 5ª séries na Bahia e as demais em São Paulo); começou a trabalhar aos 13 anos de idade, sendo que durante seis meses como monitora em uma entidade para crianças e adolescentes, onde passou por diversas experiências desagradáveis.

Desempregada, passa o dia todo sozinha arrumando a casa e às vezes consegue alguma faxina para ajudar no orçamento familiar, já que sustenta a mãe e os dois irmãos (16 e 12 anos). Não tem notícias do pai há 12 anos, pois este ficou na Bahia.

Chegou-se à seleção do referido sujeito de maneira bastante curiosa. Na visita realizada pela pesquisadora a um curso pré-vestibular para selecionar sujeitos, duas garotas estavam fora da sala lendo jornal e estas perguntaram o que havia acontecido durante a aula com a turma delas. A pesquisadora explicou que estava procurando sujeitos que não gostassem de ler para um trabalho de conclusão de curso, mas que não questionaria os seus

gostos por leitura, já que estavam lendo jornal. Em seguida, elas soltaram uma gargalhada e disseram que não estavam lendo jornal, que odiavam ler e que apenas olhavam a seção de Classificados, já que estavam à procura de emprego. Maria é uma das garotas do ocorrido.

Daniel

Irmão de Maria, tem 16 anos de idade e cursa a 8ª série do Ensino Fundamental. Nascido em Salvador – BA, veio para Campinas – SP no ano de 1997. Atualmente, mora com a mãe e o irmão mais novo em um assentamento no distrito de Sousas.

O sujeito estudou até os 6 anos de idade em uma escola particular na Bahia e, em Campinas, estudou somente em escola pública, sendo que cursou o pré-primário duas vezes, pois não havia vaga para a 1ª série quando chegou em Campinas e, por isso, fez o pré pela segunda vez.

Como lazer, gosta de jogar bola, escutar música e sair com os amigos. Sua escola atual é de período integral e, por esse motivo, precisou largar a entidade para crianças e adolescentes da qual fazia parte há 8 anos, tendo aulas de informática, artesanato, culinária, dentre outros. No momento, está à procura de um emprego.

Carla

Carla, de 22 anos de idade, nasceu em Votuporã – BA, cidade que não possuía energia elétrica e nem escola próxima, razão que o sujeito atribui ao pouco estudo da mãe, que cursou até a 2ª série do Ensino Fundamental, e do pai, analfabeto e alcoólatra. Os avós maternos também nunca freqüentaram a escola, o que leva o sujeito a afirmar que, para toda sua família, o estudo não é importante, pois para eles o trabalho é de muito mais valor. Tem uma irmã mais nova de 18 anos, que parou os estudos na 7ª série do Ensino Fundamental, e um irmão de 4 anos por parte de mãe.

Veio para a cidade de Hortolândia – SP, com 4 anos, morar em uma favela, pois estava passando fome em Votuporã. Seus pais separaram-se e com 11 anos mudou-se com

a mãe e a irmã para Monte-Mor – SP, onde mora até hoje, em uma casa de três cômodos, em uma rua sem asfalto e muito distante do centro da cidade.

Apesar de sua mãe ter pedido para que interrompesse seus estudos na 5ª série do Ensino Fundamental, Carla continuou por vontade e esforço próprio e hoje é aluna de um curso pré-vestibular, no período noturno; trabalha manhã e tarde como atendente em uma loja de eletrodomésticos no centro de Campinas, na qual está há 7 anos.

Sempre estudou em escola pública e, graças a uma bolsa de estudos, paga um valor simbólico ao cursinho. Sonha em fazer o curso de Fisioterapia, mas pensa em prestar para Ciências Contábeis – por ser um curso mais barato, menos competitivo e por não ter, segundo ela, nada relacionado com o português – ou Administração, por acreditar que o mercado de trabalho nesta área é melhor.

Sua mãe está desempregada há 8 anos, sendo que o sujeito sustenta a mãe e o irmão menor. Praticante da religião evangélica quadrangular, costuma ir à igreja em seus momentos de folga.

Afirma que, no período escolar, não teve muitos amigos, dizendo que as pessoas mais pobres da escola não têm amigos, são mais recatadas e deixadas de lado. Quando tinha uma amiga, esta sempre era pior do que ela em termos de dificuldade de aprendizagem.

Flávia

Flávia, 15 anos de idade, nasceu na cidade de Campinas – SP. É integrante de uma instituição de Educação Não-Formal voltada para crianças e adolescentes carentes. Participa do projeto no período da manhã, em que são oferecidos café da manhã, almoço e oficinas diversas.

Mora com o pai e a madrasta. Não vê sua mãe há muito tempo, afirmando que esta não gosta dela e que, inclusive, a entregou para que morasse com o seu pai desde os 5 anos de idade. Tem quatro irmãos por parte de mãe, os quais raramente vê, e uma irmã por parte de pai, com quem mora. O sujeito demonstra ter muito carinho por sua madrasta, chamando-a de mãe, sendo que ela a alfabetizou. Quando pequena, estudou em uma creche particular, mas a partir do Ensino Fundamental, foi para a escola pública.

Atualmente, cursa a 8ª série e gosta muito de ir para a escola para encontrar as amigas e, aos finais de semana, passeia e visita seu namorado. Ela se descreve como uma menina hiperativa: não consegue se concentrar e nem ficar parada em um local por muito tempo, precisando tomar remédio constantemente para se acalmar.

3.3 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS

Para a coleta de dados do presente estudo, utilizou-se de entrevistas, com o objetivo de captar e analisar os processos envolvidos na construção de leitores, além de buscar uma descrição detalhada de todas as experiências que compuseram a história de mediação mal sucedida entre sujeito e leitura. Dessa forma, deu-se prioridade à história oral de vida, selecionando-a como fonte exclusiva de dados.

Ao selecionar a entrevista como ferramenta para a coleta de dados, pretende-se chamar a atenção para o caráter de interação que a permeia, muito propício para o fenômeno que o trabalho deseja analisar.

Na relação pesquisador-sujeito, quem decide o que deve ser, como deve ser e quais os fatos mais relevantes a serem narrados é o sujeito, que, neste momento, assume o papel de informante. É ele quem conduzirá a entrevista, já que as interferências do pesquisador são raras, pois o que interessa é a experiência do sujeito, detentor do controle da narração e ator principal da história que pretende-se analisar.

De acordo com LÜDKE e ANDRÉ (1986), “(...) na entrevista a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde” (p.33).

O sujeito, ao narrar suas experiências, reinterpreta e reorganiza suas vivências; ao mesmo tempo em que o pesquisador, ao coletar tais informações, confere sentido à narrativa, relacionando-a com a base teórica utilizada, sem que desta maneira induza o surgimento de respostas desejadas.

Para permitir que as experiências que explicitam a mediação mal sucedida estabelecida entre sujeito e leitura fluam de maneira notável e espontânea, utilizou-se a

entrevista semi-estruturada, que se caracteriza por apresentar algumas questões fixas previamente elaboradas e norteadoras do relato, possibilitando que o sujeito sinta-se à vontade para relatar o que considerar relevante, mas sem também permitir que pesquisador e sujeito fiquem presos ao esquema da entrevista.

Assim, a entrevista semi-estruturada desenvolve-se a partir de um roteiro básico³ consultado durante a conversa, garantindo que os objetivos da pesquisa sejam contemplados, entretanto, sem que este esquema seja seguido rigidamente, permitindo que o pesquisador faça as devidas adaptações, ajustes, esclarecimentos, garantindo o sucesso na obtenção dos dados.

Para isso, também se faz necessário que o pesquisador desenvolva uma boa capacidade para ouvir e estimular o fluxo das informações, porém sem tentar forçar um relato que apresente dados esperados. Um grande respeito pelo entrevistado foi estabelecido, utilizando-se de todos os cuidados éticos de modo a garantir o sigilo de sua identidade.

Vale ressaltar que o pesquisador deve estar atento às informações não-verbais, ou seja, gestos, comportamentos e entonações que serão fundamentais para a análise do que foi realmente dito. E, para que isso seja possível, realizou-se gravação direta, utilizando como instrumento um aparelho gravador de áudio, capaz de apreender todas as expressões verbais, possibilitando a anotação, pelo pesquisador, das expressões não-verbais presentes no momento das entrevistas.

Na especificação da quantidade de participantes da pesquisa, optou-se por quatro sujeitos, pois garante a validade do estudo, podendo comparar diferentes contextos e semelhanças, além de propiciar um aprofundamento singular e uma análise apurada dos dados, o que não seria possível caso fosse adotada uma população numerosa de sujeitos.

O que interessa, no presente estudo, é a qualidade das análises e dos dados coletados, porque, mesmo contando com apenas quatro histórias de vida, *“a pesquisa denuncia uma realidade maior, que extrapola o contexto específico dos quatro sujeitos. Além do estudo de uma micro realidade, é possível entender mecanismos e ferramentas de funcionamento de uma macro realidade, de uma parcela maior, que também acontece*

³ O roteiro utilizado para entrevistar os sujeitos participantes do estudo encontra-se no Anexo 2.

através dos mesmos fatores observados no foco recortado da pesquisa” (SOUZA, 2005, p. 23).

Sendo assim, as histórias de vida, aqui transcritas e analisadas, remetem-nos a uma compreensão de uma parcela maior da realidade, de um contexto social mais amplo e que extrapola a barreira dos quatro sujeitos, podendo ser dados representativos de nossa sociedade.

Durante todas as falas sobre os relatos das histórias de vida dos sujeitos, é evidente a presença da dimensão afetiva em suas lembranças, já que, no momento da entrevista, fica claro que as experiências e o modo com que os sujeitos as interpretam, dando sentido ao lembrá-las, estão repletas de sentimentos e sensações que fizeram parte de suas relações com a leitura e o modo como a praticam atualmente.

Não se pretendeu focalizar apenas uma etapa da vida do sujeito, já que, devido ao fenômeno estudado, acredita-se que o principal aspecto a ser focado é toda a etapa de vida escolar dos sujeitos, da alfabetização até o nível em que se encontram atualmente, tendo em vista que a aprendizagem da língua escrita ocorre, na maioria das vezes, no decorrer da vida escolar dos indivíduos.

Os quatro sujeitos, antes do início da primeira entrevista, foram informados sobre os procedimentos e para que fins a pesquisa seria utilizada, sendo que todos autorizaram a transcrição de seus relatos.

As entrevistas, de modo a garantir a liberdade de expressão dos informantes, aconteceram em um clima de conversa descontraída, com predominância da fala dos sujeitos, e duraram, aproximadamente, quarenta minutos.

Devido aos seus conteúdos, não foi necessário realizar mais do que uma entrevista, pois já haviam atingido o nível descritivo desejado, em que todas as experiências relacionadas à construção dos sujeitos enquanto leitores haviam sido bem detalhadas e contextualizadas. Conforme será apresentado no Anexo 3, Maria foi o único sujeito com quem se realizou uma segunda entrevista, a fim de que sua relação com seu pai fosse melhor esclarecida, mediação essa que, durante a primeira entrevista, não havia sido muito bem explicitada.

4. ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS – OS SUJEITOS E SUAS HISTÓRIAS DE MEDIAÇÕES AVERSIVAS

Neste capítulo, serão apresentados os produtos da análise das cinco entrevistas coletadas – uma com cada sujeito e duas unicamente com o sujeito Maria.

Após a transcrição das narrativas, leitura e releitura de todo material coletado, além da assimilação do conteúdo de todas as narrativas, buscou-se identificar quais as interações que descrevem a mediação mal sucedida que estabeleceu uma aversão à leitura pelo sujeito e quais os períodos marcados pela presença de sentimentos e emoções proporcionados por essas experiências vivenciadas pelos sujeitos, demonstrando a presença de uma forte carga afetiva em todos os relatos coletados.

LÜDKE e ANDRÉ (1986) resumem de maneira bastante interessante esse processo de análise dos dados e resultados, no qual afirmam que *“analisar os dados qualitativos significa ‘trabalhar’ todo o material obtido durante a pesquisa. (...) A tarefa de análise implica, num primeiro momento, a organização de todo material, dividindo-o em partes, relacionando essas partes e procurando identificar nele tendências e padrões relevantes. Num segundo momento essas tendências e padrões são reavaliados, buscando-se relações e inferências num nível de abstração mais elevado”* (p. 45).

Utilizando-se como referência a dissertação de mestrado de GROTA (2000), optou-se por analisar as entrevistas isoladamente, buscando indícios e pistas, na história de vida de cada sujeito, que pudessem interpretar, explicar e descrever o contexto e as interações sociais que marcaram significativamente sua formação enquanto leitor. Ou seja, primeiramente, buscou-se a singularidade da relação de cada sujeito pesquisado com a leitura, pois cada um apresenta histórias de vida e processos de formação únicos.

Neste sentido, estes indícios, encontrados nas falas do sujeitos, permitem conhecer quais as experiências mais significativas no processo de (des) construção dos sujeitos enquanto leitores; em que período de suas vidas essas vivências ocorreram e quais os indivíduos que mediarão essas interações que estabeleceram um relacionamento negativo com a leitura. De acordo com GROTA (2000), *“ao buscar o que há de singular na narrativa de cada um dos sujeitos, procurou-se identificar caminhos elucidativos ao processo de formação de leitores, revelando relações, interações que, mesmo sendo*

particulares, e muitas vezes únicas na vida dos sujeitos, transformaram a relação dos mesmos com a leitura” (p. 52).

Mesmo enfocando as histórias de maneira individual, quando em conjunto e relacionadas – o que se dará no capítulo 5: Resultados - , essas histórias possibilitam uma maior compreensão do processo de formação de leitores.

Na seqüência, seguem-se as histórias de mediação mal sucedidas de cada sujeito, apresentadas de maneira isolada, juntamente com as interpretações e resignificações realizadas pelos próprios sujeitos.

4.1 MARIA: UMA HISTÓRIA DE LEITURA MARCADA PELA OBRIGATORIEDADE E RACISMO

4.1.1 RELACIONAMENTO COM A LEITURA, AMBIENTES E HISTÓRIA DE MEDIAÇÃO MAL SUCEDIDA

Maria pertence a uma família de baixa renda, onde a leitura nunca lhe fora apresentada de maneira agradável por seus familiares. Segundo ela, sua mãe nunca falou que gostaria que lesse. **“Minha mãe sempre foi na dela, sempre sossegadona, nunca me obrigou a nada (...). Ela nunca falou: ‘Lê senão eu vou te bater!’” (Anexo 1)⁴.** Em compensação, seu pai, o qual não vê há 12 anos, a obrigava a ler com um cinto e um chinelo ao lado. Seus dois irmãos mais novos, assim como o sujeito, também não gostam de ler.

Durante sua vida escolar, estudou em dois Estados nos quais morou: na Bahia e em São Paulo. Na Bahia, onde cursou até a 5^a série, nunca teve maiores problemas. Mas, chegando em São Paulo, percebeu sua aversão à leitura aumentar, devido a fatos ocorridos

⁴ Os Anexos 1, 2, 3 e 4 apresentam as entrevistas, transcritas integralmente, realizadas com os sujeitos participantes da pesquisa, enfocando o processo de construção dos sujeitos enquanto leitores, sendo Anexo 1/ Sujeito Maria, Anexo 2/ Sujeito Daniel, Anexo 3/ Sujeito Carla e Anexo 4/ Sujeito Flávia.

Ao longo deste trabalho, os dados apresentados nos Anexos serão utilizados como referência tanto para a discussão, quanto para as citações literais das falas dos sujeitos. As citações literais estarão sempre diferenciadas por negrito e aspas.

na escola, mais especificamente em sua 8ª série. **“Daqui (São Paulo) eu não gostava. Assim, professor entrava na sala só pra ver a sua cara, sabe? Não falava nada, não dava aquela explicação. Então, já que eles não davam sentido e eu não queria mesmo, então...(Movimentou os ombros, em tom de deboche) Pra mim tanto faz, sabe? Nem me interessava procurar por eles, o certo era eu procurar por eles, mas já que eles não estavam ensinando, então, a pessoa que não quer ler... Eles não me incentivavam, então eu também nem procurava me incentivar também!”**.

Aos 16 anos, trabalhou como monitora em uma entidade de crianças e adolescentes, na qual presenciou episódios terríveis em um local que tinha como objetivo principal ensinar ofícios e encaminhar os adolescentes para o mercado de trabalho. Um certo dia, observou a pedagoga da instituição puxar seu irmão menor pela orelha. **“(...) se é uma entidade, você tem que tratar bem os alunos, não é? (...) Nossa, foi horrível. Meu irmão saiu batendo nela e era uma violência que eu não sabia se era uma entidade ou se os moleques depois dali iam todos pra Febem, iam roubar. Porque o jeito que elas (pedagogas, psicólogas) tratavam as crianças, sabe? Era palavrão, ‘você é isso’, ‘você é aquilo’, sabe? Não tinha aquela educação com as crianças. Elas falavam: ‘Depois da aula, a gente vai ler e vai escrever com vocês’. Não tinha nada disso! Era um em cima do muro, era jogando pedra em cima dos vizinhos, sabe? É na porrada mesmo, na pancadaria, toda hora!”**.

Totalmente envolvida e interessada por questões e discussões relacionadas ao preconceito racial, um dos últimos materiais escritos que Maria lembra de ter lido é um informativo, de aproximadamente vinte páginas, intitulado **“O Almanaque da Mulher Negra”**, que leu para produzir um texto a ser entregue em seu curso pré-vestibular. Como é financiado pelo MEC, é obrigada a entregar duas redações por mês, pois, caso o contrário, é desclassificada e perde a vaga.

Maria afirma apresentar muita dificuldade na produção de textos, tanto por ter problemas na escrita quanto por não gostar que lhe seja dado um tema pronto, pois prefere escrever sobre temas que condizem com sua realidade, já que sobre esta é muito mais fácil de escrever, faz parte de sua vivência diária. **“Porque eu sou uma pessoa assim: eu não gosto de fazer redação que foi você que me deu o tema, eu gosto de criar o meu tema, viajar naquilo, eu mesma viajo... Igual o que está acontecendo com o PCC (facção**

criminosa), tinham muitas coisas que eu sei porque eu fui criada em favela, essas coisas, sabe? Fui pro Rio, morei no Rio um tempinho...”. Ela gosta de estar sempre muito informada sobre os acontecimentos do Brasil, entretanto não utiliza o jornal escrito para esse fim: gosta de escutar as notícias do dia através do rádio. Apenas lê o jornal para verificar a seção de Classificados – **“Se você chegar no cursinho e não ver o Classificado, quem arranca sou eu! (risos) (...) Toda vez é assim: você vai no cursinho e me vê daquele jeito na biblioteca procurando Classificados. Hoje mesmo é o dia que eu pego aquela folha de jornal!”** – e para consultar o horóscopo, sendo que ela e sua amiga, que também não gosta de ler, brigam na disputa de quem deve ser a leitora e acabam pedindo para uma outra pessoa para que leia para elas a previsão do dia.

Apesar de em sua casa haver uma prateleira repleta de livros, dos mais variados tipos, Maria nunca leu nenhum. Entretanto, seu marido é escritor e já publicou sua tese de mestrado e estará lançando em breve sua tese de doutorado. Quando perguntada se já leu o livro de seu marido, – pois se trata de temas que lhe interessam, como escravidão, abolição, liberdade – ela responde que não leu nem vinte páginas de um livro que possui 154 no total, mas que sabe do que se trata, já que assistiu a palestras e apresentações sobre ele e observou as gravuras.

Havia 4 ou 5 anos que Maria não lia algo e, segundo ela, seu “jejum” de leitura fora quebrado com o informativo sobre a mulher negra e as poucas páginas do livro de seu marido. Não possui prática de leitura e não se conforma ao observar pessoas que sentem prazer em ler nos mais diversos ambientes. **“Eu não sei como tem gente que consegue ler no ônibus, se concentrar em um livro!”**. Além disso, o sujeito critica que os assuntos publicados atualmente pela mídia impressa favorecem os mais ricos, ou seja, só vira notícia assuntos relacionados às pessoas de um nível sócio-econômico mais alto, o que a faz não ler nenhum tipo de jornal ou revista. **“Só bobagem: futebol, matou não sei quem, só mostra reportagem de rico, maior polêmica aquela Suzane Richtoffen. E o pobre? Eles não estão nem aí. E isso me revolta mesmo, não gosto, sabe? A justiça de hoje só dá prioridade para as pessoas que têm dinheiro, não dá para as pessoas que são pobre e humildes, sabe?”**.

Em sua infância, só tinha contato com os livros quando seu pai a obrigava e **“também era raramente que eu pegava alguma coisa pra ler. Eu tinha dificuldade pra**

ler. Pra você ver, eu não sabia ler muito, não era aquela coisa... Brincava muito, gostava muito de bagunçar, gosto até hoje! Mas eu não gosto de ler mesmo!”.

No curso pré-vestibular, Maria presta muita atenção nas aulas, para evitar que, posteriormente, tenha que ler os livros das disciplinas. **“(…) no material do cursinho, raramente tem uma lição feita, assim, eu presto muita atenção pra não ter que ficar escrevendo, sabe? Porque, se escrever, tem que ficar lendo, então, ou eu fico lendo ou eu fico escrevendo, sabe? Então, eu não gosto, não adianta”.**

Ela não gosta de utilizar o computador, pois tem que ler os escritos que aparecem na tela. **“Eu estava batendo currículo para o meu irmão, daí eu falei: ‘Arght, não gosto! Ai meu Deus do céu, tenho que ficar lendo...não, não quero!’ (…)** Tem computador aqui (em casa), mas eu pago na rua pra fazerem um currículo pra mim do que eu ter que precisar digitar”.

Atualmente, sua aversão à leitura prejudica não só sua vida escolar, no curso pré-vestibular, mas se reflete em sua vida profissional. Devido a uma experiência negativa que vivenciou em sua 8ª série, quando um professor a obrigou a ler em voz alta para a classe, Maria não realiza leitura oral nem por obrigação. Certa vez, foi participar de uma entrevista de emprego em uma empresa de telefonia celular e, uma das solicitações para a dinâmica em grupo era que os participantes lessem, sendo que Maria se negou a ler, desistindo da vaga. **“(…) tinha que fazer uma dinâmica que tinha que ler e daí eu falei assim: ‘Posso me retirar, por favor? Daí eu me retirei, você acredita? Que era pra você...tinha uma sala com 30 pessoas, imagina? Nunca! Tinha que ler na frente de todo mundo, sabe? Eu falei não! Parece que foi um trauma, sabe?’”**

4.1.2 FAMÍLIA

Os encantos de uma leitura prazerosa nunca foram apresentados ao sujeito pelos componentes de sua família. Ao longo de sua narrativa, ela deixa muito claro que sua mãe nunca fez questão de que gostasse ou tivesse um maior contato com os livros. **“(…) quando eu estava só com a minha mãe, ela nem ligava, sabe? Agora quando estava com ele (pai), tinha que ler”.**

Já seu pai, com quem morou apenas no período em que viveu na Bahia, período esse que compreende a sua infância e séries iniciais da Educação Básica, incluindo a alfabetização, encontrou na obrigatoriedade e na prática de castigos físicos uma maneira de forçar sua filha a ler, já que não poderia dar o exemplo, pois não gostava de ler, mas sabia a importância do ato de ler e utilizou-se de meios totalmente severos para introduzir sua filha na leitura.

Pai

Apesar do pouco tempo de contato, Maria conviveu com seu pai no período mais propício para o desenvolvimento intelectual, cognitivo e afetivo de um ser humano: a infância. **“(...) há 12 anos que eu não tenho notícia dele (...) Se for pra ver ele hoje, nem reconheço, nem lembro da cara dele. Então, sempre foi assim: eu, minha mãe e meus dois irmãos, sempre ralando, sabe?”**

Mesmo não recordando do rosto de seu pai, este lhe deixou lembranças que guarda até hoje, principalmente aquelas relacionadas à leitura. **“Na infância, eu lia, mas assim, eu lia mais por causa do meu pai, ele forçava eu ler, né? Ele, é assim... Eu lembro como se fosse hoje, eu chegava da escola e ele falava: ‘A lição é ler um livro!’. Nossa, aquilo lá pra mim era um tapa na minha cara! Eu fazia a lição, ele sentava do meu lado até eu ler pelo menos três páginas de livro. Ele forçava, nossa, eu tinha uma raiva disso (...)”**

Quando questionada sobre a maneira como era forçada a ler, Maria responde que, normalmente, eles ficavam na sala e seu pai, sempre ao lado, ficava com chinelo e um cinto por perto, pronto para bater caso alguma coisa saísse fora de seu controle, seja quando errava alguma leitura ou quando se negava a realizá-la.

O pai controlava não só a vida da filha, mas a da mãe também, mantendo ambas sobre sua total vigilância, evitando que tivessem contato com qualquer outra pessoa; permitia que a filha fosse apenas para a escola, sendo esse seu único meio de socialização. **“Ah, assim, ele me batia, batia na minha mãe, sabe? Então a gente não saía, não tinha nenhuma amiga... Eu tinha que brincar com as minhas bonecas, porque eu não tinha nenhuma amiga, porque ele não deixava. Então, eu chegava da escola e ele: ‘Ah, vai**

fazer a lição!’ Sabe? Graças a Deus que ele separou da minha mãe! Ele ficava: ‘Vai, lê isso hoje, comprei um livrinho pra você ler!’ Nossa, aquilo ali, eu queria a morte!’”

Maria lembra de seu pai com muita raiva, pois este não permitia que a filha, em plena infância, pudesse ter amigos e brincasse com eles, assim como todas as crianças que conhecia fazia, distribuindo o tempo tanto para brincar como para estudar. A partir do momento que chegava da escola e entrava em casa, era como se fosse uma continuação da escola, pois o pai não lhe dava descanso enquanto não estudasse durante todo o seu tempo livre.

Dessa forma, o sujeito afirma que a relação com o seu pai **“não era boa não... Não era boa! Eu chegava da escola, nem trocava de roupa e ele: ‘Ah, vai estudar, você tem que ler!’ Sabe? Na época, na 1ª e 2ª séries, eu estudava em escola particular e eu chegava e ele já me mandava fazer lição, ficar lendo livrinho...Nossa, aquilo lá pra mim era a morte! Eu queria brincar e ele me obrigava a fazer lição, ler... Eu não gostava, eu queria brincar! E ele me obrigava. Ele nunca deixava eu ir brincar”**.

Para Maria, o fato de o pai comprar livros constantemente para incentivar sua leitura era encarado como um castigo e não como uma forma de presentear. Os livros, para ela, não eram presentes mas sim torturas, pois enquanto não lesse todos eles, estaria submetida às agressões físicas e sem poder sair para brincar. A leitura para o sujeito era pura obrigação, sendo que sentia um grande alívio quando ficava somente com sua mãe, pois esta não a obrigava a nada, já que o pai já a forçava demais e a tarefa de fazer com que a filha lesse era uma função dele. **“Nossa... Ele chegava: ‘Ah, comprei um livrinho pra você ler!’ E eu: ‘Ah, tá bom vai, tem que ler...’ Mas daí, quando eu estava só com a minha mãe, ela nem ligava, sabe? Agora quando estava com ele, tinha que ler. Nossa, aquilo pra mim era... Nossa... Era a morte... Demais! O problema era a obrigação... Ele me mostrou a leitura assim e é por isso que eu não gosto, não adianta!”**

A maneira como Maria foi apresentada à leitura fez com que criasse uma aversão tão grande que até hoje a obrigatoriedade, em todos os aspectos e em quaisquer situações, a incomoda muito, chegando a ficar extremamente indignada quando alguém a obriga a fazer algo que não se sente à vontade.

Ela afirma que a relação com o seu pai propiciou sua aversão à leitura, porque **“eu era muito pequena, mas nem tanto, foi mais a história com o professor mesmo...”**, história essa que será apresentada a seguir.

4.1.3 ESCOLA

Maria começou a ter problemas na escola quando se mudou para São Paulo e ao cursar a 5ª série em uma escola pública em Sousas, distrito de Campinas – SP, na qual estudou até o final do Ensino Médio. Em vários momentos de sua narrativa, cita o quão era discriminada por ser baiana, pelo sotaque típico da região, por sua raça e por ser ex-moradora de favela.

Relacionado à leitura, teve problemas com um professor específico que dava aulas de Geografia na 8ª série. Entretanto, com relação ao preconceito racial, já se envolveu em brigas e discussões com vários professores da escola, inclusive com a diretora. Por apresentar uma personalidade forte e impulsiva, **“eu nunca medi palavras, o que eu tenho pra falar eu falo! Se você está errada, você está errada! Até pra diretora eu falava que ela estava errada! O modo de ela tratar, agir com os alunos estava errado”**.

Na mesma escola também, já brigou por colegas que estavam sendo discriminados de alguma forma. **“Pra mim, é briga na certa, nossa, maltratou alguém, sabe? Nossa... Qualquer pessoa!”**.

O sujeito refere-se à escola como **“um verdadeiro lixo, dos lixos!”** e acusa a diretora de sempre privilegiar os alunos brancos e com os melhores desempenhos escolares, sendo que até sua mãe, muitas vezes, entrava na discussão. **“Ela (diretora) é branca e tem muito preconceito. Então, ela puxa o saco daquele melhorzinho e largava o piorzinho no cantinho, sabe? Nossa... Eu brigava, xingava ela, minha mãe também xingava! Minha mãe impõe respeito, sempre foi ignorante com o pessoal da escola, eles não sabem conversar, então partia pra ignorância”**.

Professor de Geografia da 8ª série

Maria admite que na 8ª série era uma aluna muito bagunceira e que já foi para esta série não gostando de ler. Mas, no decorrer da 8ª série, sua aversão à leitura foi agravada devido ao mau relacionamento com seu professor de Geografia.

Ela nunca gostava de ler em voz alta na sala de aula, pois seus colegas davam risada de seu sotaque bahiano. Até que um dia, seu professor de Geografia, que não gostava de escrever na lousa e, desse modo, utilizava o ditado como método de ensino e pedia para que posteriormente os alunos lessem o que escreveram, pediu para que Maria lesse um trecho do texto para a classe. Ela respondeu que não gostaria de ler e, quando questionada pelo motivo, disse que não queria ler. O professor tentou obrigá-la a ler e ela respondeu: **“Você não é ninguém pra me obrigar a ler!”**. Em seguida, ele pediu para que Maria se retirasse da sala, mas ela se negou. Neste momento, o professor disse a seguinte frase: **“É, tem que ser mesmo, tem que ser preto e favelado!”**.

O professor vai até a carteira de Maria, pega-a pelo braço e puxa. Ela pede para que ele a solte, mas ele insiste e ela parte para cima dele e ambos começam a se agredir fisicamente em plena aula. **“E era uma coisa assim: me desse um tapa na cara, mas não mandasse eu ler na frente de ninguém. (...) Ele me chamou de favelada! ‘Ah, essa neguinha tem que ser da favela mesmo!’ Eu não deixei barato, fui pra cima dele na ignorância, sabe? Aí eu abri um B.O contra ele”**.

Depois do ocorrido, o sujeito não suporta ler, muito menos se a leitura tiver que ser feita em voz alta, e a disciplina que mais odeia é Geografia, disciplina esta que o professor lecionava e que, coincidentemente, é a formação acadêmica de seu marido. **“Ele implicava comigo e com o meu irmão. Ele tinha cisma de mim e tinha cisma do meu irmão. Aí minha mãe foi lá, minha mãe é cheia de dar ‘bafão’ na escola com ele. Era um senhor já de idade, cheio de chamar os outros de maconheiro, sei lá o quê. A gente ficava ali, estudando, e ele: ‘Ei favelado, vagabundo!’, não sei mais o quê. Era assim!”**.

Maria deixa claro que, caso o professor entendesse sua dificuldade, tentasse ajudar e fosse mais educado em sua abordagem, ela tentaria se esforçar para ler alguma coisa; o que a incomodou foi a obrigatoriedade imposta pelo professor e a posterior agressão verbal. **“Porque se ele fosse com educação comigo, eu poderia até ler, tentar ler, né? Mas não, ele foi, sabe? Com racismo já pra cima de mim, preconceito e eu falei: ‘Eu não vou ler!’ Então, depois disso, eu não quis ler nem a pau, nem ninguém me manda ler!”**.

Para Maria, a mediação com o professor, mesmo ocorrendo com os seus 16 quase 17 anos, foi muito mais marcante negativamente do que a mediação com o seu pai. Ela culpa o professor por não gostar de ler atualmente. “Nossa, estou falando pra você que eu peguei um livro mês passado, para entregar agora dia 12, eu não li nem a primeira página pra fazer redação. Não vai... Sabe quando não sai? Não sai, não adianta...Depois eu fiquei com uma raiva tão grande do professor que até hoje... Mandar ler é brigar comigo! (...) Ah, eu não gosto, não gosto! É uma coisa minha que eu não gosto, sabe? (...) Mas eu não gosto de ler mesmo! Aí o professor fez isso e parece que foi uma coisa que, tipo, um trauma, sabe? Não tem criança que fica com trauma? Então, fui eu, já adolescente com um trauma. Eu nunca vi, mas...acontece!”.

Hoje, ela se arrepende de não ter se esforçado mais nos estudos. “Na 8ª série, eu bagunçava muito. Chegou no colegial, 1º colegial assim, fui criando juízo na cara, tenho que parar com isso, mas daí foi tarde, né? Porque agora tenho que fazer cursinho, não aprendi nada, não sei de nada, desde a 5ª série não sei de nada...”.

4.2 DANIEL: A DIFICULDADE NA LEITURA E A TIMIDEZ PREJUDICARAM SUA FORMAÇÃO ENQUANTO LEITOR

4.2.1 RELACIONAMENTO COM A LEITURA, AMBIENTES E HISTÓRIA DE MEDIAÇÃO MAL SUCEDIDA

Por ser membro de uma família com poucos recursos financeiros, Daniel mora com a mãe e o irmão mais novo, de 12 anos, em uma modesta casa em um terreno doado pela Cohab (Companhia Metropolitana de Habitação) em Sousas, distrito de Campinas-SP. No local há apenas energia elétrica, sendo que as ruas não são asfaltadas e não há serviço de saneamento básico. A rede de esgoto está sendo construída, entretanto o único modo de se chegar ao local é andando, porque não passa ônibus e o acesso de carros é dificultado pelas ruas esburacadas e pelo esgoto a céu aberto.

Nascido em Salvador-BA, veio para Campinas-SP com 6 anos de idade no ano de 1997. Sua irmã mais velha é Maria, também sujeito desta pesquisa. Seus pais são separados, sendo que seu pai mora em Salvador e não o vê desde que se mudou para Campinas. Dessa forma, são pouquíssimas as lembranças que tem de seu pai, pois era muito novo quando moravam juntos.

Aos 16 anos de idade, está na 8ª série do Ensino Fundamental, mas era para estar cursando o 1º ano do Ensino Médio, já que na Bahia fez até o pré-primário e, quando chegou em São Paulo, não havia vaga para cursar a 1ª série do Ensino Fundamental. Desse modo, cursou o pré-primário novamente, esperando que novas vagas fossem abertas para que pudesse mudar de série no próximo ano.

Até o primário na Bahia, estudou em escola particular, mas chegando em São Paulo foi para a escola pública, estudando, atualmente, em uma escola em Sousas no período integral. No período da manhã, cursa as disciplinas do currículo obrigatório e no período da tarde ocorrem oficinas temáticas ou aulas de reforço.

Daniel afirma gostar de sua escola e participava, até o ano de 2005, de uma entidade para crianças e adolescentes, a qual teve que abandonar devido ao período integral da escola. Há 8 anos fazia parte do Grupo Jovem da entidade, que aceitava pessoas com até 18 anos, onde aprendia informática, artesanato, culinária, dentre outras oficinas.

Nos momentos de lazer, gosta de jogar futebol, escutar música, ir na casa de seus amigos e brincar no computador. Como não possui um, costuma frequentar “Lan Houses” para navegar na Internet. O sujeito nunca trabalhou, mas está à procura de emprego.

Com relação à leitura, Daniel não apresenta nenhuma prática autônoma, ou seja, não lê nada que seja de seu interesse. Muito raramente lê os livros recomendados pela escola. Quando questionado sobre qual fora o último livro que leu: **“Nossa, não lembro. Acho que eu nunca li nenhum. A gente tem umas revistinhas em quadrinhos que minha mãe traz, mas ficam aí, um monte parada. Nossa, você não tem noção de como eu odeio isso, eu tenho pânico quando eu vejo isso, revista em quadrinhos... Eu penso: ‘Gente, como pode alguém ficar vidrado vendo esse livrinho!’ (Anexo 2).**

Ele não se lembra de nenhum livro que tenha lido, mas que, caso essa leitura tenha ocorrido, possivelmente aconteceu na entidade da qual fazia parte e através dos livros que sua tia o obrigava a ler, mas não se recorda de nenhuma história.

Com relação aos estudos, **“eu dificilmente estudo. Só quando tem revisão para a prova, daí eu estudo. Só antes da prova.”.**

Garoto muito tímido e calado, durante toda sua narrativa assume que não gosta de ler e que essa leitura dificilmente é feita para si mesmo, mas que nunca é feita em voz alta para que outras pessoas possam ouvir, devido a uma história de mediação na escola que acredita ter propiciado sua aversão à leitura.

4.2.2 FAMÍLIA

Daniel nunca recebeu incentivo à leitura vindo de sua família. Sua mãe comprava inúmeras revistas em quadrinhos para os filhos, por achar que este fosse o melhor meio de fazer o sujeito aprender a gostar de ler. Entretanto, nunca sentou com ele para lerem juntos uma história ou o chamava para a leitura; somente comprava as revistas, as colocava em uma prateleira e os avisava de que estavam lá. Seu filho nunca leu nenhuma, pois nunca fora apresentado ao material: eles sabiam onde estavam, mas não sabia o que eram, se eram interessantes ou não, pois sua mãe comprava mas não lia. Daniel nunca teve o exemplo dentro de casa. Segundo ele, sua mãe **“pega no pé só quando vai na reunião da escola e a professora fala que eu estou mal nos estudos. Mas é por pouco tempo”.**

Como teve muito pouco contato e como na época era muito pequeno, o pai não influenciou seu gosto pela leitura.

Sobre a atual situação de leitura em sua casa, Daniel afirma: **“Aqui nessa casa ninguém lê, apesar de minha mãe comprar alguns livrinhos de vez em quando”**.

Irmã

Em sua narrativa, Daniel conta a maneira como sua irmã mais velha – Maria desta mesma pesquisa – o marcou negativamente com relação à leitura.

Como teve muita dificuldade para aprender a ler, ele precisava de alguém que lhe ensinasse com calma e paciência. Entretanto, sua irmã, que já tinha um histórico de aversão à leitura, não foi a melhor tutora que poderia ter encontrado em seu caminho. **“Minha irmã não tinha paciência de me ensinar, me batia”**. Essa afirmativa foi feita na presença de sua irmã, pois ela estava presente no dia da entrevista, a casa em que moram é muito pequena e ela escutou toda a conversa.

A irmã confirma a afirmativa: **“É verdade isso. Eu não tinha paciência mesmo. Minha mãe mandava eu ensinar ele a ler, mas como eu ia fazer isso? Como eu ia ensinar pra ele uma coisa que eu odeio? Aí eu perdia a paciência e batia”**.

Tia Aninha

Em sua família, teve mais uma pessoa que acredita ter sido uma experiência importante em sua formação enquanto leitor: sua tia Aninha. Ela obrigava Daniel e seu filho a lerem algumas páginas de um livro em voz alta, pois, caso o contrário, levariam tapas de chinelo. Segundo o sujeito, ela **“me obrigava a ler, se eu não lesse, eu levava chinelada. Eu e meu primo, o filho dela. Ela sempre pedia pra gente ler um pedaço de um livro, aí a gente lia, porque ela falava que se a gente não lesse, a gente ia levar chinelada”**.

Ele conta que não havia escapatória, porque sua tia **“decorava já o livro, aí se a gente não sabia ler a parte lá que ela pediu, ela ia lá e ficava corrigindo a gente. Era livro assim, tipo Joãozinho e Maria. Tinha letras grandonas, poucas letras, tinha mais desenho. Aí ela decorava o livro. Daí a parte que a gente tentava desviar, via o**

desenho e tentava descrever o desenho, daí ela falava que se a gente lesse errado ou tentasse enrolar ela, ia levar chinelada. (...) Tinha que ler pra ela, pra ela ouvir a gente lendo”.

Neste momento, a experiência de leitura de Daniel é marcada pela obrigatoriedade e pela punição física, já que sua tia, ao invés de apresentar a leitura como um momento de lazer e de troca de conhecimentos, transformava-o em um momento tenso, em que o medo de errar ou se negar a realizar a leitura era imenso, pois, caso isso ocorresse, seria punido de maneira bastante severa.

4.2.3 ESCOLA

A escola foi um espaço importante em que, segundo Daniel, ocorreu uma história de mediação significativa para sua relação com a leitura.

Por ser um ambiente de socialização e pelo sujeito ser uma pessoa extremamente introvertida, quando tinha dúvidas/dificuldades, envergonhava-se para ir perguntar para a professora e quando sofria alguma zombaria de seus colegas, sentia-se realmente incomodado e discriminado.

Professora de Português da 2ª série

Certo dia, quando cursava a 2ª série e estava aprendendo a ler e a escrever, sua professora pediu para que lesse um trecho de um texto em voz alta. **“Sabe quando a pessoa vai lendo e pouquinho em pouquinho, cada um lendo um parágrafo? Só que aí era pra ler pra sala inteira. Aí eu li, só que eu comecei a ler errado e todo mundo começou a dar risada da minha cara. Aí nunca mais eu quis ler!”.**

Quando questionado sobre como foi sua leitura errada, ele responde que **“o parágrafo inteiro eu li errado, gaguejando, pulando as palavras, queria acabar logo de ler o parágrafo...”.**

Para Daniel, a opinião dos colegas sobre sua leitura foi bastante marcante. Eles falavam: **“Burro, vem pra escola e não sabe ler...”.**

A justificativa do sujeito por ter lido o parágrafo erroneamente foi tanto a timidez como sua inexperiência com a leitura, porque foi aprender a ler no início da 2ª série, quando uma colega de classe, chamada Débora, o ensinava com paciência e dedicação. **“A gente sentava no sofá da biblioteca e ela me ensinava a ler. Pegava esses livrinhos tipo Cinderela, ela era boa. (...) Ela me ensinava com paciência”**. Paciência esta que não havia encontrado nos ensinamentos de sua irmã.

Daniel explica que **“na 1ª série, a professora só passava as coisas na lousa e a gente copiava. Só cópia. E no pré tinha o horário pra dormir, fazer refeição, assistir televisão, nada de estudar”**. Dessa forma, acredita que aprendeu a ler tarde demais e observa o mesmo acontecendo com seu irmão. **“O meu irmãozinho foi aprender a ler agora na 5ª série e olha que ele ainda lê meio arrastado, sabe?”**.

Depois do episódio em sala de aula, Daniel nunca mais leu **“assim, pra frente, pra todo mundo não. Professor lá na escola pede pra eu ler e eu não leio não. (...) Eles reclamam, né? Falam que vão dar um ponto negativo... Mas eu não gosto de ler assim para os outros não!”**.

Sobre a atitude da professora, no momento em que os colegas riam de sua leitura, o sujeito conta que **“ah, ela pegou, falou... Tentou consolar, né? Porque todo mundo estava dando risada da minha cara”**. Ela mandava os alunos ficarem quietos, **“mas os moleques sentavam do meu lado, ficavam tirando sarro...”**.

Daniel acredita que a postura da professora poderia ter amenizado mais a situação, pois ele não guarda nenhum ressentimento de seus amigos – inclusive é colega até hoje de alguns meninos que o ridicularizaram aquele dia – mesmo sabendo que eles também tiveram sua parcela de culpa no episódio.

Apesar de a professora nunca ter lhe tratado mal, ele afirma que **“só de ela ter pedido pra ler...”** foi uma afronta, pois desencadeou todo o problema. O sujeito admite que a professora não ajudava muito **“talvez porque eu tinha vergonha, né? Perto dela... Ela pedia pra gente ler assim...”**. Sempre muito envergonhado, ele diz não conhecer o porquê de sua timidez para com a professora.

Após o ocorrido, **“depois eu tentei aprender a ler... Assim, eu sei ler, só que ler para os outros eu não gosto de ler não!”**. Ou seja, Daniel sente-se inseguro com sua leitura, não a considerando boa o suficiente para que possa ler em voz alta.

O fato é que essa mediação deixou marcas tão profundas no sujeito que até hoje, caso alguém peça para que ele leia algo em voz alta, assim como pedido durante a entrevista, seu coração acelera, chegando a ficar pálido. **“Nossa, meu coração... (colocando a mão no peito) (...) Eu não leio não... Nossa...”**.

Professor de Geografia da 5ª e 6ª série

Uma outra interação que Daniel relata é com o seu professor de Geografia da 5ª e 6ª série. Este mesmo professor foi citado na narrativa de sua irmã, Maria, como uma mediação importante em sua aversão à leitura.

Para o sujeito, o professor foi marcante pelo modo como tratava os alunos, com extremo desrespeito, e o desestímulo à leitura, além do ensino mecânico que exigia. **“Ele passava os negócios na lousa e ninguém entendia a letra dele, só que ele assim, ele não mandava muito a gente ler. Ele só exigia na matéria dele, assim... Que prestasse atenção, ficasse quieto, copiasse coisa do livro... Não pedia muito pra explicar não”**.

Assim como fez com a irmã de Daniel, algumas vezes o professor o agrediu. **“(...) de vez em quando a gente conversava na aula dele, ele segurava o nosso braço e levava a gente pra diretoria. Ele não gostava que conversasse na aula dele. Segurava o braço, apertava”**.

4.3 CARLA: UMA VIDA DE MUITA GARRA ASSOCIADA À FALTA DE INCENTIVO À LEITURA

4.3.1 RELACIONAMENTO COM A LEITURA, AMBIENTES E HISTÓRIA DE MEDIAÇÃO MAL SUCEDIDA

Carla pertence a uma família onde o estudo, a leitura e a escrita são desvalorizados por todos. De situação econômica bastante precária, seu pai é analfabeto e sua mãe não completou a 2ª série do Ensino Fundamental.

Nascida em Votuporã-BA, cidade pequena voltada à agricultura, sem energia elétrica e sem escola, seu pai veio para Hortolândia-SP buscar melhores condições de vida. Entretanto, como Carla, sua mãe e sua irmã mais nova estavam até mesmo passando fome na Bahia, resolveram vir também para o estado de São Paulo. Chegando aqui, com 4 anos de idade, seu pai as abandonou e foram morar em uma favela, onde recebiam ajuda de alguns conhecidos.

Com 11 anos de idade, Carla mudou-se para Monte Mor-SP, pois a mãe comprara um terreno na cidade, lugar em que moram até hoje. Ela reclama que o local **“não é muito bom, não tem nem asfalto, é muito ruim. O ponto de ônibus é distante de casa, tem que andar bastante”** (Anexo 3). Na casa moram o sujeito, sua mãe e seu irmão de 4 anos, fruto de um relacionamento de sua mãe com um homem casado. Sua irmã de 18 anos não mora mais com eles, pois se casou e teve um filho.

Carla trabalha desde os 14 anos em uma loja de eletrodomésticos no centro da cidade de Campinas-SP, recebendo desde então o mesmo salário. Atualmente, com 22 anos de idade, é ela quem sustenta a casa, pois sua mãe está desempregada há 8 anos.

No período noturno, frequenta um curso pré-vestibular situado no centro de Campinas, pagando um valor simbólico, pois conseguiu bolsa de estudos. **“Eu estou até tendo dificuldade pra fazer o cursinho, porque eu moro em Monte Mor e a distância é muito grande. Eu tenho que pegar ônibus meia-noite e daí eu chego em casa e não tem quem me busque no ponto, porque eu não tenho pai, né?”**.

Em seus momentos de lazer, gosta de ir à Igreja Evangélica Quadrangular e levar seu irmãozinho ao parque. Mas sua rotina resume-se em **“trabalho, entro às 8h e saio às 18h30m, aí vou pro cursinho, que começa às 19h e, quando termina, eu vou pra casa.**

De sábado, eu trabalho até às 14h e esses dias eu tenho ficado até às 15h. Eu chego em casa, durmo um pouco e vou pra igreja já. Não faço mais nada além disso: cursinho, trabalho e vou pra casa”.

Com relação à sua prática de leitura, afirma que não lê **“nada, nada, nada... Depois que eu comecei a ir a igreja, eu comecei a ler a Bíblia, mas, por exemplo, o versículo que o pastor fala, eu leio, mas só aquele , mais nada além daquilo”**. Assim, Carla lê o estritamente necessário, pois não sente prazer na leitura.

Inclusive, seu namorado, que gosta de ler, tem acesso aos livros e condição financeira para comprá-los, tenta incentivá-la comprando livros que despertem o seu interesse: livros de auto-ajuda e que dão dicas de como alcançar o sucesso profissional, sucesso esse que é seu o maior sonho. Entretanto, ela apresenta muita dificuldade na leitura, desistindo muitas vezes de chegar ao término do livro. **“Inclusive meu namorado é de uma família de condições melhores e então, à vezes ele fica me incentivando a ler. Por exemplo, ele pergunta um tema que eu gosto e vai, compra um livro pra ver se me incentiva. Mesmo eu gostando do tema do livro, eu leio só aquilo que fica atrás do livro, o resumo, mas eu não consigo ler. (...) Agora o que eu estou tentando fazer pra eu ler é pegar uns livros de executivo, de liderança... Eu estou procurando ler, eu comecei a ler um na semana passada, pra ver se me desperta um pouco a vontade de ler. Só pra você como eu não gosto de ler: eu detesto aqueles filmes que são legendados, sabe? Eu detesto, porque tem que ler e quando está passando o filme, às vezes eu não terminei de ler a legenda, aí eu fico voltando. Porque eu não gosto de ler, não gosto mesmo. Que nem agora, eu estou começando a ler um livro de liderança pra ver se eu vou gostar. Eu estou gostando um pouquinho, mas faz um mês que eu estou lendo e não estou nem na metade ainda”**.

A dificuldade e a aversão à leitura , apresentadas por Carla, são reconhecidas por ela também como fatores prejudiciais à sua escrita. **“Até hoje eu tenho dificuldade na escrita também. Por eu não ler, eu tenho dificuldade em escrever também, e olha que eu estou no primeiro ano de cursinho e eu ainda tenho dificuldade na redação. Quando eu tenho que mandar redação, aí quando eles devolvem a redação, tem um monte de erro de ponto, de acento, de ‘s’... Mas é devido a eu não gostar de ler, porque a pessoa que lê tem uma escrita melhor e eu não tenho”**.

Carla afirma que até chega a pegar um livro para ler, principalmente quando ganha de seu namorado, que sempre a incentiva. Entretanto, essa leitura é muito demorada e ela não gosta de se sentir pressionada, obrigada a realizá-la. Além disso, as leituras que faz são todas na posição sentada, porque, segundo ela, se deitar, acaba dormindo.

Enfim, como demonstra o Anexo 3, sua história de mediação mal sucedida está predominantemente atrelada a interações vivenciadas em quatro espaços/instituições: a família, a escola, o cursinho e o curso de Teologia.

4.3.2 FAMÍLIA

De acordo com Carla, para sua família o importante é trabalhar, sendo o estudo, a cultura e a leitura caracterizados como atividades supérfluas, pois acreditam que estas não farão o sujeito melhorar a condição sócio-econômica da família e que, apenas trabalhando arduamente, é que conseguirá trazer melhoras para sua vida e a de seus familiares.

De toda a família, Carla é a única que possui Ensino Médio completo, mas, muitas vezes, é repreendida por tal mérito. Sua irmã mais nova cursou somente até a 7ª série e o analfabetismo é predominante em sua família.

O pai, que abandonou ela, a mãe e a irmã logo que chegaram em Hortolândia-SP, nunca havia estudado. Segundo Carla, o contato com o seu pai fora mínimo, mas, a presença de uma figura paterna para apoiá-la e auxiliar sua mãe na criação dos filhos fez muita falta, pois, por exemplo, quando ela pega o ônibus à meia-noite, para voltar do cursinho, não tem quem a busque. **“Desde pequena meu pai já sumiu, desde aquela época ele já sumiu já. Então minha mãe ficou com a responsabilidade toda de trabalhar, de criar, sustentar e sempre tive uma irmã menor”.**

Mãe

A mãe de Carla estudou até a 2ª série do Ensino Fundamental, porque a escola era muito longe do local em que morava e, portanto, acabou desistindo dos estudos. Seus avós maternos nunca estudaram, já que não valorizavam os ensinamentos transmitidos pela escola; acreditavam que a verdadeira aprendizagem está nas experiências vivenciadas no dia-a-dia, proporcionadas pelo trabalho, conforme o velho ditado que diz que “o trabalho é

que dignifica o homem”. **“Então, eles nunca me incentivaram, pelo contrário, minha mãe sempre incentivou a gente a trabalhar, trabalhar, só trabalhar”.**

Carla sente muita dificuldade em prosseguir seus estudos, de maneira a realizar seu sonho de freqüentar uma universidade, pois sua mãe impõe diversos obstáculos para que isso não ocorra. **“(…) porque eu faço cursinho, ela fala que é bobagem isso, que não serve pra nada. Unicamp então? Ela nem sabe o que é Unicamp, ela nem sabe a diferença de uma universidade pública ou não, ela só fala que faculdade é pra rico, pobre não tem que fazer isso. Inclusive, ela nem colabora de ir me buscar no ponto, sabe? Porque eu chego tarde... Cursinho pra ela é bobagem e ela fala que não vai ficar colaborando com isso. Aí eu fico perdida, assim, na verdade. Ai, é muito difícil, muito difícil. Desde pequena isso”.**

Durante a infância, teve muita dificuldade tanto na aprendizagem da linguagem escrita como na linguagem matemática. Ela conta que em todas disciplinas precisava de auxílio para compreender melhor o conteúdo. Entretanto, essa ajuda não vinha da escola, pois, como veremos mais adiante, a professora tratava a aluna com extremo desrespeito, e não vinha principalmente de sua mãe, que não sabia o conteúdo para ensinar, desejando que a filha desistisse e fosse trabalhar o mais breve possível para ajudar no orçamento familiar. **“Porque eu sempre tive dificuldade e quando eu chegava em casa, minha mãe não sabia nada também. Ela falava: ‘Pra quê isso? Pra quê isso?!’ E quando eu fiz a 5ª série, ela me mandou parar já. E eu comecei a trabalhar já. Às vezes, eu até queria perguntar: ‘Mãe, me ajuda a fazer essa lição?’ E ela respondia: ‘Ah, pára com isso! Eu não sei, eu não sei, eu vou ajudar você a fazer como se eu não sei também! Pra quê que serve essa escola?!’”.**

Carla, durante toda sua narrativa, diz entender perfeitamente as condições e a responsabilidade da mãe, inclusive a dificuldade que ela enfrentou ao chegar em um novo estado e ter que criar seus filhos sozinha. Entretanto, afirma que era essencial o apoio de sua mãe, seu incentivo para que pudesse seguir em frente e ser uma pessoa letrada, capaz de entrar em uma boa universidade. Devido à falta de incentivo da mãe e ao excesso de dificuldades das mais diversas, impostas por ela, Carla relata que tornou-se um indivíduo com aversão à leitura. **“A gente morava em uma favela. Eu entendia a situação da minha mãe, sabe? Então pra ela o importante era trabalhar e daí eu passava aquele**

aperto. (...) A maioria das pessoas tinha a mãe que acompanhava, eu não tinha. Acho que foi um trauma, hoje eu não gosto de ler mesmo! (...) eu não posso nem culpar tanto a minha mãe porque, imagina, ela que mal sabe escrever o nome, tendo duas filhas pra criar, morando numa favela, tudo aberto, trabalhando, sabe? O quê que ela ia poder fazer? Às vezes, eu queria até sentar com o livro, porque antes tinha aqueles livros que eles davam, e ela: 'Pra quê isso, menina! Pra quê isso! Eu não tenho tempo pra isso não! Até hoje eu tenho que trabalhar pra sustentar vocês! Porque senão vocês vão morrer de fome, porque seu pai, aquele vagabundo...' E começavam aquelas coisas dentro de casa".

O fato de a mãe ter freqüentado a escola por muito pouco tempo é uma das causas, de acordo com o sujeito, para ela não valorizar e não incentivar os estudos da filha. Há mais de 8 anos, a mãe de Carla está desempregada e não consegue arrumar um novo emprego, pois não sabe escrever nem seu nome na ficha de inscrição que as empresas pedem. Dessa forma, o sujeito é quem sustenta a casa, pois sua mãe e seu irmão de 4 anos dependem do salário que ganha há 7 anos em uma loja de eletrodomésticos no centro de Campinas-SP.

Carla tem muita ambição em conseguir um emprego melhor, mais bem pago, com uma carga horária menor para que possibilite uma maior dedicação aos seus estudos. Entretanto, o fato de sua mãe não trabalhar, a impede de buscar novos horizontes e arriscar em novos caminhos, pois a dependência de sua mãe é total. "Aí pra eu largar o serviço aqui e ir procurar outro na cara de pau, eu não posso fazer isso, porque eu tenho a minha mãe em casa que depende de mim, porque eu não tenho pai, aí então é mais difícil ainda. Então, eu já penso nela antes de querer sair (...) eu não posso fazer isso, porque um mês que eu ficar sem salário... E minha mãe em casa? Aí minha mãe foi prestar esses concursos que tem, só que ela não sabe nem preencher o currículo, nem o currículo pra ser chamada pra entrevista ela não sabe preencher. Ela, esses dias, foi prestar o de varredor de rua e tinha que preencher o currículo, mas ela não consegue. Porque se você pegar antigamente, o currículo você preenchia em casa, só saía e entregava. Agora, as limpadoras não, você tem que ir lá e preencher a ficha na hora. E está aí parada, faz mais de 8 anos que ela não trabalha. Quando eu comecei a trabalhar, quando tinha 14 anos, ela já não estava trabalhando mais".

De acordo com Carla, até a 4ª série ela foi forçada pela mãe a freqüentar a escola, mas as séries posteriores ela freqüentou por vontade própria, pois para sua mãe, saber ler e escrever já bastava.

Enfim, o sujeito narra o quanto a presença de uma mãe que lhe incentivasse na leitura e nos estudos em geral fez falta em sua formação enquanto leitora. A mãe, sempre muito severa e sem tempo para se dedicar aos filhos, pouco participava da vida da filha enquanto estudante. **“Porque eu via que os alunos chegavam com as lições de casa todas feitas, sabe? E eu não tinha assim... Eu nunca consegui fazer a lição de casa direito. Eu dava graças a Deus quando tinha que corrigir o caderno e não dava tempo de corrigir o meu. Nossa! Falava: ‘Meu Deus, escapei!’ Então eu não fazia mesmo a lição, minha mãe na sabe, ela não sabe escrever nada, nada. Ela escreve o nome dela faltando até letra. Aí eu falei pra ela fazer inscrição em uma sede, não era escola, que tem em Monte Mor, que era do governo e que começou a dar aula pra pessoas mais velhas. Só que aí, ela com menino pequeno, não estava conseguindo conciliar, aí parou também, está em casa”**.

4.3.3 ESCOLA

Carla estudou durante toda sua vida em escolas públicas, sendo que até a metade da 5ª série do Ensino Fundamental, cursou em Hortolândia-SP; estudou em Monte Mor da 5ª série até o término do Ensino Médio.

Quando questionada sobre a presença de amigos durante sua vida escolar, ela responde que sempre foi uma pessoa muito sozinha, pois **“(...) eu nem tinha amigo! Não sei se você já percebeu, mas as pessoas mais pobres da escola não têm amigo, muito difícil. Mas você vai ver, na sala de aula tem diferença, as pessoas mais carentes são mais quietas, não têm muitos amigos, ela fica mais na dela. Sempre algum amigo que eu tinha era pior do que eu. Aliás, amiga, porque amigo eu não tinha, mas sempre pior que eu”**.

O pior período escolar para Carla foi o da 1ª à 3ª série do Ensino Fundamental, porque, de acordo com ela, o ensino em Hortolândia era ruim e não gostava de ter apenas um professor para todas as disciplinas, já que **“às vezes o professor não vai, aí tem**

aqueles substitutos que apenas sentam e dão presença, não são preparados”. Entretanto, o melhor período, em sua opinião, foi o da 4ª série em diante, pois o ensino em Monte Mor era melhor e ela gostava da presença de diversos professores, um para cada disciplina. **“Já na 4ª série, eu tive professores mais legais, minha mãe estava com uma condição financeira melhor, eu me desenvolvi bem mais, sabe?”**. Neste contexto, Carla é questionada se, na 4ª série, ela também se desenvolveu mais no campo da leitura e ela responde que não, **“porque aí eu já não gostava mesmo, né?”**.

Ou seja, as principais mediações que fizeram com que o sujeito tivesse uma relação aversiva com a leitura ocorreram anteriormente à 4ª série, sendo que observaremos a seguir duas importantes histórias de interações marcantes ocorridas no ambiente escolar.

Professora da 2ª série

Durante toda sua 1ª série, Carla narra que teve diversas dificuldades de aprendizagem, entretanto, a professora era mais paciente, ensinava as contas de adição, o alfabeto e não obrigava os alunos a lerem para toda a sala, ao contrário de suas professoras da 2ª e 3ª série.

Chegando na 2ª série, Carla deparou-se com uma nova realidade dentro da sala de aula: a professora castigava fisicamente os alunos, obrigava-os a ler em voz alta, deixava-os no canto da sala. O sujeito conta que, muitas vezes, por medo, chegava a urinar em plena sala. **“Mas eu lembro quando eu era pequena, quando eu ia pra escola, que eu sempre tive dificuldade nas matérias, na escola; e eu lembro que quando eu era nova, quando eu estava na 2ª série, a professora beliscava, fazia eu ler na frente. Eu lembro que eu já mijei na sala, sabe? Porque antes era assim, sabe? Na escola pública, o professor obrigava você, beliscava você, deixava você de castigo, no canto. Quantas vezes eu mijava!”**.

A professora da 2ª série obrigava Carla a ler, porém ela não estava atenta às necessidades da aluna, que precisava de mais atenção e cuidados por apresentar uma certa dificuldade na leitura, além de não ter ninguém em sua casa que pudesse auxiliá-la nas lições. Devido à falta de apoio familiar e escolar, Carla não se desenvolvia e acabava por ser castigada ainda mais por isso. **“E sempre tinham aqueles livrinhos, sabe? E a**

professora me obrigava a ler, sendo que eu tinha dificuldade porque eu não tinha como aprender em casa, como minha mãe ensinar. Aí quando chegava na escola, professora, sabendo que eu tinha dificuldade, mandava eu ir lá na frente ler ainda, sabe? Quantas vezes eu ia lá ler, aí eu gaguejava por dificuldade, por não saber mesmo e eu mijava assim... Aí eu tinha que ficar de castigo em pé a sala, no canto, porque a professora deixava a gente de pé lá, fora isso ela puxava nosso cabelo... (...) Isso lá em Hortolândia mesmo, na escola de lá”.

Carla revolta-se com o abuso de autoridade da professora, que além de obrigá-la a fazer coisas que não sabia fazer, esta percebia que sua aluna estava insegura com relação à sua leitura – tanto que urinava toda vez que era obrigada a realizar tal atividade – e, para marcar ainda mais sua experiência, castigava-a física e moralmente.

Toda essa interação possibilitou com que Carla desenvolvesse uma baixa auto-estima, pois constantemente era classificada como a pior aluna da sala, e construiu uma aversão muito forte relacionada à leitura, daí ela declarar o ódio para ler. **“Hoje eu acho que os professores não têm autoridade como tinham antes para fazer isso com os alunos. Mas antes era muito puxado, assim... Além da professora ver que eu tinha dificuldade, que minha família tinha sempre problema”.**

Ou seja, a professora não procurou conhecer a realidade, o contexto em que sua aluna estava inserida, para tentar ajudá-la. **“Daí, desde a escola eu já odiava, odiava, odiava ler, assim, pra mim era o fim ir lá na frente ler. E quando ela fazia aqueles ditados, sabe? Ela ia ditando e eu tinha dificuldade de “s”, “ss”, “rr”, “ch”. Só que ela não em ensinava e falava que eu era a pior aluna, tinha muito disso assim. Porque eu mijava (...) em sala de aula porque a professora fazia eu ir na frente, eu não gosto e é um trauma que eu tenho, de ir na frente e ler. Eu não gosto!”.**

Carla acredita que o tratamento que a professora da 2ª série dava aos alunos era causado por falta de preparo para lidar com crianças, pois ela não acredita que uma professora preparada seria capaz de realizar atitudes tão humilhantes e marcantes para a vida de uma criança. De acordo com ela, **“quem dá aula tem que saber identificar, porque tem vários alunos e uns têm mais dificuldade que outros e isso o professor não consegue ver, às vezes generaliza. Por exemplo, obriga, mesmo vendo que o aluno tem dificuldade, pega justo aquele, entendeu? Eu lembro que tinham vários alunos na**

classe, várias pessoas que sabiam ler e a professora pedia justo pra eu ir ler na frente. Sabia que eu tinha dificuldade e tudo, ela não conseguia ter esse raciocínio, sabe? Parecia que gostava de ver o aluno ser humilhado na frente da sala”.

Como não contava também com o apoio de sua família, ou seja, não aprendia nem na escola e nem em casa, Carla nunca fazia as lições de casa, o que acarretava em mais castigos e punições. **“Aí, a professora falava: ‘Fez a lição de casa?’ Daí sempre eu não fazia, aí eu sempre ficava de castigo. Só que ela deveria dar mais atenção, tem alunos especiais no meio, sabe? Agora puxar orelha, puxar cabelo, colocar lá na frente, traumatiza muito”.**

Professora Maria da 3ª série

Caracterizada como uma professora “magricela” por Carla, a professora Maria da 3ª série agia de maneira bastante semelhante se comparada com a professora da 2ª série, a qual o sujeito não citou o nome.

Bastante severa com os castigos físicos, também não conseguia identificar as necessidades de Carla. Mesmo sendo uma aluna sempre muito quieta, tímida e que não bagunçava em sala de aula, a professora a punia do mesmo jeito, por não conseguir ler corretamente. **“Puxava orelha, levava na frente, colocava no canto da sala... Coisas assim que, para o aluno que tem dificuldade, é muito humilhante aquilo, muito humilhante mesmo, porque a professora tem que conseguir ver na sala de aula que tem alunos que... Se eu não conversava, não fazia bagunça e não conseguia fazer lição, algum problema eu tinha, entendeu? E, às vezes, o professor não percebe isso, generaliza os alunos, trata todo mundo igual”.**

Cansada de ser mal tratada por sua professora, Carla pedia para que sua mãe deixasse ela ficar em casa, chorava todo dia antes de ir para a aula. Entretanto, sua mãe obrigava-a a ir, batendo nela até o momento em que, finalmente, entrasse na escola. Esse fato ocorreu até a 4ª série, pois a partir da 5ª série, sua mãe já não a forçava mais e, como Carla conheceu professores que lhe davam uma maior atenção e que realmente ensinavam com carinho, ela ia por vontade e esforço próprios.

O atraso de Carla era tanto que na 3ª série ela tinha dificuldade em escrever o nome, trocando as letras de lugar. O descaso para com ela era tanto que a professora não havia percebido que sua aluna da 3ª série não sabia escrever o próprio nome e só foi atentar para o fato em um dia que a diretora foi passar a lista de presença para os alunos assinarem. Na escola, o esquema da frequência funcionava da seguinte forma: o porteiro ficava na entrada da escola, carimbando as carteirinhas com os dias da semana em que teriam aula. Entretanto, um certo dia, o porteiro faltou e a diretora da escola passou de sala em sala com uma lista de presença para os alunos escreverem seus nomes. Chegando na 3ª série, a primeira pessoa da lista a assinar era Carla, que escreveu seu nome errado e que tem a lembrança desta cena de maneira muito forte em sua mente. Segundo ela, a diretora **“pegou a folha, olhou e, ao invés de continuar passando para trás, ela deu pra professora e mostrou assim com o dedo. Mas acho que ela ficou impressionada que eu, na 3ª série, estava escrevendo meu nome errado, né? O próprio nome! Só que eu lembro que ela não falou nada, mas depois disso, mais pra frente, eu vi que a professora, toda vez que eu ia assinar o nome, ela corrigia e me deu um caderno de caligrafia com o meu nome, mandou repetir embaixo, porque eu não sabia ler direito e nem escrever. Eu estava na 3ª série!”**.

Carla acredita que, para a professora, o ocorrido também foi muito humilhante, pois ela não conseguiu observar sozinha que uma aluna estava extremamente atrasada; precisou da diretora da escola, que não conhece os alunos diariamente como a professora, descobrir em apenas um dia que sua aluna não sabia escrever o nome. Segundo Carla, o problema não estava somente nela, mas sim na professora, que nada fazia para amenizar a situação e que, inclusive, lhe dava o caderno de caligrafia com rispidez, mandando-a escrever seu nome vinte vezes por dia até o caderno acabar.

Enfim, de acordo com o sujeito, o grande problema é que **“na verdade, eles não ensinam com amor”**.

4.3.4 CURSO PRÉ-VESTIBULAR

Em seu 1º ano de cursinho, Carla encontra muita dificuldade em acompanhar os conteúdos, pois traz marcas de seu Ensino Fundamental que a prejudicam até hoje. Umas

dessas marcas é a aversão à leitura, que a influencia, inclusive, na escolha de sua futura profissão. Buscando um curso que não tenha necessariamente a leitura ou algo relacionado com a Língua Portuguesa, pensou, primeiramente, em optar pelo curso de Ciências Contábeis, **“que é um curso mais barato, menos competitivo e, por exemplo, não tem nada a ver com português, eu não gosto de português, eu não gosto dessas coisas. Não gosto, não suporto! Eu não suporto!”**. Mas está mudando de idéia e optando pelo curso de Administração, por acreditar que conseguirá um emprego mais rápido, por ser uma área em expansão.

Na verdade, o grande sonho de Carla é cursar Fisioterapia, mas não cogita a possibilidade de prestar vestibular para este curso, pois acha que é muito concorrido e, como já enfrenta grande dificuldade para estudar e freqüentar o cursinho, acredita que não conseguiria ser selecionada. Como trabalha muito, o tempo que lhe resta é pouco para se dedicar aos estudos. **“Às vezes, de sábado, tem alguma aula no cursinho e eu não vou, sabe? Eu encontro muita dificuldade mesmo. Fora que sempre tem que ir mais cedo, pra fazer uma redação, fazer um trabalho, fazer os exercícios e não dá tempo. Aí, quando você chega em casa, você só quer dormir mesmo”**.

Mesmo enfrentando todas essas dificuldades, o sujeito reconhece que não pode e não vai desistir de seu sonho, sendo o cursinho um dos passos para se chegar até lá. **“Agora eu não posso desistir por causa do meu serviço, perde mão! Porque o que vai valer mesmo no futuro, pra mim, vai ser o cursinho, porque se eu conseguir entrar numa universidade pública? Porque se for pra entrar numa universidade pública, eu até troco de curso”**.

4.3.5 CURSO DE TEOLOGIA

Praticante da igreja Evangélica Quadrangular, Carla, há pouco tempo, resolveu freqüentar um curso de Teologia, oferecido por sua igreja, sendo que, mesmo não estando em um ambiente propriamente escolar, enfrentou problemas decorrentes de sua aversão à leitura.

Durante a aula, a professora pediu para que cada aluno lesse um trecho em voz alta da apostila que estavam estudando. Chegando em sua vez, ela engasgou e a professora

pediu para que, por esse motivo, lesse a página inteira. Neste momento, Carla se recordou de todas as obrigações a que foi submetida em sua infância. **“Imagina que ela vai fazer isso comigo! Agora depois de grande!”**. Dessa forma, se negou a continuar a leitura e a professora ameaçou, dizendo que, caso não lesse, iria ficar sem nota. O sujeito concordou e se retirou da sala. **“E ela fez isso: me obrigou a ler e eu não li. Porque sabe quando você lembra daquilo que doeu em você? E não quer que os outros forcem mais? Porque cansou? E eu não li!”**.

Carla ainda comenta sobre seu atual estado de leitura, afirmando que **“eu ainda gaguejo pra ler, sabe? Eu não tenho facilidade pra leitura e olha que eu já sou velha... É até vergonhoso, sabia? Às vezes, as pessoas pensam que é preguiça, que é falta de vontade, mas não é só isso não. Isso pode envolver, mas não é a base, o fundamento pra leitura”**.

4.4 FLÁVIA: AS AGRESSÕES FORAM A BASE DE TODA SUA AVERSÃO À LEITURA

4.4.1 RELACIONAMENTO COM A LEITURA, AMBIENTES E HISTÓRIA DE MEDIAÇÃO MAL SUCEDIDA

Nascida na cidade de Campinas-SP, Flávia tem 15 anos de idade e cursa, atualmente, a 8ª série do Ensino Fundamental em uma escola pública, no período da tarde, e, pela manhã, é integrante de uma instituição de Educação Não-Formal, situada na Vila Castelo Branco, em Campinas, onde são oferecidos café da manhã, almoço e oficinas diversas para os participantes, como, por exemplo, aulas de violão, circo, culinária, informática, artesanato, cabeleireiro, dentre muitas outras.

Pertencente a uma família de classe média baixa, Flávia mora em uma casa com seu pai, sua madrasta e uma irmã menor, fruto da união deste casal. Na verdade, ela possui quatro irmãos maternos – dois meninos e duas meninas – e uma irmã paterna, com a qual mora. Seus dois irmãos maternos moram com sua avó materna e suas duas irmãs maternas moram com sua mãe biológica.

Desde os seus 5 anos de idade, Flávia não mora mais com sua mãe, pois **“ela que me deu para o meu pai. Ela não gosta de mim...”** (Anexo 4). O sujeito afirma desconhecer as causas do abandono por parte de sua mãe, sendo que raramente a vê, pois, mesmo morando perto, **“nem no meu aniversário ela liga pra falar parabéns!”**.

Com relação aos irmãos, apenas encontra aqueles que moram com sua avó; com as irmãs que moram com sua mãe, ela não tem contato há anos.

Durante toda sua narrativa, Flávia relata que gosta muito de morar com seu pai e sua madrasta. Em seus momentos de lazer, gosta de brincar com jogos no computador e ir para a escola, para conversar com as amigas. Nos finais de semana, vai à casa de seu namorado e sai para andar com as amigas do bairro.

Com relação às suas práticas de leitura, ela afirma que, durante toda sua vida, nunca leu um livro. Os únicos materiais escritos a que tem acesso são os livros das disciplinas da escola, ou seja, os livros didáticos. Já chegou a ler alguns gibis, mas **“mesmo gibi, eu não gosto de ler não. Eu li uma vez só, quando a gente estava deitado na sala de aula e a professora pediu pra gente ler na classe”**.

Na instituição da qual faz parte, existe uma oficina denominada “Oficina de Contadores de Histórias”, em que os educadores incentivam a leitura dos participantes, introduzindo-os no mundo dos livros e contando histórias de diversas maneiras, a fim de despertar o interesse pela leitura. Flávia afirma nunca ter participado desta oficina, porque **“é só pra criança. Eu nunca peguei um livro de história na mão. Eu só pego os livros das matérias na escola”**.

Mesmo conhecendo muito pouco o mundo da leitura, o sujeito apresenta uma grande aversão devido a fatos ocorridos tanto no âmbito familiar, mas, principalmente, no âmbito escolar.

4.4.2 Família

Apesar de se sentir muito rejeitada pela mãe biológica, Flávia afirma gostar de morar e conviver com seu pai e sua madrasta, a qual denomina carinhosamente de mãe. Inclusive, foi sua madrasta quem a ensinou a ler, pois já estava na 4ª série e ainda não tinha aprendido. **“Ela é muito legal! (...) Ela me ensinou a ler em casa, com uma cartilha. (...) Ela me dá tudo o que eu quero! Ela fala que a gente tem que conquistar o que a gente quer!”**.

Pai

A relação com o seu pai sempre foi muito boa, mas a obrigatoriedade relacionada à leitura era um fato que a incomodava muito. O pai sempre a ameaçava, já que ela não poderia sair de casa enquanto não lesse. **“Ah, meu pai me forçava a ler. Quando eu não queria ler, eu ficava sem sair de casa pra passear. Daí eu fingia que estava lendo”**.

4.4.3 ESCOLA

Flávia estudou em creches particulares, mas, a partir da 1ª série do Ensino Fundamental, passou a freqüentar escolas públicas até os dias atuais.

Ela se considera uma menina hiperativa, pois afirma que apresenta muita dificuldade para se concentrar e manter-se quieta, parada no mesmo lugar por um

determinado período, o que a faz sentir-se incomodada dentro da sala de aula, precisando tomar remédios para que possa se acalmar. **“Eu não gosto de ficar sentada por muito tempo. (...) Daqui a pouco, se eu estressar e não quiser mais ficar aqui fazendo entrevista, eu vou embora e ninguém me segura! Eu não fico! Eu sou assim! Estou tomando até remédio pra acalmar, porque eu não paro! Eu não consigo estar em um lugar sem mexer em nada. E quando eu quero sair, eu saio até da aula, não peço nem licença e vou embora!”**.

Flávia afirma ter muitos amigos em sua escola, tanto que não gosta de faltar nenhum dia para que, no intervalo, possam conversar. Quando questionada sobre seus amigos e se eles gostam de ler, ela responde que **“ninguém gosta de ler não! Ler é muito chato!”**.

Toda essa aversão é explicada pela mediação mal sucedida entre o sujeito e o objeto (leitura), sendo que, conforme confirmaremos a seguir, teve, como principais mediadores, professoras que não conseguiram propiciar ambientes agradáveis para o aprendizado e utilizaram como principais instrumentos a obrigatoriedade e as agressões.

Professora da 1ª série

A professora Aparecida, que ministrava aulas na 1ª série do Ensino Fundamental, ficou marcada não apenas na lembrança do sujeito, mas deixou marcas profundas também em seu corpo.

Por ser muito severa, ela obrigava seus alunos a lerem, pois, caso o contrário, os agredia fisicamente. **“Ela batia na gente com a régua quando a gente não queria ler. Ela pedia, brava, pra gente ler. A gente não lia e ela pegava a gente pelo cabelo, chacoalhava assim (mostrando o gesto com os braços) e fazia a gente ler forçado. Ela fazia isso com todo mundo que não queria ler”**.

O fato é que, na 1ª série, Flávia ainda não sabia ler, pois quem lhe ensinou foi sua madrasta, quando cursava a 4ª série. Desse modo, mesmo que ela se esforçasse muito, não conseguiria ler. **“Por isso é que eu não lia na aula dela. Eu apanhava, mas não lia! Ela batia em quem não queria ler! Doía muito! Ela mandava a gente ficar atrás da porta”**.

Segundo Flávia, as agressões eram muito fortes e humilhantes, o que levou sua madrasta à escola, para conversar com a professora, mas de nada adiantou. **“Ela dava**

reguada na gente, pra machucar mesmo! No braço, na cabeça e eu não lia! (...) Colocava a gente pra ajoelhar no chão! A minha mãe (madrasta) foi lá um dia e falou com ela, mas ela continuava fazendo isso. (...) Minha mãe foi no Conselho Tutelar, mas não deu em nada e ela ainda dá aula lá na escola. Meus filhos não vão estudar naquela escola não!”.

A professora, de acordo com o sujeito, era uma senhora de mais idade, a qual nunca mais viu e nem deseja ver, já que como lembrança, ficou com uma cicatriz no braço direito. **“Eu levava muita reguada, tinha dia que eu chegava marcada em casa, com uns vergões roxos. Isso aqui era da 1ª série (e me mostra uma cicatriz no braço de, aproximadamente, 3 centímetros)... A reguada que ela me deu, cortou”.**

Professora de História da 8ª série

A professora de História da 8ª série, ficou marcada pela forma como obrigava Flávia a ler, mesmo contra sua vontade. Através de chantagem com notas, a professora tentava fazer ela ler, mas **“quando eu não quero fazer alguma coisa, eu não faço! Não sai!”.**

Segundo Flávia, a professora **“força muito a gente ler! E eu não quero e eu não leio! E quando a gente não lê, ela dá ponto negativo”.**

5. DISCUSSÃO

No capítulo anterior, foram apresentadas as quatro histórias de vida dos sujeitos que apresentam a mesma relação com a leitura: têm aversão à maioria dos materiais escritos, principalmente aos livros. Embora cada um dos sujeitos apresente histórias únicas, pois cada um pertence a diferentes realidades tanto sociais como culturais, ao realizar uma análise apurada de suas narrativas, possivelmente, muitos aspectos comuns serão encontrados, o que permitirá a formulação de conclusões acerca de quais foram as experiências de mediação mais relevantes que levaram os sujeitos a construírem uma história de aversão com a leitura, impedindo-os que se tornassem sujeitos leitores.

Através dos dados coletados por entrevista dos sujeitos Maria, Daniel, Carla e Flávia, observou-se que o processo de (des) construção enquanto leitores ocorreu a partir da mediação com outros indivíduos, nas interações sociais com o outro. Os principais agentes mediadores encontrados, ou seja, aqueles que foram os responsáveis por estabelecer uma ponte entre sujeito e leitura, foram os pais, familiares, professores e amigos. Estes, utilizando-se de meios impróprios, como a desvalorização da leitura, falta de incentivo, além do caráter obrigatório e as punições morais e físicas praticadas, mediarão a relação sujeito-leitura que se deu de maneira afetivamente negativa.

Segundo as idéias de VYGOTSKY, o sujeito, através da interação com o outro e com os bens culturais, constitui-se enquanto ser social, sendo que a relação entre sujeito e objeto é ricamente marcada por dimensões afetivas.

Assim, o estabelecimento de uma relação positiva ou negativa com o objeto em questão dependerá majoritariamente da qualidade afetiva que perpassará a interação entre o sujeito e a leitura.

No que se refere à leitura, por ser este um objeto cultural de papel fundamental em nossa sociedade e por ser uma prática social, é apropriada pelo indivíduo através do contato com o outro, que se estabelecerá durante toda sua trajetória de vida. Assim, afirma-se, novamente, a importância da qualidade da mediação entre sujeito-leitura, pois esta interação possibilitará contatos que influenciarão na qualidade da relação futura que será estabelecida entre a criança e os diversos objetos culturais a que terá acesso.

Para WALLON (1968), toda interação pressupõe contato com o outro, sendo este marcado fortemente por conteúdos afetivos. Dessa forma, tendo em vista que se aprende a ler nas interações sociais e que a qualidade destas imprimirá um caráter afetivo às experiências de leitura, que podem ser negativas ou positivas, conclui-se que o ato de ler é imbuído de afetividade em todas as suas dimensões.

De maneira geral, conforme pode-se ser observado no presente estudo, os significados que a leitura assumiu na história de vida dos sujeitos possuem relação com as mediações vivenciadas no contexto social e cultural, que não proporcionaram um contato maior e mais prazeroso com os livros e os diversos materiais escritos.

Nas falas coletadas, encontramos quatro histórias de vida bastante diferenciadas umas das outras; porém, todas descritivas e permeadas por sentimentos aversivos muito fortes que exprimem a mediação mal sucedida estabelecida entre sujeito e leitura.

“Eu até choro, chego até a chorar, fico cansada, com dor de cabeça, você acredita? Dor de cabeça quando tento ler e não consigo, não tenho paciência de ficar ‘nã, na, na” (cara de horror). Não tenho, não adianta, sabe? Não adianta mesmo!”
(Maria).

Os dados coletados estão repletos de falas semelhantes em que os sujeitos revelam e expressam, assim como no caso de Maria, sua aversão e relatam o como/de que maneira ela ocorreu.

SILVA (1991) chama a atenção para a importância da mediação estabelecida com a leitura e o reflexo da qualidade de uma interação negativa com este objeto. *“Temos de entender de uma vez por todas que a leitura não é uma função que nasce e se desenvolve devido a um dom, vocação ou talento de um indivíduo. Muito pelo contrário: a leitura é uma prática social que, para ser efetivada, depende de determinadas condições objetivas, presentes na sociedade como um todo. Ninguém é avesso à leitura, por natureza; a pessoa pode, isto sim, ser levada a detestar a leitura”* (p. 120).

Os ambientes mais citados na narrativa dos sujeitos entrevistados, em que ocorreram experiências significativas que proporcionaram o estabelecimento a relação aversiva entre sujeito e leitura, foram o familiar e o escolar.

Com relação à família, os sujeitos Maria, Daniel, Flávia e Carla afirmaram que as mediações ocorridas neste ambiente prejudicaram suas formações enquanto leitores.

Maria nos relata que seu pai foi o agente mediador encontrado em sua família, pois ele é quem obrigava a leitura da filha quando freqüentava as séries iniciais do Ensino Fundamental. Por ainda ser muito nova, Maria, ao chegar da escola, queria brincar com os amigos, já que havia passado a manhã toda estudando. Entretanto, seu pai, através de coerções físicas e morais, obrigava a filha a ler; esta expressa a sua indignação:

“Na época, na 1ª e 2ª série, eu estudava em escola particular e eu chegava e ele (pai) já me mandava fazer lição, ficar lendo livrinho... Nossa, aquilo lá pra mim era a morte, eu queria a morte! (...) ele me batia, batia na minha mãe, sabe? (...) Eu tinha que brincar com as minhas bonecas, porque eu não tinha nenhuma amiga, porque ele não deixava” (Maria).

Com Daniel, a obrigatoriedade e as punições eram bastante parecidas, mas eram praticadas por uma tia sua, a tia Aninha, que **“me obrigava a ler, se eu não lesse, eu levava chinelada”** (Daniel). Além da tia, a irmã de Daniel, o sujeito Maria, era quem, dentro de casa, ficava responsável por ensinar o garoto a ler. Entretanto, por já apresentar uma relação aversiva com a leitura, Maria **“(...) não tinha paciência de me ensinar, me batia”** (Daniel).

Flávia, apesar de ter um bom relacionamento com o pai, afirma que ele utilizava-se de ameaças para que ela lesse obrigatoriamente. **“Ah, meu pai me forçava a ler. Quando eu não queria ler, eu ficava sem sair de casa pra passear. Daí eu fingia que estava lendo”** (Flávia).

Carla, no ambiente familiar, nunca foi obrigada a ler nada e nem recebia castigos por isso; muito pelo contrário, era incentivada pela mãe para desistir dos estudos, que aconselhava a filha a parar de estudar, pois acreditava que só o trabalho é que possibilitaria

uma melhora nas condições de vida da família. Dessa forma, Carla, ao contrário dos demais sujeitos, não sofria pressões para que lesse, mas era desmotivada pela mãe constantemente, que, da mesma maneira que a obrigatoriedade e as punições, estabeleceu-se uma mediação negativa entre a filha e a leitura.

“(…) eles (família) nunca me incentivaram (a leitura), pelo contrário, minha mãe sempre incentivou a gente a trabalhar, trabalhar, só trabalhar. E até hoje, porque eu faço cursinho, ela fala que é bobagem isso, que não serve pra nada” (Carla).

Neste sentido, observa-se que tanto a obrigatoriedade como a falta de incentivo à leitura na interação com o outro, no caso, por parte dos familiares, pessoas tão íntimas dos sujeitos, acarretam no estabelecimento de uma relação aversiva com a leitura.

A família, por ser uma instituição tão participativa e importante em todas as etapas do desenvolvimento dos indivíduos, situando-se como seu referencial confiável, pressupõe-se estar permeada por conteúdos afetivos e, desse modo, é uma das grandes mediadoras, tanto positiva quanto negativamente, na constituição dos sujeitos enquanto leitores.

Segundo SILVA (1997), “ (...) o processo de formação do leitor está vinculado, num primeiro momento, às características físicas (dimensões materiais) e sociais (interações humanas) do contexto familiar, isto é, presença de livros, de leitores e situações de leitura, que configura um quadro específico de estimulação sócio-cultural. (...) Assim, a gênese de dicotomias como ‘ler x não ler’, ‘gostar de ler x não gostar de ler’, ‘atitude positiva x atitude negativa frente à leitura’, ‘ler mais x ler menos’, etc, depende, fundamentalmente, das incitações do meio sócio-cultural (família, escola e sociedade), isto é, da quantidade e da qualidade dos estímulos encontrados no meio onde vive a criança e das relações que ela trava com esses estímulos” (p. 89).

Exposta a importância da função da família no incentivo à leitura, vale ressaltar que, observados os dados coletados, nenhum dos sujeitos participantes da pesquisa relatou que seus pais ou familiares gostavam de ler ou eram modelos de bons leitores. O que ocorria, como no caso dos sujeitos Maria e Daniel, é que eram obrigados a ler, mas as pessoas que os forçavam a realizar tal atividade (pai e tia, respectivamente) não eram indivíduos que

possuíam o hábito da leitura; eles apenas obrigavam os sujeitos a lerem, por acreditarem ser a leitura uma prática muito valorizada socialmente e importante para o futuro deles. Entretanto, enquanto adultos influentes que são, nunca foram um bom exemplo de leitores que praticam a leitura por prazer ou para poderem atuar sobre a realidade que estão inseridos, de maneira crítica e reflexiva.

Ainda segundo SILVA (1997), *“(...) é preciso que haja ‘modelos ou exemplos de leitura’ no lar (visto aqui como instância primeira ou microssistema de socialização) para que a criança possa perceber e assimilar o valor e a função social do ato de ler e, movida por mecanismos como a observação, curiosidade, identificação, etc, passe a executar esse ato em sua vida”* (p. 88).

Já no ambiente escolar, todos os sujeitos da pesquisa afirmaram ter existido, no mínimo, um professor que os introduziram ou deram continuidade a seus processos de formação enquanto leitores de modo bastante negativo, com histórias de mediação mal sucedidas que marcaram afetivamente a relação sujeito-leitura.

Nos relatos dos sujeitos, observa-se que as interações ocorridas no contexto escolar também são marcadas por afetividade em todos os aspectos, sendo que esta se constitui como um fator essencial no estabelecimento da natureza das relações entre o sujeito e a leitura.

As experiências vivenciadas em sala de aula – que ocorrem, primeiramente, entre aqueles envolvidos no plano externo (interpessoal) e, posteriormente, através da mediação e conseqüente internalização (intrapessoal) – passam a fazer parte da história de vida dos sujeitos, sendo estas experiências de caráter extremamente afetivo, que permeia os processos interativos.

Dessa forma, conclui-se que as experiências ocorridas no ambiente escolar e a qualidade da mediação desenvolvida pelo professor determinarão a natureza afetiva da relação entre sujeito e objeto, que pode ser tanto negativa como positiva, dependendo das ações e procedimentos do professor, principal figura e responsável pela mediação. Assim, a dimensão afetiva participa., juntamente com a dimensão cognitiva, do processo de aprendizagem que ocorre na escola.

De acordo com TASSONI (2000), o que se diz, em que momento e por quê, afetam profundamente as relações professor-aluno e, conseqüentemente, influenciam diretamente no processo de ensino-aprendizagem, ou seja, na própria relação entre sujeito e objeto.

Os professores que marcaram negativamente os sujeitos são, principalmente, os que ministravam aulas nas séries iniciais do Ensino Fundamental, momento em que, geralmente, as crianças são alfabetizadas.

Carla, na 2ª série, tinha tanto medo de sua professora – que a obrigava a ler, castigava os alunos fisicamente -, que chegava a urinar em plena sala de aula quando era solicitada a ler algum texto em voz alta. Ela conta que, mesmo ciente das dificuldades que enfrentava em casa com sua mãe, que não a auxiliava nem a motivava em seus estudos, a professora exigia demais dela.

“(...) a professora, sabendo que eu tinha dificuldade, por não saber mesmo e eu mijava assim... Aí eu tinha que ficar de castigo em pé na sala, no canto, porque a professora deixava a gente de pé lá, fora isso ela puxava nosso cabelo... (...) Parecia que gostava de ver o aluno ser humilhado na frente da sala” (Carla).

Na 3ª série, Carla encontrou, novamente, uma professora que deu continuidade às agressões e que não soube identificar as dificuldades de sua aluna, que não sabia ao menos escrever seu nome corretamente. De acordo com Carla, a professora **“puxava orelha, levava na frente, colocava no canto da sala... Coisas assim que, para o aluno que tem dificuldade, é muito humilhante aquilo, muito humilhante mesmo”** (Carla).

A mesma situação aconteceu com Flávia, que na 1ª série, era espancada por sua professora, quando não queria ler. **“Ela batia na gente com a régua quando a gente não queria ler. Ela pedia, brava, pra gente ler. A gente não lia e ela pegava a gente pelo cabelo, chacoalhava assim e fazia a gente ler forçado (...) tinha dia que eu chegava marcada em casa, com uns vergões roxos”** (Flávia).

A presença desses professores extremamente autoritários e agressivos – a quem cabia a função de mediadores entre alunos-leitura - estabeleceu uma relação aversiva entre

os sujeitos e o objeto de conhecimento (leitura), pois, devido à obrigatoriedade e às agressões, a experiência de leitura foi marcada negativamente, prejudicando a aprendizagem dos alunos.

SILVA (1991) deixa muito clara sua opinião acerca de professores autoritários, que utilizam seu posicionamento na escola como forma de coagir seus alunos. *“Creio até que muito do autoritarismo ainda presente em nossas escolas advém do medo e da ignorância de muitos professores... Em outras palavras, o professor autoritário lança mão do autoritarismo no intuito de esconder a sua ignorância sobre a matéria que finge ensinar...”* (p. 25).

Ou seja, os professores, possivelmente por não serem indivíduos leitores, não sabem como incentivar seus alunos, impossibilitando sua formação e não os estimulando enquanto leitores. Dessa forma, utilizam-se de seu poder para obrigar seus alunos a lerem, conteúdo este que não dominam.

Um fato bastante crítico é que os sujeitos Flávia e Daniel, quando enfrentaram interações problemáticas com seus professores, que os obrigavam a ler, ainda não eram alfabetizados. Em outras palavras, eles eram obrigados a ler, e sofriam as conseqüências do não cumprimento da ordem, sendo que não realizam a atividade simplesmente porque não sabiam e a professora, convivendo diariamente com eles, não foi capaz de identificar essa falha. **“(...) fui aprender a ler só na 4ª série, por isso que eu não lia na aula dela. Eu apanhava, mas não lia!”** (Flávia).

Nestes casos, antes de ensinar seus alunos as funções sociais da leitura e da escrita, os professores não haviam se certificado se eles estavam alfabetizados ou não, ou melhor, não ensinaram seus alunos a decodificarem o código escrito. *“Um pré-requisito básico para o desenvolvimento da leitura em uma sociedade diz respeito à formação de leitores através do processo de alfabetização. É este mesmo processo que vai permitir aos indivíduos compreender e transformar o significado potencial de mensagens expressas através da escrita, conservadas em livros ou em outros veículos que se utilizam da linguagem escrita. Ser alfabetizado, então, é ter possibilidade de penetrar nos horizontes culturais que fazem parte do mundo da escrita. Sem tal formação, o homem fica restrito, em termos gnósico-práticos, ao falar e ao ouvir (mundo da oralidade), sendo*

impossibilitado de participar do processo cultural através dos atos de ler e escrever” (SILVA, 1997, p. 47).

Entretanto, vale ressaltar que, mesmo o sujeito sendo alfabetizado, isto não é garantia que ele se torne um bom leitor. Há muitos outros fatores, conforme observamos no presente estudo, que são necessários no processo de formação do sujeito enquanto leitor, como a prática da leitura socialmente e a qualidade afetiva da mediação estabelecida entre sujeito e leitura, dentre outros.

Maria, assim como seu irmão Daniel, ambos sujeitos da presente pesquisa, relatam uma história de mediação que vivenciaram com o mesmo professor, Sérgio, que, imbuído de preconceitos e xingamentos, marcou negativamente a experiência de leitura de seus alunos. Mesmo sendo professor da disciplina de Geografia, o modo sobre como procedia em suas aulas influenciava a relação dos sujeitos com a leitura.

Maria, quando estudava na 8ª série, foi discriminada pelo professor, que a chamou de **“neguinha preta e favelada”**, porque se negou a ler em voz alta quando requisitada por ele, o que trouxe como consequência: **“Geografia, a matéria que eu mais odeio!”** e **“(…) eu não gosto de ler mesmo! Ai o professor fez isso e parece que foi uma coisa que, tipo, um trauma, sabe? Não tem criança que fica com trauma? Então, fui eu, já adolescente com um trauma”** (Maria). Mesmo já sendo adolescentes, a interação com o professor de Geografia deixou marcas na relação de Maria com a leitura.

Em sua fala, Flávia também relata a experiência com sua professora de História, que marcou sua história de aversão à leitura, já que **“ela (professora) força muito a gente ler! (...) E quando a gente não lê, ela dá ponto negativo”** (Flávia).

Neste sentido, a prática da leitura não deve ser responsabilidade somente dos professores alfabetizadores, mas também dos professores das diversas disciplinas do currículo, pois são eles que darão continuidade ao processo de formação dos alunos-leitores e a qualidade da interação vivenciada também influenciará a futura relação que se estabelecerá entre o sujeito e a leitura.

Dessa forma, o sucesso ou insucesso do aluno, durante sua trajetória de vida escolar, dependerá, fundamentalmente, da qualidade da orientação que receber no campo da leitura, independentemente da disciplina em que ela está sendo trabalhada. Quando uma criança tem problemas específicos em qualquer disciplina do currículo escolar, como Matemática,

Geografia e outras, seu mau desempenho provavelmente afetará somente estas disciplinas. Entretanto, se um aluno não gostar de ler/tiver aversão à leitura, isto poderá se refletir em todas as matérias, prejudicando-as em geral, pois todas envolvem a leitura como pré-requisito básico. Em um problema de Matemática, por exemplo, é necessário ler e interpretar o enunciado antes de dar início às resoluções matemáticas, pois, caso isso não seja feito, corre-se o risco de errar todo o problema. Mas, ao contrário, na leitura de um texto, não é preciso ter noções de Matemática para interpretá-lo.

Neste momento, nota-se a importância de se focalizar a leitura como ponto central em todas as disciplinas do currículo escolar e em todos os níveis de ensino. *“Porém, por razões diversas, a responsabilidade pela orientação da leitura e pela formação do aluno-leitor é deixada somente aos alfabetizadores e aos professores de Comunicação e Expressão. Assim, se os alunos não aprendem a ler e se existe uma crise de leitura na escola brasileira, a culpa não é do corpo docente como um todo, mas somente dos professores de Português”* (SILVA, 1984, p. 33).

Desse modo, a leitura nas escolas é encarada como um problema que é passado para a frente, de mão em mão, pois, por não terem uma formação adequada na área e por não se constituírem como leitores, os professores muitas vezes fingem que ensinam leitura e os alunos fingem que sabem ler, o que resulta em um relacionamento inseguro entre professor-aluno e uma mediação mal sucedida entre sujeito-leitura.

Durante todas as entrevistas realizadas, em nenhum momento os sujeitos mencionaram a presença de um professor que os encaminhassem para a biblioteca da escola ou um projeto escolar de incentivo à visitas a biblioteca. Daniel foi o único sujeito que relatou a presença de uma biblioteca em sua escola, sendo que ele aprendeu a ler no sofá deste local, com uma colega de classe ensinando-lhe. **“(...) Débora, que me ensinou a ler, a gente se sentava no sofá da biblioteca e ela me ensinava ler. Pegava esses livrinhos tipo Cinderela, ela era boa”** (Daniel).

Além disso, percebe-se que o contato dos sujeitos com livros, que não sejam os didáticos, são raros, sendo que poucas vezes ocorreram. **“Eu nunca peguei um livro de história na mão. Eu só pego os livros das matérias na escola”** (Flávia).

Neste momento, observa-se a falta de um projeto maior de incentivo à leitura e a importância de uma biblioteca nas escolas, que permita que os alunos tenham contato com

os livros e os diversos materiais escritos, manuseie-os e, através da curiosidade e mediação da comunidade escolar, possam desenvolver um hábito de leitura.

Segundo SILVA (1991), a biblioteca *“deve se colocar como o cérebro da escola, ou seja, o local de onde partem os movimentos básicos em direção à recriação ou criação do conhecimento, servindo à professores, alunos e comunidade”* (p. 12).

O acesso apenas aos livros didáticos, ou **“os livros das matérias”** (Flávia), ou **“livro da escola”** (Daniel), como denominam os sujeitos, acabam engessando a criatividade dos alunos, pois são compostos majoritariamente de textos conteudistas, que não condizem com a realidade deles e que não despertam seu interesse, impossibilitando que os sujeitos aventurem-se na leitura prazerosa de um livro com histórias.

O material escrito que chega às mãos dos alunos se compõe essencialmente de textos didáticos e por esses serem o único material a que têm acesso por um bom tempo de suas vidas, as experiências dos alunos com os livros didáticos tendem a levá-los a conclusões generalizadas sobre a leitura em geral, o que os faz afirmar que ler **“é muito chato”** (Flávia), gerando o afastamento do jovem leitor.

Uma prática bastante tradicional e antiga, que muitos pensam já ter sido extinta do sistema escolar brasileiro, mas que foi encontrada e relatada por todos os sujeitos do presente estudo como a principal experiência que os marcou de maneira negativa com relação à leitura, foi a prática da leitura oral.

“Daí, desde a escola, eu já odiava, odiava, odiava ler, assim, pra mim era o fim ir lá na frente ler (...) Eu lembro que tinham vários alunos na classe, várias pessoas que sabiam ler e a professora pedia justo pra eu ir ler na frente. Eu lembro que eu já mijeí na sala, sabe? (Carla).

“Ela (professora) batia em quem não queria ler (...), fazia a gente ler forçado” (Flávia).

“(...) era pra ler pra sala inteira. Aí eu li, só que eu comecei a ler errado e todo mundo começou a dar risada

da minha cara. Aí nunca mais eu quis ler! (...) Assim, ler eu sei ler, só que ler para os outros eu não gosto não!” (Daniel).

“(...) me desse um tapa na cara, mas não mandasse eu ler na frente de ninguém. (...) Depois, eu fiquei com uma raiva tão grande do professor que até hoje... Mandar ler é brigar comigo!” (Maria).

No recorte das falas dos sujeitos, observou-se que a prática inadequada da leitura oral pode gerar um sentimento de incompetência, baixa auto-estima, além de vergonha e medo de sofrer privações da professora ou gozações dos colegas de classe.

Ao invés de sentirem-se premiados ao serem escolhidos para ler, os alunos encaram como um castigo, pois, dentre todos os alunos, um teve o azar de expor sua leitura para toda a classe. Os alunos sentem-se inseguros, com medo de não alcançar o padrão de excelência desejado pela professora.

Em sua tese de mestrado, L. SILVA (1984) explica o porquê se lê em voz alta nas escolas. *“A leitura oral começa na alfabetização quando o aluno tem que provar para a professora que já sabe reconhecer os sinais, as letras, traduzindo oralmente o código escrito. (...) Após esse primeiro estágio a escola inicia um processo de aperfeiçoamento das habilidades adquiridas. (...) O que a justifica (leitura oral) em última instância é a necessidade controle, de tornar uniforme uma experiência que se secreta, pessoal e silenciosa, traria para a aula o não previsto, o incontrolável. Por isso tornar pública a leitura que o aluno faz do texto . Nem que com isso não se garanta leitura alguma. (...) O aluno, separando o ato de ler do ato de entender o que está lendo, desfigura a leitura, reduzindo-a a um processo de percepção, reconhecimento e decodificação dos sinais gráficos”* (p. 74-77).

Ou seja, a leitura oral, além de inibir o indivíduo, sujeito a julgamentos por parte do professor e dos demais alunos, prejudica sua compreensão e interpretação do texto lido.

Carla resume a prática inadequada da leitura em voz alta em apenas uma palavra: **“humilhante”!**

A leitura cobrada, imposta e vigiada rouba do sujeito toda sua autonomia e a oportunidade de vivenciar experiências de escolha, liberdade e, conseqüentemente, prazer na leitura.

LAJOLO (1982) diz que o ensino da leitura no âmbito das escolas, ao invés de estimular a reflexão e a busca de conhecimentos, de promover o prazer e desenvolver a criticidade, congela ou até mesmo aniquila o potencial de atribuição de significados à palavra escrita, que os alunos trazem para a situação de aprendizagem escolar.

Enfim, conclui-se a importância da instituição escolar no processo de construção de leitores com as palavras de TASSONI (2005), onde afirma que *“a escola, como espaço legítimo para promover a apropriação da experiência culturalmente acumulada, deve levar em conta que os aspectos cognitivos e afetivos são indissociáveis e proporcionar o desenvolvimento do indivíduo na sua totalidade. Toda aprendizagem está impregnada de afetividade. A trama que se tece entre alunos, professores, conteúdo escolar, livros, escrita, etc, não acontece puramente no campo cognitivo. Existe uma base afetiva permeando essas relações”* (p. 254).

Tendo em vista a situação sócio-econômica dos sujeitos participantes do estudo, pode-se afirmar que todos eles pertencem à classe média e baixa da população. Dessa forma, os sujeitos encaram a leitura, assim como os estudos, como um pré-requisito básico para a conquista de melhores condições de vida. **“Porque o que vai valer mesmo no futuro, pra mim, vai ser o cursinho, porque se eu conseguir entrar numa universidade pública?”** (Carla).

Para SOARES (2000), *“pesquisas já demonstraram que, enquanto as classes dominantes vêem a leitura como fruição, lazer, ampliação de horizontes, de conhecimentos, de experiências, as classes dominadas a vêem pragmaticamente como instrumento necessário à sobrevivência, ao acesso ao mundo do trabalho, à luta contra suas condições de vida”* (p. 21).

Finalmente, um dado positivo na presente pesquisa: atualmente, todos os sujeitos participantes possuem um mediador que está tentando inverter relação aversiva frente à leitura em relação positiva. São pessoas que possuem uma relação afetiva de caráter extremamente positivo com os sujeitos e preocupadas com suas formações enquanto leitores.

No caso de Carla, seu agente mediador é o namorado, que se caracteriza como um bom leitor e presenteia a namorada com livros de seu interesse, visando incentivá-la. Ela descreve, em sua fala, a maneira com que o namorado está tentando aproximá-la da leitura:

“Ele sempre estudou em escola particular, tem uma condição financeira melhor do que a minha, bem melhor. Então ele veio de escola particular, ele tem já um caminho traçado. Aí ele fica me incentivando, porque ele vê, ele olha e fala que eu preciso mesmo ler, porque às vezes eu choro no cursinho, você acredita? Porque eu não consigo entender as coisas, eu não consigo mesmo! Por mais que o professor explique, explique, explique eu não consigo entender! Aí ele vê que eu sofro e fica me dando algum livro pra eu ler, pra ver se eu... Porque ele falou assim que leitura é fundamental, não só no português, mas em história, geografia... Tudo envolve a leitura! E ele vê que eu assim... Às vezes ele fica mandando eu escrever redação pra ele ver, porque eu não gosto. Aí ele fica me dando algum livro assim quando eu gosto pra eu ler. Fora que ele já me deu vários livros, mas só esse que eu peguei pra ler e olha que acho que já faz um mês e eu não estou nem na metade do livro. Aí ele fala assim: ‘Lê o livro e daí você me fala o que você entendeu!’” E aí eu já não gosto. Aí quando fica me obrigando, eu não vou ler então, aí eu não leio, porque eu fico me sentindo pressionada. Eu não gosto! Se me pressionar é pior ainda!” (Carla).

Já Flávia, tem como seu agente mediador positivo, sua madrasta, sendo que demonstra todo seu vínculo afetivo para com ela, chamando-a de mãe. Além disso, foi sua madrasta quem lhe ensinou a ler, já que na escola, devido aos maus tratos, não conseguia estabelecer uma relação positiva com a professora de maneira a possibilitar seu aprendizado. **“Ela (madrasta) me ensinou a ler em casa, com uma cartilha” (Flávia).**

Daniel encontrou na escola uma colega que se sensibilizou com sua situação de leitura e o ensinou a ler, pois, ao contrário de seus demais amigos de classe, que riram de sua leitura em voz alta, Débora se empenhou em ajudar o colega sentava com ele no sofá da biblioteca, para que lessem histórias de contos de fadas juntos, e, com muita paciência e dedicação, ainda tenta alterar a relação aversiva que o sujeito estabeleceu com a leitura.

Maria casou-se com um escritor e mestre em Educação, que agora tenta incentivá-la aos hábitos da leitura. Possui uma biblioteca pessoal em casa, sendo que ele procura comprar livros sobre a raça negra e o preconceito racial, temas que agradam e muito sua esposa, além de levá-la em discussões e debates em faculdades, que abordem o assunto.

Por fim, espera-se que os agentes mediadores positivos possam estabelecer novas histórias de mediação, mas que, dessa vez, elas possam ser muito bem sucedidas.

5.1 CONCLUSÃO

Após a análise das quatro histórias de mediação mal sucedidas, no processo de construção dos sujeitos enquanto leitores, entende-se que a aversão à leitura ocorreu através da interação com o outro, ou seja, através e interações sociais ocorridas no ambiente familiar e escolar.

Dentre estas interações, as mais marcantes, negativamente e de acordo com os sujeitos, aconteceram no ambiente escolar, sendo os principais mediadores os professores que obrigavam a leitura e que castigavam seus alunos (sujeitos) através de punições morais e físicas.

No ambiente familiar, os principais agentes mediadores foram os pais, por conferirem um caráter obrigatório à leitura e pela falta de incentivo a mesma.

Dentre todas as histórias de vida, devidamente analisadas pela pesquisadora e reinterpretadas pelos sujeitos no momento da narrativa, observou-se que a aversão à leitura parece estar relacionada com os aspectos presentes na vivência mal sucedida, como, por exemplo, a obrigatoriedade.

Durante a trajetória de formação dos sujeitos enquanto leitores, nota-se que o processo encontra-se notadamente marcado por conteúdos afetivos e que a qualidade da

mediação se mostrou como a grande responsável pela relação mal sucedida entre os sujeitos e a leitura.

Ao vivenciarem experiências desagradáveis, a leitura se tornou para os sujeitos uma prática afetivamente negativa. Os sentimentos de medo, vergonha, insegurança e incapacidade permearam as histórias de leitura, afetando a relação futura dos indivíduos com este objeto do conhecimento.

Como principal contribuição deste trabalho, encontra-se a importância conferida à escola e à família no processo de construção de leitores – já que as interações ocorridas nestes ambientes foram primordiais para a constituição da aversão dos sujeitos -, além da importância da dimensão afetiva no estabelecimento de relações positivas com o objeto do conhecimento (leitura), pois, sozinha, a dimensão cognitiva não é capaz de garantir o desenvolvimento geral do ser humano e, conseqüentemente, uma aprendizagem satisfatória.

Vale ressaltar que, ao experienciar a leitura, o sujeito executa um ato de compreensão do mundo, por ela ser *“uma forma de encontro entre o homem e a realidade sócio-cultural; o livro (ou qualquer outro tipo de material escrito) é sempre uma emersão do homem do processo histórico, é sempre a encarnação de uma intencionalidade e, por isso mesmo, ‘sempre reflete o humano’”* (SILVA, 1984, p. 41).

Infelizmente, a leitura, em nossa sociedade, aparece como um privilégio de classe e, considerando que vivemos em um mundo letrado, onde os materiais escritos são necessários para a própria sobrevivência e atualização dos indivíduos, sendo que aqueles que não sabem ou não gostam de ler, aumentam suas chances de serem excluídos.

Concluindo, *“a raridade de leitura e, portanto, de leitores na sociedade brasileira é um mero reflexo de uma política ‘caolha’, que domestica os homens e impede o exercício da consciência e da razão. (...) Ler é um ato de afirmação – e de defesa – da liberdade individual e de participação na sociedade”* (SILVA, 1997, p. 49).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

DÉR, L.C.S.A. *A constituição da pessoa: dimensão afetiva*. In: MAHONEY, A.A. e ALMEIDA, L.R. (Orgs.). *A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon*. São Paulo: Loyola, 2004.

GROTA, Ellen B. *Processo de formação do leitor: relato e análise de quatro histórias de vida*. Campinas, 2000. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.

LAJOLO, Marisa. *O texto não é pretexto*. In: ZILBERMAN, Regina (Org.). *Leitura em crise na escola*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

LEITE, Sérgio A. da S. (Org.). *Afetividade e Práticas Pedagógicas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E.D.A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

QUEIROZ, Maria Isaura P. de. *Relatos orais: do "indizível" ao "dizível"*. In: SIMSON, Olga von (Org.). *Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais.

SILVA, Ezequiel T. da. *Leitura & realidade brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

_____. *De olhos abertos – Reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991.

_____. *O ato de ler*. São Paulo: Cortez, 1984.

SILVA, Lílian L. Martin da. *A escolarização do leitor: a didática da destruição da leitura*. Campinas, 1984. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.

SOARES, Magda B. *As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto*. In: ZILBERMAN, Regina e SILVA, Ezequiel T. da (Orgs.). *Leitura: Perspectivas interdisciplinares*. São Paulo: Ática, 2000.

SOUZA, Juliana S. Z. De. *A mediação da família na constituição do leitor*. Campinas, 2005. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.

TASSONI, Elvira C.M. *A afetividade e o processo de apropriação da linguagem escrita*. In: LEITE, Sérgio A. da S. (Org.). *Alfabetização e letramento: contribuições para as práticas pedagógicas*. Campinas: Komedi, 2005.

_____. *Afetividade e produção escrita: a mediação do professor em sala de aula*. Campinas, 2000. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.

VYGOTSKY, L.S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

_____. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

WALLON, Henri. *A evolução psicológica da criança*. Lisboa: Edições 70, 1968.

ANEXOS

ANEXO 1

Carta de apresentação entregue para todos os alunos

Prezado (a) colega,

Sou universitária e curso, atualmente, o 7º semestre do curso de Pedagogia na Faculdade de Educação da UNICAMP.

Estou realizando uma pesquisa sobre AFETIVIDADE e as condições de ensino. Mais especificamente, pretendo estudar as razões pelas quais muitos jovens desenvolvem uma relação aversiva com a leitura.

Assim, estou procurando encontrar **estudantes que não gostam de ler/ têm aversão à leitura** e que gostariam de colaborar neste estudo.

Se você se identificou com esse perfil, por favor, deixe seu nome, e-mail e/ou telefone para contato.

Nome: _____
E-mail: _____ Tel: _____

Lembramos que todos os cuidados éticos serão assumidos de forma a não possibilitar a identificação dos sujeitos.

Caso você queira maiores esclarecimentos, entre em contato comigo através do e-mail: mari_pucca@yahoo.com.br

Obrigada,

Mariana

ANEXO 2

Roteiro norteador da entrevista semi-estruturada realizada com os sujeitos participantes do estudo

- Permissão para gravar
 - Caracterização do sujeito:
 - a) Idade
 - b) Aonde nasceu?
 - c) O que gosta de fazer?
 - d) Ambiente social em que vive
 - e) Histórico escolar (aonde, quando estudou)
 - f) Família, pais, irmãos, marido/esposa, filhos...
 - g) Cotidiano
 - h) Tem computador, carro... Verificar condição sócio-econômica
 - i) Trabalha?
 - Recolocar objetivo da pesquisa e seus processos
 - O que o sujeito lê normalmente?
 - Existe leitura autônoma?
 - Práticas de leitura (Quando lê, lê aonde, como... Verificar se possui rituais de leitura)
 - Pergunta chave: Ao longo de sua história de vida, quais interações, ou experiências, que foram significativas para que você se considerasse uma pessoa com aversão à leitura?
 - Histórias de mediação (fatos, pessoas) que são agentes mediadores dessa relação
- aversiva
- a) família
 - b) professor
 - c) escola
 - d) amigos
 - e) outros
- detalhar
- Tem mais alguma história para contar?

ANEXO 3

Entrevista realizada com o sujeito Maria

• *Legenda:*

A – Maria

E – Entrevistadora

ENTREVISTA

E – Bom, vou começar a gravar nossa conversa pra gente ir pegando mais intimidade com o gravador, pode ser?

A – Pode!

E – Então, eu faço Pedagogia e tem gente que pensa: “Leitura? O que tem a ver?”

A – Então, Pedagogia é a área que eu quero também, né?

E – Ah, você quer também?

A – É, olha só, tantos livros... Meu marido é formado em História e Geografia e dá aula de Cidadania numa entidade, sabe? Uma faculdade particular?

E – Conheço.

A – Tem uma entidade, né? Então ele dá aula lá, é coordenador pedagógico, agora ele virou coordenador geral. E olha, o tanto de livro e eu não pego um. Eu li um, quer ver, que eu me interessei, né? Pra fazer redação, porque eu sou do MEC naquele cursinho e tem que fazer, né? É esse aqui: (me mostrando o livro) “O Almanaque da mulher negra”. Assim... Eu sou muito assim, né? Gosto muito de ler esse negócio de racismo. Esse negócio de ler é sobre isso mesmo, é sobre racismo mesmo, né? Porque eu não gosto mesmo de ler.

E – É, lá na Pedagogia tem um departamento que estuda bastante isso, racismo. Tem até uma professora minha que trabalha com a relação de professoras negras ou de professoras brancas com alunos negros, sabe? É super legal!

A – Saiu um tempo atrás que uma professora da prefeitura, saiu até no jornal, maior polêmica, que ela na sala, numa sala de 1ª série se eu não me engano, ela fez lá um bonequinho branco de cabelo de algodãozinho, que era o branco, bonitinho, e o preto colou Bombril. Aí, um pai... Nossa... Foi lá, conseguiu falar com o prefeito, saiu a maior discussão, a professora está como racista, nossa...

E – É, nos meus estágios eu acompanhei algumas situações de racismo...

A – Ai que horror!!

E – Bom, mas só esse livro que você andou lendo então? “O Almanaque da Mulher Negra”, né?

A – Só, teve um que era pra técnica de redação, porque eu tenho que fazer redação, tenho que desenvolver redação, porque como eu sou do MEC eu tenho que... Quem é do MEC tem que dar duas redações por mês, sabe?

E – Como assim, você é do MEC? Isso que eu não estou entendendo...

A – O MEC é assim, é igual o ProUni, né?

E – Ah, ele financia o seu cursinho, é isso?

A – Eu não pago nada, aí eles dão o vale transporte, mas o vale transporte desde março, quando começou o cursinho, não recebi ainda e está atrasado. E assim: pra eu continuar lá dentro, eu tenho que respeitar as regras de lá, entendeu? Se eu não respeitar, dão a vaga pra quem está precisando.

E – E daí você tem que produzir duas redações, é isso?

A – Duas por mês. Eu me mato, menina! Eu tenho quatro pra fazer aqui, porque mês passado eu não fiz. Porque eu sou uma pessoa assim: eu não gosto de fazer redação que foi você que me deu o tema, eu gosto de criar o meu tema, viajar naquilo, eu mesma viajo... Igual o que está acontecendo com o PCC, tinham muitas coisas que eu sei porque eu fui criada em favela, essas coisas, sabe? Fui pro Rio, morei no Rio um tempinho...

E – Ah, você já morou no Rio?

A – É... Com o namorado mesmo... Marido agora. Faz tempo que a gente está junto, uns dois anos e meio mais ou menos, aí a gente vai pro Rio, fica lá um tempo. Então, tudo isso, sabe? Tudo o que acontece eu estou por dentro, sabe? Mas assim de ler, de ler eu não gosto mesmo!

E – Não gosta e não tem jeito, né?

A - Não, porque quando eu estudei, na escola em Sousas, cheguei a morar em Sousas - mas eu sou baiana, morava na Bahia - e desde a 5ª série, porque eu fiz a 5ª série em Sousas, todo mundo zuava com o meu sotaque...

E - Mas você já perdeu bastante.

A - É, mas eles ficavam falando: "Ai credo, bahiana, que menina ridícula falando, que num sei o quê..." Eu falei: "Ah, tá bom..." Daí eu fui passando de ano, passando, nunca gostava de ler em sala, daí um dia eu passei pra 8ª série e um professor era racista, foi um professor de geografia, ele não gostava de escrever na lousa, ele gostava de ditar e que a pessoa lesse. E era uma coisa assim: me desse um tapa na cara, mas não mandasse eu ler na frente de ninguém. Daí ele falou assim: "Ah Maria, sua vez!" E eu falei assim: "Eu não vou ler". Daí ele falou assim: "Ah, mas por que você não vai ler?". "Porque eu não quero". Daí ele respondeu: "É, tem que ser mesmo, tem que ser preto e favelado!" Aí eu falei: "Ah é, espera aí!". Levantei, assim, os dois, eu e ele nos agredimos, sabe? Eu e o professor.

E - Mas se agrediram como?

A - Porrada mesmo! Nós dois! Ele me chamou de favelada! "Ah, essa nequinha tem que ser da favela mesmo". E eu não deixei barato, fui pra cima dele, na ignorância, sabe? Aí eu abri um B.O. contra ele.

E - Isso tudo porque ele mandou você ler e você não quis por causa do sotaque?

A - É, por causa do sotaque. Ele queria me obrigar a ler e eu falei: "Você não é ninguém pra me obrigar a ler!" E ele disse: "Então, se retire da sala!", isso antes da gente começar a se grudar. E eu falei assim: "Eu não vou me retirar porque eu não quero ir!" Daí ele falou num sei o quê, que tinha que ser uma nequinha favelada mesmo, daí ele foi lá no meu lugar, pegou no meu braço e eu falei: "Tira a mão de cima de mim!" Daí ele não tirou, né? E no que ele não tirou, daí eu fui pra cima dele, ele foi pra cima de mim... Foi uma porrada dentro da sala de aula.

E - Isso foi em que série?

A - Na 8ª. Aí eu andava sempre com uma turma, né? De meninas, eram quinze meninas, aquela bagunça, queria dar porrada em todo mundo, se alguma pessoa não desse lanche na hora do intervalo pra gente, a gente ia bater, sabe? Uma coisa assim... Aí assim, hoje, das quinze, só três estão estudando, o resto tudo engravidou. E eu sou uma das que estão estudando. Na 8ª série, eu bagunçava muito. Chegou no colegial, 1º colegial assim, fui criando juízo na cara, tenho que parar com isso, mas daí foi tarde, né? Porque agora tenho que fazer cursinho, não aprendi nada, não sei de nada, desde a 5ª série não sei de nada...

E - E você quer prestar o quê? Pedagogia?

A - Pedagogia.

E - Na Unicamp?

A - Não, na Unicamp não. Eu quero a Federal do Rio ou da Bahia.

E - Você não quer continuar aqui então?

A - Não, não. Na Unicamp eu nem tento, eu não quero tentar. É muito difícil, eu acho, tem que ralar muito ali, não é alternativa mais, não é comigo. Fazer o quê...

E - Bom, vou pegar um roteirinho que eu fiz pra não esquecer de te perguntar algumas coisas. Mas não é uma entrevista certinha, com perguntas fixas. É uma conversa mesmo, do jeito que a gente está fazendo, tanto é que eu já vou usar o que nós conversamos até agora, ok? Esse tipo de entrevista se chama entrevista semi-estruturada, ela não é totalmente certinha, a gente deixa fluir, sendo que o importante é captar um pouco da sua história de vida e sua relação com a leitura. Uma coisa que eu ainda não sei: qual sua idade?

A - 20 anos.

E - Onde você nasceu? Na Bahia?

A - É, na Bahia.

E - Que cidade?

A - Salvador mesmo, na capital. Eu morei com a minha mãe lá, daí em 97 minha mãe veio com meus dois irmãos menores e eu fiquei com a minha vó. Aí em 99 pra 2000 eu vim pra cá, tem 6 ou 7 anos que eu estou aqui.

E - E sua mãe ainda mora aqui?

A - Minha mãe mora, meus irmãos também. Minha vó ficou lá.

E - E você vai visitá-la de vez em quando?

A - Eu estou pensando em ir lá em janeiro, né? Com a família nova. Agora não sei se vai dar... Estou desempregada também, estou procurando emprego.

E - Por isso que aquele dia que eu fui ao cursinho você estava lendo jornal...

A - Se você chegar no cursinho, não ver o classificado, quem arranca sou eu! (risos)

E – Eu achei muito engraçado, porque eu fui ao cursinho, tinha acabado de falar com a sua classe, pra saber os interessados em participar da pesquisa, vi vocês ali na mesinha lendo jornal e pensei: “Ah, não devem ser da classe e, mesmo se forem, está na cara que elas gostam de ler!” Daí você chegou pra mim e perguntou o que eu fui falar na classe. Eu falei que fui fazer uma pesquisa sobre leitura e perguntei se vocês gostavam de ler, sendo que vocês responderam que não gostavam. Eu achei estranho, porque vocês estavam lendo jornal. E você me respondeu que estavam lendo somente os classificados! (risos) Nessa hora, eu pensei: “Essa menina tem que participar da pesquisa!”

A – É, eu gosto de ver, de escutar rádio de manhã, tem uma rádio que só é de notícias, jornal, essas coisas. Agora ler jornal, não, não... Nossa, estou falando pra você que eu peguei um livro mês passado, para entregar agora dia 12, eu não li nem a primeira página pra fazer a redação. Não vai... Sabe quando não sai? Não sai, não adianta... Depois eu fiquei com uma raiva tão grande do professor que até hoje... Mandar ler é brigar comigo!

E – Então, mandar você ler...

A – Ah, eu não gosto, não gosto! É uma coisa minha que eu não gosto, sabe? Mexer no computador também não gosto! Eu fui fazer uma entrevista para trabalhar no call center lá na Vivo (empresa de telefonia celular), aí tinha que fazer uma dinâmica que tinha que ler. Daí eu falei assim: “Posso me retirar, por favor?” Daí eu me retirei, você acredita? Tinha uma sala de 30 pessoas, imagina? NUNCA! Eu falei assim: “Posso estar me retirando?”

E – Tinha que ler na frente de todo mundo?

A – Tinha que ler na frente de todo mundo, sabe? Eu falei NÃO! Parece que foi um trauma, sabe? Eu não gosto mesmo! E com meu irmão menor é o mesmo ritmo, porque ele chora. Ele foi aprender a ler agora com 11 anos e ainda gagueja um pouco pra ler. Ele odeia ler, não pega um caderno pra ler. A gente fala: “Romário leia, Romário leia, Romário leia”. “Não, não vou ler!” Me xinga, xinga minha mãe: “EU NÃO VOU LER, EU NÃO GOSTO DE LER!”

E – E ele você acha que tem algum motivo?

A – Não sei... Ele não gosta, gosta de ficar brincando, mas não gosta de pegar pra ler nada. Minha mãe compra revista em quadrinho e nada. Não gosta, não tem jeito.

E – E qual é sua rotina, o que você gosta de fazer?

A – Como assim?

E – Agora você casou, né? Quando eu fui ao cursinho, você não era casada.

A – Não era. Acho que não faz um mês ainda, faz pouco tempo. A gente juntou e vai casar no final do ano, né? Estou até fazendo chá de cozinha. Vou ver se eu arrumo um emprego pra ver se a gente se acerta, né? Dia 25 agora vai ter meu chá de cozinha. Se você quiser ir, vai ser um domingo, às duas horas... (risos)

E – Obrigada pelo convite! (risos)

A – Vai ser lá na minha casa (casa da mãe dela), um churrasquinho. Vai ser chá de cozinha, mas com mulher e homem também.

E – Que legal! Mas eu não garanto que eu vá, porque domingo é difícil pra eu sair. E você não está grávida ou pretendendo ter filhos?

A – Eu acho que não estou grávida, apesar de estar engordando tanto...

E – Mas, qual está sendo sua rotina?

A – Minha rotina é ficar em casa, arrumar a casa. Como aqui não dá pra lavar roupa, eu levo pra Sousas (casa da mãe), ele me leva, né? Daí eu lavo roupa, daí eu venho. Daí, quando tem alguma faxina por aqui, pelo centro, eu faço, sabe? É um emprego como qualquer um, né? Vou, faço... Mas casar é mais ou menos. É a mesma coisa todo dia, final de semana você queria sair quando como você saía sozinha e não pode. Minhas amigas ligam e eu falo: “Vocês têm que entender, né? Mudou agora!” Não é a mesma coisa. Elas ficam: “Vai! Vamos, vamos... Você é doida!” Aí eu falo: “Aí gente, não é que é doida, sou doida porque eu estou casando cedo, mas eu não estou parando de estudar, ele está me incentivando, está no meu pé!” Eu vou tentar o ProUni agora. Não consegui a nota pra esse, mas vou tentar no outro e estou assim.

E – E ele é formado em história?

A – Em história e geografia. Ele é formado pela Unicamp, mas ele não dá aula mais. Está só na delegacia de ensino, coordenando, e nessa entidade, que ele é coordenador geral a partir de sábado agora. Ele era coordenador pedagógico, aí como o coordenador geral saiu, ele ficou no lugar. É uma entidade, sabe? Que funciona só sábado. Ele estuda muito e de lá ele já foi encaminhado pra faculdade direto. É interessante. Daí ele está vendo como é que é, já faz três finais de semana que ele está indo direto, se for melhor do que o cursinho, ele vai me colocar lá. “Mas você vai ter que estudar!” Ele fala pra mim. “Lá você vai ter que estudar. Não é cursinho, brincadeira, sabe? Lá você vai ter que estudar”. Porque é das 8h às 18h.

E – Eu não estou entendendo direito... Lá é cursinho também?

A – Lá é cursinho, é uma entidade. Deixa eu pegar um papel aqui... Uma apostila dele, é só pra descendentes de negros. É muito interessante.

E – É uma entidade só pra negros?

A – É, só pra negros e pessoas que não têm condições mesmo de entrar na faculdade.

E – E seu marido é o coordenador?

A – Coordenador geral e ele dá aula de cidadania também lá. O apelido dele é “intelectual”! (ela fala com muito orgulho).

E – Mas, então, sua rotina mesmo é ficar em casa e à noite ir ao cursinho?

A – Às vezes eu vou na cidade, dou uma voltinha. Eu não trabalho, não faço nada e tenho um monte de cartões. Minhas amigas falam: “É incrível, eu fico tentando o mês todo pra ter um cartão desses e não consigo, enquanto você que não trabalha...” Eu falo: “Ah, é segredo, não posso ficar falando!” (risos)

E – Então, voltando, você começou a estudar na Bahia, quando você morava lá, e em 2000, você veio pra cá, foi pra escola que você teve problema com o professor, né?

A – Com todos os professores, né? Não foi só com um, foi com vários! Diretora, tudo...

E – E esse professor que te mandou ler forçada, ele dava que matéria?

A – Geografia, a matéria que eu mais odeio! Ele implicava comigo e com o meu irmão. Ele tinha cisma de mim e tinha cisma do meu irmão. Aí minha mãe foi lá, minha mãe é cheia de dar “bafão” na escola com ele. Era um senhor já de idade, cheio de chamar os outros de maconheiro, sei lá o quê. A gente ficava ali, estudando, e ele: “Ei favelado, vagabundo!”, não sei mais o quê. Era assim! Ele saiu da escola, hoje ele não está dando mais aula.

E – E na sua família, vocês são em três irmãos?

A – É, comigo três. Daniel e Romário. Um de 15 e o outro de 12.

E – Romário por causa do jogador, né? (risos)

A – (risos) É sim! Terríveis!

E – E seu pai, ficou na Bahia?

A – Ficou, há 12 anos que eu não tenho notícia dele.

E – Ele é separado da sua mãe?

A – É.

E – Então, você nem conviveu muito com ele, né?

A – Não, não. Nem lembro. Se for pra ver ele hoje, nem reconheço, nem lembro da cara dele. Então, sempre foi assim: eu, minha mãe e meus dois irmãos, sempre ralando, sabe?

E – E sua mãe e seus irmãos moram em Sousas?

A – Moram.

E – Voltando para a sua escola, você nunca teve nenhum problema na escola da Bahia?

A – Não, sempre foi tranquilo, sempre gostei dos professores, diretores. É que é assim: eu nunca medi palavras, o que eu tenho pra falar eu falo! Se você está errada, você está errada! Até pra diretora eu falava que ela estava errada! O modo de ela tratar, agir com os alunos estava errado. Eu trabalhei como monitora numa entidade, centro de juventude, pra adolescente. Então, se é uma entidade, você tem que tratar bem os alunos, não é? Aí um dia a pedagoga - porque tem que ter psicóloga, assistente social, tudo isso, né? - pegou na orelha do meu irmão, puxando, sabe? Nossa, foi horrível. Meu irmão saiu batendo nela e era uma violência que eu não sabia se era uma entidade ou se os moleques, depois dali, iam todos pra Febem, iam roubar. Porque o jeito que elas tratavam as crianças, sabe? Era palavrão, “você é isso”, “você é aquilo”, sabe? Não tinha aquela educação com as crianças. Elas falavam: “Depois da escola, a gente vai ler e vai escrever com vocês”. Não tinha nada disso! Era um em cima do muro, era jogando pedra em cima dos vizinhos, sabe? É na porrada mesmo, na pancadaria, toda hora!

E – Isso tudo na entidade?

A – É, na entidade que eu trabalhei, 6 meses eu trabalhei lá. Então, eu sempre gostei de falar mesmo, de escrever não!

E – Daí você estudou na escola em Sousas até que série?

A – Até o terceiro colegial e fui direto pro cursinho.

E – E você teve problemas na escola e nessa entidade, né?

A – Na entidade eu tinha uns 16. É que logo que eu cheguei, eu fiquei nessa entidade também, entendeu? Então eles encaminhavam para o mercado de trabalho, mas não era nada disso, sabe? Aí falavam que registravam, mas ficaram com a minha carteira 6 meses e quando me entregaram estava sem registro. Coloquei no pau e tiveram que me pagar tudo direitinho. Assim, eu vou procurar um emprego, tem bastante

coisa no meu currículo, sabe? Como recepcionista, vendedora eu já trabalhei, sabe? Então desde os meus 13 anos eu trabalho, pra ajudar minha mãe. Final de semana, restaurante, fazendo bico de final de semana, então eu estou sempre assim. Daí você vai procurar um emprego, não tem registro na carteira e eles ficam meio assim: “Ai, você não tem registro na carteira...” Fica meio enrolado pra você, né? Complica!

E – Bom, voltando pra sua família (fiz uma pequena recaptulação)... E seu marido, você conheceu aqui mesmo?

A – É, na balada! Em uma casa noturna em Sousas e namoramos já faz 2 anos e meio. Ele já tem um filho, né? De 11 anos e ele já foi casado com a mãe desse menino. Eu engravidei já, com 18 anos. Eu engravidei com duas meninas gêmeas, mas com 7 meses eu perdi. Era de um ex-namorado meu. Eram Maria Eduarda e Maria Heloísa, eu tive um aborto espontâneo. Numa parte foi bom. Minha mãe fala que quando é pra ser... Eu gosto muito de criança, parei já de tomar remédio, ele quer e eu também quero. Vai empatar um pouco nos estudos, mas eu quero, sempre foi um sonho meu, então... Quanto mais eu quero, mais não vem, sabe?

E – Você tem computador?

A – Tenho.

E – Tem carro?

A – Tenho, mas fica com ele. Eu não sei dirigir não, se eu dirigir eu me mato. Sei dirigir moto, carro não.

E – Você não trabalha e está procurando emprego, né? Que área você está procurando?

A – Assim, no momento, estou procurando pra recepcionista, vendedora, foi o que eu trabalhei, monitora... Eu fiz um curso em gestão social.

E – O que é? Curso técnico?

A – É.

E – Pra que seria?

A – Trabalhar com criança mesmo!

E – Ah é?

A – É, o curso foi de só 3 meses de duração. Agora mês que vem eu vou começar a fazer técnico em informática.

E – Então, você até gosta de mexer no computador?

A – Eu gosto. Eu estava batendo currículo para o meu irmão, daí eu falei: “Argh, não gosto! Ai meu Deus do céu, tenho que ficar lendo... Não, não quero!”. Sabe assim? Daí eu já fui guardar o disquete, guardei tudo. Eu prefiro pagar do que eu mesma fazer. Tem computador aqui, mas eu pago na rua pra fazerem um currículo pra mim do que eu ter que precisar digitar. Pra você ver, no material do cursinho, raramente tem uma lição feita. Eu presto muita atenção pra não ter que ficar escrevendo, sabe? Porque se escrever tem que ficar lendo, então, ou eu fico lendo ou eu fico escrevendo, sabe? Então, eu não gosto, não adianta.

E – Então eu acho que eu escolhi a pessoa certa, você não gosta mesmo de ler, né? (Risos)

A – Nossa, não gosto mesmo!

E – (Faço uma breve explicação da pesquisa, seus objetivos, tema principal, referencial teórico e etc). Falo sobre a importância da afetividade e ela me interrompe:

A – É, entendeu. Porque se ele (professor) fosse com educação comigo, eu poderia até ler, tentar ler, né? Mas não, ele foi, sabe? Com racismo já pra cima de mim, preconceito e eu falei: “Eu não vou ler!” Então, depois disso, eu não quis ler nem a pau, nem ninguém me manda ler!”

E – O racismo te marca muito, né?

A – Ah, me marca, viu... Porque uma vez, lá na escola mesmo, eu tenho uma prima que ela é negra, mas ela é uma negra bonita, de cabelo bom e todo mundo na escola tinha inveja do cabelo dela. E tinham duas irmãs que sempre implicavam com ela: “Vai sua macaca da Ponte Preta, vai sua neguinha fedida!” Sabe, essas coisas? Até então, eu andava com essa turma de meninas. Aí um dia, ela chegou chorando pra mim e falou assim: “Ai prima, eu não agüento mais, essas meninas ficam me enchendo o saco, me chamando de macaca da Ponte Preta!” Aí eu falei pra ela que era racismo, que isso era crime. “Ai, mais eu tenho medo!” Ela sempre teve medo de tudo e eu falei que não ia deixar barato. Aí eu fui lá na sala de Geografia, de uma professora chamada Maria da Graça. Fui lá, chamei a menina, desci a porrada na menina, fui lá no outro pátio, desci a porrada na outra, desci a porrada nas duas irmãs e falei: “Isso é pra nunca mais vocês chamarem minha prima de macaca da Ponte Preta!” E nunca mais... Pra mim, é briga na certa, nossa, maltratou alguém, sabe? Nossa...Qualquer pessoa! Discriminar um emprego de doméstica, sabe? Outro dia, que a gente estava no cursinho, debatendo e daí chegou uma menina e falou: “Nossa, eu acho maior vagabundo quem fica fazendo esses colares, sabe esses hippies que ficam na rua?” Eu falei assim: “Nossa, vagabundo? Fazer uma coisa de artesanato é vagabundo? Não estou sabendo disso não (ironicamente)!” Daí todo mundo começou a ir pra cima dela, sabe? Que não era nada de vagabundagem, era um trabalho como qualquer um, ele tinha o

talento dele. Eu defendo, viu! Eu tenho muita dúvida sobre o que eu quero ser mesmo, sabe? O que eu quero me formar... Eu gosto muito de debater essas coisas de racismo, de preconceito, sabe? Uma coisa assim, eu gosto muito de criança, eu me apego muito a criança... Ai, eu não sei...

E – E você lê alguma coisa regularmente?

A – A única coisa que eu peguei, depois de 4 ou 5 anos, foi esse livro de técnica de redação, mas assim, que eu estou tentando... Eu até choro, chego até a chorar, fico cansada, com dor de cabeça, você acredita? Dor de cabeça quando tento ler e não consigo, não tenho paciência de ficar “nanananana” (cara de horror!)! Não tenho, não adianta, sabe? Não adianta mesmo! Ai então eu falo que não vou ficar lendo, vou fazer a redação do jeito que eu sei. Então nem leio, invento um título e faço a redação. Ai eu vou fazendo, do meu jeito, narrando, contando história...

E – E esse monte de livros que eu estou vendo (uma prateleira lotada), você nem rela neles?

A – Nem peço!

E – A maioria é de história?

A – É de história, geografia...

E – São todos do seu marido?

A – É e ele escreveu um livro, né? Falando da liberdade. (Ela me mostra o livro e me presenteia com um exemplar). Meu marido já está escrevendo o segundo livro também, está quase pronto.

E – O mais engraçado é que seu marido é escritor e você odeia ler!

A – Eu falo pra ele que ele tem uma cara de doido! Desculpa o que eu vou falar, mas quem estuda na Unicamp, eu acho todos doidos! Meu professor de matemática do cursinho, minha professora de gramática são todos doidos, eles viajam na aula! Deus me livre estudar na Unicamp! É a faculdade que eu nunca vou estudar! Vou ficar mais doida do que eu já sou! A pessoa estuda, se dedica tanto aos estudos... A partir do momento que você entra na Unicamp, algumas pessoas, elas se dedicam a Unicamp, elas esquecem da pessoa, sabe? Então não ligam como se vêem, como se vestem, só estão ali! A leitura, aquela coisa que é a Unicamp, né?

E – Então você não leu nem o livro do seu marido?

A – Não, o dele eu li, mas a metade. Eu leio assim, porque eu fui num debate do livro dele, então já sei sobre o que é, tem umas fotos. Então eu já sei o que é que está escrito no livro dele, que é o meio dos parentes dele, que ele foi atrás do meio dos parentes dele com outros negros, sabe? Então, assim, eu já estou sabendo mais ou menos, mas ler... Muita letrinha pequenininha! (risos) Estou até precisando fazer um exame de vista!

E – Então, você chegou a ler metade?

A – Só metade... Metade não, nem 20 páginas eu li! (o livro tem 154).

E – Mas você não lê mais nada, né?

A – Não.

E – Mas nem revista?

A – Não. Pra você ver, no jornal está o signo, daí eu falo: “Oh, lê pra mim aí Mônica!”, que é aquela menina que estava comigo. E ela: “Eu não vou ler não, eu não gosto de ler!” Daí tem que outra pessoa ler. Não gosto mesmo, não adianta!

E – Eu ia te perguntar se você tem algum material escrito com o qual você pratica leitura autônoma, ou seja, você pega pra ler por interesse próprio...

A – Não, não tenho não.

E – Então, você não lê nada, né? Só aquele livrinho (almanaque) mesmo, né? Antes do livrinho, qual foi a última coisa que você leu?

A – Classificados, aquele dia que você me viu! (risos). Toda vez é assim: você vai no cursinho e me vê daquele jeito na biblioteca procurando classificados. Hoje mesmo é o dia que eu pego aquela folha do jornal!

E – Eu ia perguntar se você também tinha alguma prática de leitura, de ler deitada, sentada, em algum lugar especial....

A – Nada, nada. Eu não sei como tem gente que consegue ler no ônibus, se concentrar em um livro!

E – E você nunca teve nem quando era criança?

A – Ah, quando criança sim, porque o meu pai pegava no meu pé. Mas bem no começo, na 1ª ou 3ª série, se eu não me engano.

E – Bom, agora vem a pergunta principal da minha pesquisa: ao longo da sua história de vida, desde quando você nasceu, quais as experiências que você acha que foram significativas pra você ter aversão à leitura? O que você acha que te marcou mais?

A – Ah, foi aquele professor...

E – Quanto anos você tinha na época?

A – Uns 16, 17 anos.

E – Antes disso você lia normalmente?

A – Não, também era raramente que eu pegava alguma coisa pra ler. Eu tinha dificuldade pra ler. Pra você ver, eu não sabia ler muito, não era aquela coisa... Brincava muito, gostava muito de bagunçar, gosto até hoje! Mas eu não gosto de ler mesmo! Aí o professor fez isso e parece que foi uma coisa que, tipo, um trauma, sabe? Não tem criança que fica com trauma? Então, fui eu, já adolescente com um trauma. Eu nunca vi, mas...acontece!

E – Você acha que foi isso?

A – Foi isso. E também as coisas que as pessoas estão publicando. Só bobagem: futebol, matou não sei quem, só mostra reportagem de rico, maior polêmica aquela Suzane Richtoffen. E o pobre? Eles não estão nem aí. E isso me revolta mesmo, não gosto, sabe? A justiça de hoje só dá prioridade para as pessoas que tem dinheiro, não dá para as pessoas que são pobres e humildes, sabe?

E – Bom, mas mais marcante foi o professor, né? E na sua infância?

A – Na infância eu lia, mas assim, eu lia mais por causa do meu pai, ele me forçava ler, né?

E – Como assim, ele forçava? De que modo?

A – Ele, é assim... Eu lembro como se fosse hoje, eu chegava da escola e ele falava: “A lição é ler um livro”. Nossa, aquilo lá pra mim era um tapa na minha cara! Eu fazia a lição, ele sentava do meu lado até eu ler pelo menos umas 3 páginas de livro. Ele forçava, nossa, eu tinha uma raiva disso. E ainda chegou na 8ª série e o professor falou isso pra mim... Foi o fim da picada!

E – Fala mais um pouco sobre o seu pai e como ele te forçava a ler...

A – Na sala, com um chinelo e cinto do lado, praticamente foi o meu pai também, porque eu era muito pequena, mas nem tanto, foi mais a história com o professor mesmo...

E – E qual era a posição da escola com o professor?

A – A escola era um verdadeiro lixo, dos lixos!

E – Esta escola era pública? Você estudou a vida inteira em escola pública?

A – Não, até a 4ª série eu estudei em escola particular e era boa. Depois, vim pro Estado de São Paulo. Daqui (São Paulo) eu não gostava. Assim, professor entrava na sala só pra ver sua cara, sabe? Não falava nada, não dava aquela explicação. Então, já que eles não davam sentido e eu não queria mesmo, então (movimentando os ombros, com tom de deboche)... Pra mim tanto faz, sabe? Nem me interessava procurar por eles, o certo era eu procurar por eles, mas já que eles não estavam ensinando, então, a pessoa que não quer ler... Eles não me incentivavam então eu também nem procurava me incentivar também!

E – Então, as principais experiências foram com o seu pai e o seu professor, né?

A – Isso.

E – E sua mãe? Incentivava?

A – Não, minha mãe nunca falou: “Ah Maria, eu quero que você leia.” Minha mãe sempre foi na dela, sempre sossegadona, nunca me obrigou a nada. Vou terminar, vou estudar, sabe? Pra dar uma vida melhor pra minha mãe, sabe? Mas ela nunca falou: “Lê senão eu vou te bater!”. Mas com o meu irmãozinho ela faz isso, porque ele é terrível. Mexeu com a professora esses dias, xingou a professora. Ele tem 12 anos e ele é terrível!

E – E teve mais algum professor que você gostaria de citar, que te marcou tanto negativamente como positivamente...

A – Tinha uma professora que eu gostava muito, que era de biologia. Era uma professora que eu me interessava em estudar, sabe? Na aula dela eu me interessava, eu perguntava, sabe? Sabe aquela curiosidade de adolescente? Sempre gostei da aula dela, ela sempre foi uma ótima professora.

E – Mas com relação à leitura, ela nunca incentivou nada?

A – Não, não. Tem a diretora também, né? Falando negativamente. Ela é branca e tem muito preconceito. Então, ela puxa o saco daquele melhorzinho e largava o piorzinho no cantinho, sabe? Nossa... Eu brigava, xingava ela, minha mãe também xingava! Minha mãe impõe respeito, sempre foi ignorante com o pessoal da escola, eles não sabem conversar, então partia pra ignorância.

E – E seus amigos? Liam?

A – Pior que eu! (risos). Bem pior que eu! O caderno de matéria do ano todo não tinha nada. Fazia nada, só arrancava folha pra jogar papel no professor. Da turminha de 15, só 3 estão estudando, incluindo eu.

E – O que elas estão fazendo agora?

A – Uma terminou o colegial e está trabalhando, fazendo estágio e ganhando R\$900,00. A outra parou de estudar, mas agora está estudando de novo e sustenta 8 irmãos e a mãe dela com um salário de R\$500,00: é uma guerreira, o pai colocou fogo no barraco e ela construiu tudo de novo.

E – Bom, acho que é só, você queria acrescentar mais alguma coisa, contar mais alguma história...

A – Não, contei tudo já! Você me deixou tranquila...

2ª ENTREVISTA – INVESTIGAR A RELAÇÃO COM O PAI E POSSÍVEIS EFEITOS AVERSIVOS COM RELAÇÃO À LEITURA

E – Então, eu gostaria que você tentasse se lembrar um pouco mais da sua relação com o seu pai e as possíveis conseqüências que isso pode ter tido na sua relação com a leitura, já que você falou pouco dele, mas foi o fato que ocorreu quando você tinha menos idade e também na idade em que você estava aprendendo a ler. O caso do professor, que você mais comentou, está bastante marcado pelo racismo, não só pela leitura. Então, gostaria que você contasse um pouco mais da sua relação com o seu pai...

A – Ah, a relação não era boa não... Não era boa! Eu chegava da escola, nem trocava de roupa e ele: “Ah, vai estudar, você tem que ler!” Sabe? Na época, na 1ª e 2ª série, eu estudava em escola particular e eu chegava e ele já me mandava fazer lição, ficar lendo livrinho... Nossa, aquilo lá pra mim era a morte, eu queria a morte! Eu queria brincar e ele me obrigava a fazer lição, ler... Eu não gostava, eu queria brincar! E ele me obrigava! Ele nunca deixava eu ir brincar.

E – Mas de que forma ele te obrigava?

A – Ah, assim, ele me batia, batia na minha mãe, sabe? Então a gente não saía, não tinha nenhuma amiga. Eu tinha que brincar com as minhas bonecas, porque eu não tinha nenhuma amiga, porque ele não deixava. Então, eu chegava da escola e ele: “Ah, vai fazer a lição!” Sabe? Graças a Deus que ele separou da minha mãe!

E – Então você odiava ler porque ele ficava obrigando?

A – É, por isso. Ele ficava: “Vai, lê isso hoje, comprei um livrinho pra você ler”. Nossa, aquilo ali, eu queria a morte!

E – Ele comprava livros pra você?

A – Comprava...Pra eu ler... Nossa...Ele chegava: “Ah, comprei um livrinho pra você ler!” E eu: “Ah, tá bom vai, tem que ler...” Mas daí, quando eu estava só com a minha mãe, ela nem ligava, sabe? Agora quando estava com ele, tinha que ler. Nossa, aquilo pra mim era... Nossa... Era a morte... Demais! O problema era a obrigação. Ele me mostrou a leitura assim e é por isso que eu não gosto, não adianta!

E – Você lembra de mais alguma coisa?

A – Ah, esses dias eu ando me matando pra tentar estudar aquele livro de literatura que está em cima da minha cama. Aí eu tento, aí eu começo a chorar, daí eu falo: “Gente, eu não consigo, eu não consigo ler!”. Começa a doer minha cabeça, começa a doer meu olho. Não adianta, não adianta! Melhor assistir aula do cursinho que eu ganho mais

ANEXO 4

Entrevista realizada com o sujeito Daniel

• *Legenda:*

E – Entrevistadora

B – Daniel

ENTREVISTA

E – Quantos anos você tem?

B – 16 anos.

E – Você nasceu na Bahia, igual sua irmã?

B – Isso.

E – Você veio pra Campinas junto com ela?

B – Não, primeiro veio só eu, minha mãe e meu irmão menor. Eu tinha 6 anos, foi em 97 que viemos pra cá. A Maria ficou com a minha vó e dois anos depois a gente trouxe ela pra Campinas.

E – E você já estudava na Bahia ou começou aqui?

B – Quando eu cheguei aqui, eu tive que voltar um ano, porque não tinha vaga na 1ª série e daí eu tive que fazer o pré de novo.

E – Ah, você fez o pré na Bahia e tinha que fazer a 1ª série aqui?

B – É, mas como não tinha vaga pra 1ª série aqui, eu tive que fazer o pré de novo.

E – E que série você está agora?

B – Na 8ª, mas era pra eu estar no 1º colegial.

E – Na Bahia, era escola particular ou pública?

B – Particular e aqui em Campinas eu fui pra escola pública.

E – E o que você gosta de fazer?

B – Jogar bola! Hoje eu saí 7 horas da manhã e cheguei às 13h. Fiquei jogando bola, porque hoje não teve aula, era reunião de professores. Gosto também de escutar música, ir na casa dos meus amigos.

E – E vocês sempre moraram aqui?

B – Não. Já moramos no São Conrado, depois mudamos para a Vila Santana, depois pro Jardim Conceição e agora aqui não faz muito tempo. Você está vendo que por aqui está tudo em construção, a gente ganhou esse terreno da Cohab, aqui era uma fazenda. Agora que está fazendo rede de esgoto, asfalto. Aqui ainda não passa ônibus, é tudo estrada de terra.

E – Bom, mas aqui em Campinas você sempre estudou na mesma escola?

B – Não. Da 1ª à 4ª série eu estudei na Vila Santana e da 5ª até à 8ª aqui em Sousas.

E – A mesma escola que estudou sua irmã, né? Você gosta de lá?

B – Gosto.

E – Sua irmã não gostava muito...

B – Eu gosto...

E – Bom, com relação à família, é a mesma da Maria... Você é solteiro, tem filho?

B – Sou solteiro e não tenho filho.

E – E qual é a sua rotina?

B – Ah, eu fico na escola e volto, porque eu fico em período integral na escola, das 7h às 16h20. Das 7h até às 12h30 é matéria normal, depois é tudo oficina, que é pra recuperação das matérias. E daí cada dia da semana tem duas, três aulas de matemática, português...

E – É como se fosse um reforço, é isso?

B – Isso. Só que agora mudou, a gente está fazendo tipo gincana do folclore e assim vai ficar até o final do ano.

E – E você também participava da entidade para crianças e adolescentes?

B – Participava. Eu entrei no Grupo Jovem lá, que aceitava pessoas até os 18 anos, mas eu tive que sair mais cedo, por causa do período integral da escola.

E – E o que você aprendia lá?

B – Informática, artesanato, culinária, essas coisas... Oficinas. Se eu continuasse lá, agora eu estaria trabalhando como monitor. Eu fiquei 8 anos lá e nesses 2 últimos anos que eu tive aula de informática, mais pra aprender a manutenção do computador e não internet.

E – Aqui na sua casa você não tem computador, né? E daí não dá pra você mexer?

B – Ah, mas tem a Lan House aqui perto e eu sempre vou lá jogar jogos, ficar nas salas de bate papo, flogão...

E – E você trabalha?

B – Não.

E – Pretende trabalhar?

B – Pretendo.

E – Quando?

B – O mais breve possível

E – Você está procurando?

B – Estou mandando currículo. Onde minha irmã leva o dela, leva o meu também.

E – E o que você lê normalmente?

B – Ah, só livro da escola, assim...

E – Como assim? De leitura, de histórias...

B – Não, não. Só livro das matérias.

E – Mas de história você não lê nada?

B – Não, não.

E – Qual foi o último que você leu?

B – Nossa, não lembro. Acho que eu nunca li nenhum. A gente tem umas revistinhas em quadrinhos que minha mãe traz, mas ficam aí, um monte parada.

E – Mas nem revista em quadrinhos?

B – Nossa, você não tem noção de como eu odeio isso, eu tenho pânico quando eu vejo isso, revista em quadrinhos... Eu penso: “Gente, como pode alguém ficar vidrado vendo esse livrinho!”

E – Você não lembra mesmo qual foi o último livro que você leu?

B – Ah, deve ter sido lá na entidade, uma daquelas revistinhas....

E – Mas livro mesmo...

B – Não, não, só os livros da escola mesmo, mas nem leio direito.

E – Então você nunca chegou a ler um livro por interesse próprio?

B – Não, não é do meu interesse não.

E – Então você não tem um local preferido pra leitura?

B – Não.

E – E quando você estuda, estuda aonde?

B – Ah, eu dificilmente estudo. Só quando tem revisão para a prova, daí eu estudo. Só antes da prova.

E – Então, na minha pesquisa eu busco pessoas que não gostam de ler e eu gostaria de saber quais foram as experiências, que ocorreram durante sua história de vida, que você acha que fizeram você ter essa aversão à leitura?

B – Na 2ª série, a professora de português.

E – O que aconteceu?

B – É que eu estava... Ela pediu... Sabe quando a pessoa vai lendo de pouquinho em pouquinho, cada um lendo um parágrafo? Só que aí era pra ler pra sala inteira. Aí eu li, só que eu comecei a ler errado e todo mundo começou a dar risada da minha cara. Aí nunca mais eu quis ler!

E – Nunca mais você leu?

B – Assim, pra frente, pra todo mundo não. Professor lá na escola pede pra eu ler e eu não leio não.

E – E eles não ficam bravos?

B – Eles reclamam, né? Falam que vão dar um ponto negativo... Mas eu não gosto de ler assim para os outros não!

E – Então você acha que foi a professora?

B – Acho que sim.

E – Antes disso você lia? Como é que era?

B – Ah, lia daquele jeito, né? Mas depois disso aí, que ela pediu pra eu ler na sala lá... (Silêncio). Ficou todo mundo tirando sarro da minha cara lá... (Silêncio).

E – Mas o que eles falavam?

B – “Burro, vem pra escola e não sabe ler...” O parágrafo inteiro eu li errado, gaguejando, pulando as palavras, queria acabar logo de ler o parágrafo...

E – E qual foi a atitude da professora?
 B – Ah, ela pegou, falou...Tentou consolar, né? Porque todo mundo estava dando risada da minha cara.
 E – Mas ela não mandava a classe ficar quieta...
 B – Mandava, mas os moleques sentavam do meu lado, ficavam tirando sarro...
 E – Então eu acho que não foi nem a professora, mas os amigos...
 B – Os alunos, sim...
 E – Ela tentou te consolar, né? Mas pelo jeito ela não se esforçou muito pra te ajudar?
 B – Não...(Percebe-se que a fisionomia dele muda ao tocar neste assunto, fica mais calado do que já é, pensativo, ressentido). Daí depois eu tentei aprender a ler...Assim, ler eu sei ler, só que ler para os outros eu não gosto de ler não!
 E – Mas ler pra você mesmo, você lê?
 B – Ah, difícil.
 E – Mas ler para os outros, de jeito nenhum, né?
 B – Não mesmo.
 Neste momento, eu fiz uma brincadeirinha dizendo que um dos testes da entrevista era que ele lesse um trecho de um texto em voz alta para mim, mas o sujeito levou a sério e, neste momento, ele ficou pálido, tanto que sua irmã, que estava ao lado, exclamou dizendo que nunca tinha visto ele daquele jeito. Assim, eu disse:
 E – Calma, Robson, é brincadeirinha! Não tem que ler nada não.
 B – Nossa, meu coração... (colocando a mão no peito).
 E – Coração acelerou?
 B – Demais!
 E – Você chega a ficar com o coração acelerado então? Você está falando sério?
 B – Estou... (Demonstrando que ainda estava se recuperando do susto).
 E – E se algum professor te pede pra ler?
 B – Eu não leio não...(Silêncio) Nossa...
 E – Você acha que foi só essa experiência aversiva? Teve alguma coisa antes?
 B – Acho que só, né? Teve também o professor Sérgio, o mesmo da minha irmã, que fez ela não gostar de ler... Peguei ele na 5ª e na 6ª, na 7ª ele se aposentou.
 E – E o que ele fez com você?
 B – Ele passava os negócios na lousa e ninguém entendia a letra dele, só que ele assim, ele não mandava muito a gente ler. Ele só exigia na matéria dele, assim...Que prestasse atenção, ficasse quieto, copiasse coisa do livro... Não pedia muito pra explicar não.
 E – Mas ele nunca chegou a te agredir, como ele fez com a sua irmã?
 B – Não, mas de vez em quando a gente conversava na aula dele, ele segurava o nosso braço e levava a gente pra diretoria. Ele não gostava que conversasse na aula dele. Segurava o braço, apertava.
 E – Tem mais alguém que você se lembra?
 B – Não.
 E – E na família? Sua mãe?
 B – Ah, ela pega no pé só quando vai na reunião da escola e a professora fala que eu estou mal nos estudos. Mas é por pouco tempo.
 E – E seus amigos? Tem algum da turminha que tirou sarro de você?
 B – Tem, o Wallace.
 E – E você é amigo dele?
 B – Sou.
 E – E seu pai, te obrigava a ler, como obrigava sua irmã?
 B – Ah, eu nem lembro dele não, eu era muito pequeno.
 E – E antes da 2ª série, como é que era?
 B – Ah, na 1ª série, a professora só passava as coisas na lousa e a gente copiava. Só cópia. E no pré tinha o horário pra dormir, fazer refeição, assistir televisão, nada de estudar.
 E – E você aprendeu a ler em que série? Você lembra?
 B – Foi na 2ª, foi bem no comecinho da 2ª série. Foi uma menina da 2ª série mesmo que tentou me ajudar a ler, a Débora. O meu irmãozinho foi aprender a ler agora na 5ª série e olha que ele ainda lê meio arrastado, sabe?
 E – Então a professora não ajudava muito?
 B – Ah, talvez porque eu tinha vergonha, né? Perto dela... Ela pedia pra gente ler assim...
 E – Você tinha vergonha da professora?

B – Tinha, não sei por que...

E – Você sempre foi tímido?

B – Sempre...Ah! Tem mais uma outra pessoa! A tia Aninha, que me obrigava a ler, se eu não lesse, eu levava chinelada. Eu e meu primo, o filho dela. Ela sempre pedia pra gente ler um pedaço de um livro, aí a gente lia, porque ela falava que se a gente não lesse a gente ia levar chinelada.

E – Mas você lia mesmo? Ou fingia que estava lendo?

B – Ah, não tinha jeito. Ela decorava já o livro, aí se a gente não sabia ler a parte lá que ela pediu, ela ia lá e ficava corrigindo a gente. Era livro assim, tipo Joãozinho e Maria. Tinha letras grandonas, poucas letras, tinha mais desenho. Aí ela decorava o livro. Daí a parte que a gente tentava desviar, via o desenho e tentava descrever o desenho, daí ela falava que se a gente lesse errado ou tentasse enrolar ela, ia levar chinelada.

E – Ah, então vocês tinham que ler em voz alta? Eu pensei que vocês tinham que ler pra vocês, porque assim dava pra fingir, né?

B – Tinha que ler pra ela, pra ela ouvir a gente lendo.

E – E mais alguma coisa pra contar?

B – Só isso só...(silêncio). Ah, essa menina, essa Débora, que me ensinou a ler, a gente sentava no sofá da biblioteca e ela me ensinava a ler. Pegava esses livrinhos tipo Cinderela, ela era boa. Minha irmã não tinha paciência de me ensinar, me batia (falou na presença da irmã e esta confirmou com a seguinte fala: “É verdade isso. Eu não tinha paciência mesmo. Minha mãe mandava eu ensinar ele a ler, mas como eu ia fazer isso? Como eu ia ensinar pra ele uma coisa que eu odeio? Aí eu perdia a paciência e batia”), mas ela me ensinava com paciência. Aqui nessa casa ninguém lê, apesar de minha mãe comprar alguns livrinhos de vez em quando.

E – Uma dúvida: Por que você acha que a professora que mais te marcou e não seus colegas?

B – Porque ela pediu pra eu ler!(risos)

E – Mas ela nunca te tratou mal, tratou?

B – Não, só de ela ter pedido pra ler...

E – Na escola foi só ela?

B – Teve o professor Sérgio também, que na aula dele a gente ficava zuando e ele brigava com a gente...

E – Eu acho que os amigos te marcaram mais do que a professora, não foi?

B – Ah, pode ser também...

E – Mais alguma história, pessoas...

B – Só isso.

ANEXO 5

Entrevista realizada com o sujeito Carla

• *Legenda:*

C – Carla

E – Entrevistadora

ENTREVISTA

E – Bom, na minha pesquisa, a gente acredita que as pessoas não gostam de ler por algum motivo, que teve alguma coisa, ou melhor, alguém que fez com que você criasse essa aversão à leitura. Pelo que eu falei com você por telefone, você comentou que seus pais nunca te incentivaram a ler, né?

C – É. Minha mãe, na verdade, estudou até a 2ª série, mas no Nordeste, aquela coisa assim, sabe? A escola era muito longe, ela acabou não indo; os pais dela também nunca estudaram. Então, pra eles não é importante o estudo. Inclusive, meu pai piorou, meu pai nem estudou também. Então, eles nunca me incentivaram, pelo contrário, minha mãe sempre incentivou a gente a trabalhar, trabalhar, só trabalhar. E até hoje, porque eu faço cursinho, ela fala que é bobagem isso, que não serve pra nada. Unicamp então? Ela nem sabe o que é Unicamp, ela nem sabe a diferença de uma universidade pública ou não, ela só fala que faculdade é pra rico, pobre não tem que fazer isso. Inclusive, ela nem colabora de ir me buscar no ponto, sabe? Porque eu chego tarde... Cursinho pra ela é bobagem e ela fala que não vai ficar colaborando com isso. Aí eu fico perdida, assim, na verdade... Aí, é muito difícil, muito difícil. Desde pequena isso. Inclusive minha irmã, eu sempre fui mais esforçada, minha irmã já parou na 7ª série e hoje ela tem 18 anos. Com 17 anos ela ficou grávida, sabe? Minha irmã, pelo contrário, estudou bem menos que eu, estuda bem menos que eu e não lê nada, na verdade ela não lê nada. Mas eu lembro que quando eu era pequena, quando eu ia pra escola, que eu sempre tive dificuldade nas matérias, na escola; e eu lembro que quando eu era nova, quando eu estava na 2ª série, a professora beliscava, fazia eu ler na frente. Eu lembro que eu já mijei na sala, sabe? Porque antes era assim, sabe? Na escola pública, o professor obrigava você, beliscava você, deixava você de castigo, no canto. Quantas vezes eu mijava! Porque eu sempre tive dificuldade e, quando eu chegava em casa, minha mãe não sabia nada também. Ela falava: “Pra quê isso? Pra quê isso?” E quando eu fiz a 5ª série, ela mandou eu parar já. E eu comecei a trabalhar já. Às vezes, eu até queria perguntar: “Mãe, me ajuda a fazer essa lição?” E ela respondia: “Ah, pára com isso! Eu não sei, eu não sei, eu vou ajudar você a fazer como se eu não sei também! Pra quê que serve essa escola?!” E sempre tinham aqueles livrinhos, sabe? E a professora me obrigava a ler, sendo que eu tinha dificuldade, porque eu não tinha como aprender em casa, como minha mãe ensinar. Aí, quando chegava na escola, a professora, sabendo que eu tinha dificuldade, mandava eu ir lá na frente ler ainda, sabe? Quantas vezes eu ia lá ler, aí eu gaguejava por dificuldade, por não saber mesmo e eu mijava assim... Aí eu tinha que ficar de castigo, em pé na sala, no canto, porque a professora deixava a gente de pé lá, fora isso ela puxava nosso cabelo...

E – Nossa, ela puxava seu cabelo?

C – Puxava! Isso lá em Hortolândia mesmo, na escola de lá.

E – Você mora em Hortolândia?

C – Agora eu estou morando em Monte Mor, mas até a minha 5ª série eu morei em Hortolândia e a professora fazia isso com a gente, sabe? Hoje eu acho que os professores não têm autoridade, como tinham antes, para fazer isso com os alunos. Mas antes era muito puxado, assim... Além da professora ver que eu tinha dificuldade, que minha família tinha sempre problema. Minha mãe também e meu pai bebia, sabe? A gente morava em uma favela. Eu entendia a situação da minha mãe, sabe? Então, pra ela o importante era trabalhar e daí eu passava aquele aperto. Daí, desde a escola, eu já odiava, odiava ler, assim, pra mim era o fim ir lá na frente ler. E quando ela (professora) fazia aqueles ditados, sabe? Ela ia ditando e eu tinha dificuldade de “s”, “ss”, “rr”, “ch”. Só que ela não me ensinava e falava que eu era a pior aluna, tinha muito disso assim. Porque eu mijava... A maioria das pessoas tinha a mãe que acompanhava, eu não tinha. Acho que foi um trauma, hoje eu não gosto de ler mesmo.

E – Então você não lê nada?

C – Nada, nada, nada... Depois que eu comecei a ir a Igreja, eu comecei a ler a Bíblia, mas, por exemplo, o versículo que o pastor fala eu leio, mas só aquele, mais nada além daquilo. Inclusive meu namorado é de uma família de condições melhores e então, às vezes, ele fica me incentivando a ler. Por exemplo, ele pergunta um

tema que eu gosto, vai e compra um livro pra ver se me incentiva. Mesmo eu gostando do tema do livro, eu leio só aquilo que fica atrás do livro, o resumo, mas eu não consigo ler. Até hoje eu tenho dificuldade na escrita também. Por eu não ler, eu tenho dificuldade em escrever também, até hoje, e olha que eu estou no primeiro ano de cursinho e eu ainda tenho dificuldade na redação. Quando eu tenho que mandar redação, aí quando eles devolvem a redação tem um monte de erro de ponto, de acento, de “s”... Mas é devido a eu não gostar de ler, porque a pessoa que lê tem uma escrita melhor e eu não tenho.

E – E o que você está querendo prestar?

C – Primeiramente eu queria prestar Ciências Contábeis, porque não tem nada a ver com leitura, com português, eu não gosto disso. Agora eu já estou querendo prestar Administração, porque eu acho que eu vou arrumar um emprego mais rápido.

E – Mas esses cursos só têm em particular, né? Você vai acabar fazendo particular?

C – Vou, mas vou tentar bolsa pelo ENEM, né? Porque pagar eu não vou ter condições não. Eu estou até tendo dificuldade pra fazer o cursinho, porque eu moro em Monte Mor e a distância é muito grande. Eu tenho que pegar ônibus meia-noite e daí eu chego em casa e não tem quem me busque no ponto, porque eu não tenho pai, né? Desde pequena meu pai já sumiu, desde aquela época ele já sumiu. Então, minha mãe ficou com a responsabilidade toda de trabalhar, de criar, sustentar e sempre tive uma irmã menor.

E – Quantos anos tem sua irmã?

C – Agora ela tem 18, mas já parou de estudar na 7ª, já teve filho, sabe? É mãe solteira.

E – E você tem quantos anos?

C – 22 e já vou fazer 23 em fevereiro.

E – Você é um pouco mais velha do que eu...

C – É, mas ainda bem que você aproveitou a oportunidade que teve, né? Agora, se for ver, já era pra eu estar bem avançada assim, né? Eu estou achando tão difícil pra mim cursinho, viu... Muito difícil mesmo!

E – Você chega cansada, né?

C – É! Fora que eu estou querendo trocar de emprego agora, faz 7 anos que eu trabalho aqui, desde os meus 14 anos que eu trabalho aqui e eu acho que eu não tenho melhorado, sabe? Tenho ficado no mesmo lugar, mesmo salário, sabe? Sendo que eu acho que eu já devia ter evoluído bastante, né? E daí eu estou querendo trocar de emprego, porque o horário que eu faço aqui também não dá tempo de fazer nada... Às vezes, de sábado, tem alguma aula no cursinho e eu não vou, sabe? Eu encontro muita dificuldade mesmo. Fora que sempre tem que ir mais cedo, pra fazer uma redação, fazer um trabalho, fazer os exercícios e não dá tempo. Aí, quando você chega em casa, você só quer dormir mesmo. Eu queria arrumar um serviço melhor, com uma carga horária menor e eu não estou conseguindo, sabe? Eu estou mandando currículo já. Fora que o movimento da loja está fraco, a gente fica fazendo faxina o dia todo, o dia todo limpando, limpando, limpando. Pra mim não dá mais. Acho que a gente tem que procurar evoluir e eu tenho que dar graças à Deus, porque eu consegui uma bolsa boa no cursinho, eu pago R\$20,00 no cursinho.

E – Que bom!

C – É, eu consegui! Agora eu não posso desistir por causa do meu serviço, perde mão! Porque o que vai valer mesmo no futuro, pra mim, vai ser o cursinho, porque se eu conseguir entrar numa universidade pública? Porque se for pra entrar numa universidade pública, eu até troco de curso, porque, realmente, se for ver o meu sonho mesmo, assim de tudo, é fazer Fisioterapia. Mas como eu já estava até meio desanimada do cursinho, eu fui passar pra Ciências Contábeis, que é um curso mais barato, menos competitivo e, por exemplo, não tem nada a ver com português, eu não gosto de português, eu não gosto dessas coisas. Não gosto, não suporto! Eu não suporto!

E – Deixa eu te fazer algumas perguntas aqui do meu roteirinho... Aonde você nasceu?

C – Na Bahia, na cidade de Votuporã. É só roça lá, não tem nada, não tem nem luz, é uma cidade muito... Minha família é bem humilde assim, sabe? Lá não tem nada, não tem nem escola, a escola é muito longe. Olha, é coisa muito difícil pra estudar. Acho que isso também atrapalhou muito a minha mãe no desenvolvimento dela. Inclusive, faz mais de 8 anos que ela está desempregada. Aí pra eu largar o serviço aqui e ir procurar outro na cara de pau, eu não posso fazer isso, porque eu tenho a minha mãe em casa que depende de mim, porque eu não tenho pai, aí então é mais difícil ainda. Então, eu já penso nela antes de querer sair. Muita gente já falou: “Sai mesmo, não se acomode!” Mas eu não posso fazer isso, porque um mês que eu ficar sem salário... E minha mãe em casa? Aí, minha mãe foi prestar esses concursos que tem, só que ela não sabe nem preencher o currículo, nem o currículo pra ser chamada pra entrevista ela não sabe preencher. Ela, esses dias, foi prestar o de varredor de rua e tinha que preencher o currículo e ela não consegue. Porque, se você pegar antigamente, o currículo você preenchia em casa, só saía e entregava. Agora,

as limpadoras não, você tem que ir lá e preencher a ficha na hora. E está aí parada, faz mais de 8 anos que ela não trabalha. Quando eu comecei a trabalhar, quando tinha 14 anos, ela já não estava trabalhando mais.

E – Mas, e daí? Você veio pra cá com quantos anos?

C – 4 anos. A gente morava lá, daí meu pai veio pra cá e deixou ela (mãe) lá. Daí a gente estava passando fome mesmo, necessidade. Aí, a gente teve que vir pra São Paulo... Quando chegamos aqui, meu pai já não voltou mais.

E – Mas vocês vieram direto pra Campinas?

C – Não, fomos pra Hortolândia, eu morei lá um tempão, porque tinha alguns conhecidos que ajudaram a gente no começo, aí a gente foi morar logo na favela, porque era de graça, né? Depois, quando eu tinha 11 anos, minha mãe comprou um terreno em Monte Mor e a gente foi morar pra lá. Então, eu estudei a minha infância toda em Hortolândia, depois passei pra Monte Mor.

E – Você estudou até que série em Hortolândia?

C – Até a metade da 5ª série em Hortolândia e o resto eu estudei em Monte Mor. Até hoje eu estou morando em Monte Mor.

E – Ah, é uma cidade muito boa, né?

C – Ah, depende do bairro. O bairro que eu moro não é muito bom, não tem nem asfalto, é muito ruim. O ponto de ônibus é distante de casa, tem que andar bastante.

E – Por isso que você está magrinha? (risos)

C – É, deve ser! (risos). Porque é só trabalho e tudo é longe, né? Eu quero engordar e não consigo!

E – E o que você gosta de fazer normalmente, quando você não está trabalhando ou estudando?

C – Na verdade, o que eu gosto de fazer é ir pra igreja mesmo.

E – De que religião você é?

C – Evangélica quadrangular. Mas eu sou bem sossegada, não gosto de farra, não gosto de nada assim. Quando eu estou em casa, eu vou pra igreja mesmo. E eu tenho um irmão, né? De 4 anos...

E – Então, ele não é filho do seu pai? Sua mãe casou-se de novo?

C – Não, ela teve um filho com um homem casado ainda... E, às vezes, eu levo meu irmãozinho no parque, é a única coisa que eu faço. E vou pra igreja, só.

E – E você sempre estudou em escola pública, né?

C – A vida toda. Mas na escola de Monte Mor o ensino era bem melhor do que em Hortolândia. O período ruim pra mim foi na 1ª, 2ª e 3ª série, porque era um professor só, e na 4ª já é mais dividido por matéria, e daí já foi bem melhor pra eu estudar. Até a escola foi melhor na 4ª série. Quando eu passei pra Monte Mor foi uma diferença enorme: às vezes o professor não vai, aí tem aqueles substitutos que apenas sentam e dão presença, não são preparados. Inclusive, hoje eu estava incentivando minha irmã pra ela fazer supletivo, voltar, né? Porque não é porque ela tem filho que ela vai parar. Daí ela falou que foi 2 dias, começou agora em agosto o supletivo. Aí, o professor faltou já, foi outro substituto, que falou que ia dar aula de Educação Física e deu a bola. Sabe, assim, eles não têm preparo nenhum, nenhum, nenhum. E eu falei: “Nossa, Sandra!” E ela falou: “Ah, o quê que eu ia ficar fazendo lá então?” E desistiu do supletivo. Foi uma semana e agora já não quer ir mais, desistiu.

E – Bom, você tem uma irmã de 18 e um de 4, não é casada e nem tem filho... E quem mora com você?

C – Só eu, minha mãe e meu irmão, porque minha irmã agora foi morar com o pai do filho dela. Na verdade, minha mãe obrigou, porque ela sempre fala que a gente não tem condições de ter mais um em casa, fora que o cara já estava querendo ir morar em casa também, sendo que a minha casa tem 3 cômodos. Daí ela falou pra minha irmã: “Pode ir fazendo a sua vida, porque eu sempre ensinei”. Aí ela foi mesmo morar na casa do cara.

E – E qual o seu cotidiano?

C – Eu trabalho, entro às 8h e saio às 18h30m, aí vou pro cursinho, que começa às 19h e, quando termina, eu vou pra casa. De sábado, eu trabalho até às 14h e esses dias eu tenho ficado até às 15h. Eu chego em casa, durmo um pouco e vou pra igreja já. Não faço mais nada além disso: cursinho, trabalho e vou pra casa.

E – Você tem computador em casa?

C – Não.

E – E você lê alguma coisa normalmente?

C – Agora, o que eu estou tentando fazer pra eu ler é pegar uns livros de executivo, de liderança... Eu estou procurando ler, eu comecei a ler um na semana passada, pra ver se me desperta um pouco a vontade de ler. Só pra você ver como eu não gosto de ler: eu detesto aqueles filmes que são legendados, sabe? Eu detesto, porque tem que ler e, quando está passando o filme, às vezes eu não terminei de ler a legenda, aí eu fico voltando. Porque eu não gosto de ler, não gosto mesmo. Que nem agora, eu estou começando a ler um livro

de liderança pra ver se eu vou gostar. Eu estou gostando um pouquinho, mas faz um mês que eu estou lendo e não estou nem na metade ainda.

E – Então, você até pega um livro pra ler, mas demora, não gosta, né?

C – É, porque eu ganhei o livro, né? Do meu namorado e ele gosta de ler muito. Ele sempre estudou em escola particular, tem uma condição financeira melhor do que a minha, bem melhor. Então, ele veio de escola particular, ele tem já um caminho traçado. Aí, ele fica me incentivando, porque ele vê, ele olha e fala que eu preciso mesmo ler, porque às vezes eu choro no cursinho, você acredita? Porque eu não consigo entender as coisas, eu não consigo mesmo! Por mais que o professor explique, explique, explique eu não consigo entender! Aí ele vê que eu sofro e fica me dando algum livro pra eu ler, pra ver se eu... Porque ele falou que leitura é fundamental, não só no português, mas em história, geografia... tudo envolve a leitura! E ele vê que eu assim... Às vezes, ele fica mandando eu escrever redação pra ele ver, porque eu não gosto. Aí, ele fica me dando algum livro que eu gosto pra eu ler. Fora que ele já me deu vários livros, mas só esse que eu peguei pra ler, e olha que eu acho que já faz um mês e eu não estou nem na metade do livro. Aí, ele fala assim: “Lê o livro e daí você me fala o que você entendeu!” E aí eu já não gosto. Aí, quando fica me obrigando, eu não vou ler então, aí eu não leio, porque eu fico me sentindo pressionada. Eu não gosto! Se me pressionar é pior ainda! Ah não! Eu lembro antes, nossa, quantas vezes eu mijava, sabe, mijava em sala de aula porque a professora fazia eu ir na frente, eu não gosto e é um trauma que eu tenho, de ir na frente e ler. Eu não gosto!

E – E quando você lê, você gosta de ler sentada, deitada, em algum lugar especial?

C – Ah, só sentada. Porque se eu ler deitada eu durmo! (risos)

E – E por que você acha que você tem essa aversão à leitura?

C – Porque, basicamente, vão ter dois pontos assim. Porque, quem dá aula, tem que saber identificar, porque tem vários alunos, uns têm mais dificuldade que outros e isso o professor não consegue ver, às vezes generaliza. Por exemplo, obriga, mesmo vendo que o aluno tem dificuldade, pega justo aquele, entendeu? Eu lembro que tinham vários alunos na classe, várias pessoas que sabiam ler e a professora pedia justo pra eu ir ler na frente. Sabia que eu tinha dificuldade e tudo, ela não conseguia ter esse raciocínio, sabe? Parecia que gostava de ver o aluno ser humilhado na frente da sala. Mas, por outro lado, tem em casa assim também e eu não posso nem culpar tanto a minha mãe porque, imagina, ela que mal sabe escrever o nome, tendo duas filhas pra criar, morando numa favela, tudo aberto, trabalhando, sabe? O quê que ela ia poder fazer? Às vezes, eu queria até sentar com o livro, porque antes tinha aqueles livros que eles davam, e ela: “Pra quê isso, menina! Pra quê isso! Eu não tenho tempo pra isso não! Até hoje eu tenho que trabalhar pra sustentar vocês! Porque senão vocês vão morrer de fome, porque seu pai, aquele vagabundo...” E começavam aquelas coisas dentro de casa. Aí, a professora falava: “Fez a lição de casa?” Daí sempre eu não fazia, aí eu sempre ficava de castigo. Só que ela (professora) deveria dar mais atenção, tem alunos especiais no meio, sabe? Agora puxar orelha, puxar cabelo, colocar lá na frente, traumatiza muito.

E – E tem um professor em especial que te marcou mais?

C – Tinha uma magricela de óculos na 3ª série que chamava Maria em Hortolândia. E ela fazia isso, sabe? Puxava orelha, levava na frente, colocava no canto da sala... Coisas assim que, para o aluno que tem dificuldade, é muito humilhante aquilo, muito humilhante mesmo, porque a professora tem que conseguir ver na sala de aula que tem alunos que... Se eu não conversava, não fazia bagunça e não conseguia fazer lição, algum problema eu tinha, entendeu? E, às vezes, o professor não percebe isso, generaliza os alunos, trata todo mundo igual. Aí eu lembro que eu falava: “Mãe, eu não quero mais ir pra escola!” Quantas vezes eu não queria ir pra sala, fazia birra pra não ir, mas minha mãe só dava porrada assim: “Vai, vai, vai!” e eu tinha que ir. Mas isso até a 4ª série, a partir da 4ª série ela já não forçava mais, eu fui porque eu quis mesmo, ela falava que já estava bom.

E – E, relacionado à leitura, teve alguma professora específica?

C – Ah, sempre era ela mesmo, porque ela dava aula de português também. Na 1ª série, eu tive várias dificuldades, só que na 1ª série a professora não fazia o que a Maria fazia, de ir na frente ler, sabe? Na 1ª série ensinava continha de mais, a letra A, B...

E – Você aprendeu a ler em série, você se lembra?

C – Olha, só pra você ver, quando eu estava na 3ª série, eu tinha dificuldade pra escrever meu nome. Por exemplo, eu lembro que eu colocava o g no lugar do z e o z eu levava pro final, você acredita? E olha que eu já estava na 3ª série quando aconteceu isso. Aí eu lembro que a diretora foi na sala de aula e, antigamente, a gente tinha aquelas carteirinhas que deixava pra gente colocar presença. Aí um dia, o homem que carimbava as carteirinhas na entrada faltou. Aí a diretora passou a lista na sala e mandou a gente escrever. Aí colocou a lista na minha carteira, porque eu sentava sempre na primeira. Daí eu lembro que eu escrevi meu nome errado, daí foi a vez que ela viu que eu tinha dificuldade, mas isso foi a diretora que foi na sala de aula e eu vi

que ela olhou, pegou a lista assim e deu pra professora. Mas hoje, eu me lembro assim dessa cena. Ela pegou a folha, olhou e, ao invés de continuar passando pra trás, ela deu pra professora e mostrou assim com o dedo. Mas acho que ela ficou impressionada que eu, na 3ª série, estava escrevendo meu nome errado, né? O próprio nome! Só que eu lembro que ela não falou nada, mas depois disso, mais pra frente, eu vi que a professora, toda vez que eu ia assinar o nome, ela corrigia e me deu um caderno de caligrafia com o meu nome, mandou repetir embaixo, porque eu não sabia ler direito e nem escrever. Na 3ª série eu estava! E eu acho que pra professora foi meio humilhante assim, porque precisar da diretora pra perceber isso, né? Que um aluno da 3ª série não estava escrevendo direito, algum problema tem, né? Da parte dela também, né? Aí eu lembro que ela me deu um caderno de caligrafia e disse: “Toma!” Sabe, assim? “Escreve o seu nome aí 20 vezes!” Tinha aquilo assim, sabe? Aí todo dia eu tinha que dar meu nome escrito 20 vezes pra ela, até acabar o caderno, você acredita? Na verdade, eles não ensinam com amor. Já na 4ª série, eu tive professores mais legais, minha mãe estava com uma condição financeira melhor, eu me desenvolvi bem mais, sabe?

E – Mas na leitura não?

C – É, porque aí eu já não gostava mesmo, sabe? Inclusive, eu estava vendo uma reportagem que estava passando na televisão. O porquê que a criança não gosta de ler. Você chegou a ver?

E – Não.

C – Que o maior culpado são os pais, que os pais têm que ajudar os filhos a ler e incentivar. E nas escolas também não têm isso, sabe? Não tem preparo! Aí eu estava até me lembrando, assim, quando eu era pequena, que talvez isso foi fundamental mesmo pra fazer eu não gostar de ler.

E – No seu caso, então, foi a família e a escola, né?

C – Muito, muito. Porque eu via que os alunos chegavam com as lições de casa todas feitas, sabe? E eu não tinha assim... Eu nunca consegui fazer a lição de casa direito. Eu dava graças a Deus quando tinha que corrigir o caderno e não dava tempo de corrigir o meu. Nossa! Falava: “Meu Deus, escapei!” Então eu não fazia mesmo a lição, minha mãe não sabe, ela não sabe escrever nada, nada. Ela escreve o nome dela faltando até letra. Aí eu falei pra ela fazer inscrição em uma sede, não era escola, que tem em Monte Mor, que era do governo e que começou a dar aula pra pessoas mais velhas. Só que aí, ela com menino pequeno, não estava conseguindo conciliar, aí parou também, está em casa.

E – Algum amigo te influenciou a não gostar de ler?

C – Não, eu nem tinha amigo! Não sei se você já percebeu, mas as pessoas mais pobres da escola não têm amigo, muito difícil. Mas você vai ver, na sala de aula tem diferença, as pessoas mais carentes são mais quietas, não têm muitos amigos, ela fica mais na dela. Sempre algum amigo que eu tinha era pior do que eu. Aliás, amiga, porque amigo eu não tinha, mas sempre pior que eu.

E – Mais alguma coisa que você lembra, com relação à leitura?

C – Ah, já velha assim, antes de fazer cursinho, eu fiz um curso da igreja, sabe? Daí eu estava na sala de aula - e olha que foi na igreja! – daí a professora falou assim: “Cada um lê um trecho em voz alta!” Aí, quando chegou a minha vez, aí eu engasguei, sabe? Daí ela falou que eu tinha que ler a página inteira. Daí eu peguei, deixei o material e não li, porque eu me lembrei e pensei: “Imagina que ela vai fazer isso comigo! Agora depois de grande!” Quando eu me lembrei o que eu já passei, sabe? Daí você não aceita mais, daí eu falei: “Eu não vou ler”. Daí ela falou assim: “Você vai ficar sem nota!” E eu falei: “Tá bom!” e levantei e fui embora. Era um curso de Teologia na igreja e daí tem as apostilas, sabe? E ela fez isso: me obrigou a ler e eu não li. Porque sabe quando você lembra daquilo que doeu em você? E não quer que os outros forcem mais? Porque cansou? E eu não li! Ainda eu gaguejo pra ler, sabe? Eu não tenho facilidade pra leitura e olha que eu já sou velha... É até vergonhoso, sabia? Às vezes, as pessoas pensam que é preguiça, que é falta de vontade, mas não é só isso não. Isso pode envolver, mas não é a base, o fundamento pra leitura.

ANEXO 6

Entrevista realizada com o sujeito Flávia

• *Legenda:*

D – Flávia

E - Entrevistadora

ENTREVISTA

E – Fique tranqüila, porque só vou te fazer algumas perguntas que são importantes para a pesquisa, ok?
Quantos anos você tem?

D – 15 anos.

E – Você nasceu em Campinas?

D – Nasci.

E – Você mora aqui perto?

D – Eu moro no depois da PUCC da John Boyd.

E – Nossa, então é longe!

D – Um pouquinho só. Pego um ônibus só.

E – E o que você gosta de fazer?

D – De ficar jogando no computador, de ir pra escola...

E – Você gosta de ir pra escola? Por quê?

D – Ah, pra ficar andando e conversar com as minhas amigas... Só!

E – Você mora em casa ou apartamento?

D – Casa.

E – Você mora com os seus pais?

D – Eu moro com a minha madrasta e com o meu pai, não com a minha mãe.

E – E você tem irmãos?

D – Tenho. Por parte da minha mãe eu tenho 4 irmãos – 2 meninos e 2 meninas -, e por parte do meu pai e minha madrasta eu tenho uma irmãzinha.

E – E seus irmãos por parte de mãe, moram com quem?

D – Os meninos moram com a minha vó e as 2 meninas moram com a minha mãe.

E – Então sua mãe teve um filho com cada marido?

D – É, minha mãe teve 5 maridos, um filho com cada um, incluindo o meu pai.

E – E você resolveu morar com o seu pai?

D – Ela (mãe) que me deu para o meu pai! Ela não gosta de mim...

E – Por que não gosta de você?

D – Não sei...

E – E você gosta do seu pai e da sua madrasta?

D – Gosto.

E – Então você gosta de morar com eles, né? Foi uma troca boa!

D – Lógico que foi!

E – Mas você vê sua mãe de vez em quando?

D – Não! Nem no meu aniversário ela liga pra falar parabéns!

E – E seus irmãos que moram com ela?

D – Também não. Só meus irmãos que moram com a minha vó. Meu irmão mora pertinho de mim. Minha vó mora lá na avenida, perto da minha casa.

E – E faz tempo que você não mora com a sua mãe?

D – Faz, desde que eu tinha 5 anos.

E – E você sempre estudou em escola pública?

D – É.

E – Na 8ª série?

D – É. Por que? Quem te falou que eu estava na 8ª série? (Desconfiada)

E – Ah, eu chutei!

D – Ah.. Já está gravando?

E – Já sim. Você está incomodada?

D – Não.

E – Pode ficar tranqüila. Essa fita só eu é que vou escutar e ninguém vai saber quem é você, só eu. Eu vou digitar no computador a nossa conversa e não vou colocar o seu nome, viu? Só vou usar a nossa conversa para o TCC, ok?

D – Ah, tá! Que bom!

E – E com quantos anos você entrou na escola?

D – Ah, quando eu era pequenininha, eu entrei na creche. Era escola particular, meu pai pagava.

E – Ah, então você já estudou em escola particular!

D – Você acordou cedo só pra vir aqui me ver?

E – Acordei. Viu como você é importante!

D – Eu não posso perder a oficina de cabeleireiro hoje não! Eu quero fazer escova!

E – A gente está terminando... E qual a sua rotina?

D – Eu acordo, venho pra cá (instituição de Educação Não-Formal), almoço aqui, depois almoço de novo em casa, depois eu vou pra escola. Quando acaba a aula, vou pra casa assistir novela e umas 20h30/21h00 eu vou dormir.

E – E no final de semana?

D – Vou pra casa do namorado, vou andar com as minhas amigas, ver os homens bonitos...

E – Você tem computador em casa?

D – Não.

E – Seu pai tem carro?

D – Tem um carro.

E – E você lê alguma coisa normalmente?

D – Não!

E – Qual foi o último livro que você leu?

D – Nenhum!

E – Você nunca leu um livro?

D – Não!

E – Nem na instituição?

D – Ah, só gibi.

E – E você nunca participou da Oficina de Contadores de Histórias?

D – Não, porque é só pra criança. Eu nunca peguei um livro de história na mão. Eu só pego os livros das matérias na escola.

E – E quando você lê gibi, você gosta de ler como?

D – Deitada.

E – Você não dorme?

D – Não. E, mesmo gibi, eu não gosto de ler não. Eu li uma vez só, quando a gente estava deitado na sala de aula e a professora pediu pra gente ler na classe.

E – Então, você nunca pegou um livro, gibi ou alguma coisa pra ler por conta própria, né?

D – Não!

E – Bom, vamos pra pergunta principal: Você não gosta de ler, né?

D – Odeio ler.

E – E quais são as experiências ou interações que você acha que fizeram você não gostar de ler?

D – Uma professora minha, da escola perto de casa, a professora Aparecida.

E – E o que ela fez?

D – Ela batia na gente com a régua quando a gente não queria ler. Ela pedia, brava, pra gente ler. A gente não lia e ela pegava a gente pelo cabelo, chacoalhava assim (mostrando o gesto com os braços) e fazia a gente ler forçado. Ela fazia isso com todo mundo que não queria ler. Isso foi na 1ª série.

E – E você já lia na 1ª série?

D – Não, fui aprender a ler só na 4ª, por isso que eu não lia na aula dela. Eu apanhava mas não lia! Ela batia em quem não queria ler! Doía muito! Ela mandava a gente ficar atrás da porta.

E – Fora essa professora, teve mais alguém?

D – A professora de História desse ano, ela força muito a gente ler! E eu não quero ler e eu não leio! E quando a gente não lê, ela dá ponto negativo.

E – E você não lê mesmo?

D – Eu não! Quando eu não quero fazer alguma coisa, eu não faço! Não sai!

E – Você começou a ler na 4ª série, né? E quem te ensinou a ler?
D – Minha mãe!
E – Mas você já não morava mais com ela?
D – Não, minha madrasta. É que eu chamo ela de mãe. Ela é muito legal!
E – Você gosta bastante dela, pelo que eu percebi, né?
D – É, ela me dá tudo o que eu quero! Ela fala que a gente tem que conquistar o que a gente quer! Olha, eu escrevi meu nome no seu estojo pra você lembrar de mim!
E – Bom, então você vai conquistando ela e ela vai dando tudo o que você quer?
D – É! (risos) Ela me ensinou a ler em casa, com uma cartilha.
E – E tem mais alguém que você acha que fez você não gostar de ler? Família, amigos...
D – Ah, meu pai me forçava a ler. Quando eu não queria ler, eu ficava sem sair de casa pra passear. Daí eu fingia que estava lendo.
E – E seus amigos, gostam de ler?
D – Não! Ninguém gosta de ler não! É muito chato!
E – E sobre sua professora da 1ª série, fale mais um pouco...
D – Ela dava reguada na gente, pra machucar mesmo! No braço, na cabeça e eu não lia! Ela pedia pra gente ler e eu não lia não! Colocava a gente pra ajoelhar no chão! A minha mãe (madrasta) foi lá um dia e falou com ela, mas ela continuava fazendo isso. Sabia que eu sou hiperativa? Eu não gosto de ficar sentada por muito tempo. Por exemplo, eu estou aqui com você, daqui a pouco eu me estresso e vou embora!
E – Eu já percebi! Não parou de mexer nas minhas coisas nem um segundo! (risos)
D – Eu não consigo ficar assim. Daqui a pouco, se eu estressar e não quiser mais ficar aqui fazendo entrevista, eu vou embora e ninguém me segura! Eu não fico! Eu sou assim! Estou tomando até remédio pra acalmar, porque eu não paro! Eu não consigo estar em um lugar sem mexer em nada. E quando eu quero sair, eu saio, até da aula, não peço nem licença e vou embora!
E – Nossa, então na escola é um problema pra você ficar sentadinha!
D – Eu levava muita reguada, tinha dia que eu chegava marcada em casa, com uns vergões roxos. Isso aqui era da 1ª série (e me mostra uma cicatriz no braço de aproximadamente 3 centímetros)... A reguada que ela me deu, cortou. Ela era velha e eu nunca mais vi ela e nem quero ver! Minha mãe foi no Conselho Tutelar, mas não deu em nada e ela ainda dá aula lá na escola. Meus filhos não vão estudar naquela escola não! Aliás, nem quero ter filho, não dá pra passear, ir pras baladas...
E – Você vai muito pra balada?
D – Não, meu pai não deixa.
E – Bom, é só isso?
D – Só! Agora posso escutar a entrevista?
E – Pode!